

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**A RUA DA PRAIA, O RIO TAQUARI E SUAS PAISAGENS (ESTRELA/RS): INCORPORAÇÕES,
CICLOS E REPRESENTAÇÕES.**

LUCAS PORFÍRIO SCHNEIDER

ORIENTADORA

Profa. Dra. Cláudia Luísa Zeferino Pires

PORTO ALEGRE, OUTUBRO DE 2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

**A RUA DA PRAIA, O RIO TAQUARI E SUAS PAISAGENS (ESTRELA/RS): INCORPORAÇÕES,
CICLOS E REPRESENTAÇÕES.**

LUCAS PORFÍRIO SCHNEIDER

Orientadora: Profa. Dra. Cláudia Luísa Zeferino Pires

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Isabel Cristina de Moura Carvalho (PUCRS)

Prof. Dr. Nelson Rego (POSGEA/UFRGS)

Prof. Dr. Álvaro Luiz Heidrich (POSGEA/UFRGS)

**Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Geografia como
requisito para obtenção do título de
Mestre em Geografia**

PORTO ALEGRE, OUTUBRO DE 2015

CIP - Catalogação na Publicação

Schneider, Lucas Porfírio
A Rua da Praia, o Rio Taquari e suas paisagens
(Estrela/RS): incorporações, ciclos e representações.
/ Lucas Porfírio Schneider. -- 2015.
132 f.

Orientadora: Cláudia Luísa Zeferino Pires.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, Instituto de Geociências,
Programa de Pós-Graduação em Geografia, Porto Alegre,
BR-RS, 2015.

1. Paisagem. 2. Representações. 3. Memórias. 4. Rua
da Praia (Estrela/RS). 5. Rio Taquari. I. Pires,
Cláudia Luísa Zeferino, orient. II. Título.

AGRADECIMENTOS

Embora eu tenha construído esta dissertação e esta dissertação tenha me construído, outras pessoas participaram desta caminhada totalizante. Sou muito grato a todas elas por me acompanharem e me ajudarem, de algum jeito, na intensa e nem sempre fácil caminhada que foi a elaboração deste trabalho (com seus ciclos e suas rupturas) e em minhas permanências e mudanças como pessoa e como profissional. Por isso, escrevo abaixo o nome daquelas que deixaram (ou deixam) algo delas em mim e em minha pesquisa.

Aos meus pais que, Paulo e Tânia que, embora não tenham participado “ativamente” da pesquisa, estimularam em mim desde pequeno o desejo da leitura e da descoberta e, na atualidade, continuam instigando e apoiando minha caminhada como pessoa e como profissional. Obrigado por serem meus portos-seguros: aguentarem minhas ausências e me financiarem com recursos, amor e carinho e boas conversas.

À minha irmã, Paula, por sua cumplicidade, sua amizade e seu carinho (e também paciência). Seu saber sobre mitologias me abrem um mundo até então fechado, mas recheado de histórias e surpresas.

A estes, escrevo:

“Porque, onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração.”

À Claudia Pires, minha mestra, por abraçar este projeto comigo e me provocar reflexões como pessoa, como cidadão, como pesquisador e como geógrafo, tanto em suas aulas quanto em suas orientações (que, afinal, também foram ótimas aulas). Durante o percurso do trabalho, percebi que as angústias trazidas pelos seus questionamentos permitiram descaminhos, estimulando minha crítica sobre a própria pesquisa e, portanto, instigaram ao meu próprio encontro com o trabalho, como pessoa e pesquisador.

À minha terapeuta, Elisa Xerxenesky, por aturar, compreender e ajudar em todas as minhas queixas, ansiedades e crises de pânico- que não são poucas- que lhe levei todas

as terças-feiras de tarde. O caminho (pessoal e profissional) seria bem mais sofrido sem essa ajuda.

Ao Martin Luther, Colégio ao qual retornei (será que saí algum dia, pelo que carreguei e levei da instituição para outros lugares?) depois de alguns anos, agora não mais como aluno-professor, mas como professor-aluno. Agradeço pela confiança depositada em mim como profissional-professor e pela paciência pelas minhas ausências.

Ao Sinésio Fröder, pela ótima surpresa de uma amizade redescoberta no fim da dissertação e pelas agradáveis conversas sobre música.

À Amanda Bahi, que jamais me negou auxílio durante o processo de escrita da dissertação e sempre ofereceu sua ajuda ao perceber minhas ansiedades.

À CAPES por prover, durante dois anos, a bolsa de mestrado de minha pesquisa, sem a qual encontraria muitas dificuldades em construir esta dissertação.

À UFRGS e ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, pela formação pública e de qualidade.

Aos antigos moradores da Rua da Praia, pela disponibilidade em me receberem em suas casas, pela paciência por percorrerem comigo a Rua da Praia, me fazendo ver o que era invisível para mim e também pelas memórias contadas a mim, momentos que me foram de muita aprendizagem, ao evocarem o pensamento dardeliano de que geografias vão muito além do científico.

E por último, à banca de qualificação e de defesa da dissertação, pelo debate e o enriquecimento propiciado por suas diferentes leituras de mundo.

A todos, meu muito obrigado!

RESUMO

Em uma atualidade em que se buscam diminuir os atritos ambientais entre sociedades humanas e o planeta Terra, tem interessado à Geografia buscar novos paradigmas e metodologias que buscam um que está além da clássica oposição entre “homem” e natureza. A perspectiva humanista, ao considerar que os humanos se constituem enquanto indivíduos a partir da correlação entre ser e mundo foi adotada por nossa pesquisa, que intenciona elucidar as maneiras pelas quais, às margens do Rio Taquari, em Estrela/RS, na antiga Rua da Praia (local ainda presente na memória de seus moradores), ciclos e ritmos humanos, em suas relações com dinâmicas não humanas, corporificavam paisagens testemunhas de suas atividades e lhes agregavam significações (representações). Para isso, realizamos entrevistas individuais narrativas com antigos moradores da Rua da Praia a fim de identificarmos práticas realizadas, suas relações com elementos não humanos e significações colhidas ao desempenharem suas atividades no local de análise. Evidenciamos significações paradoxais de paisagens narradas, ora idílicas- emaranhadas à pujança econômica da Rua da Praia, às possibilidades de lazer que o Rio Taquari propiciava e à segurança dos laços familiares e de vizinhança- ora desagradáveis e fóbicas- ligadas às enchentes, às secas, afogamentos causados pelo Rio ou ao fechamento da Rua pela Cervejaria Polar.

Palavras-chave: Paisagem, Atividades, Representações, Memórias, Rio Taquari, Rua da Praia-Estrela/RS.

ZUSAMMENFASSUNG

In einer Zeit in der man versucht Umweltspannungen zwischen menschlichen Gemeinschaften und dem Planet Erde zu verringern, hat die Geografie sich damit beschäftigt, neue Paradigmen und Methoden zu finden, die über die klassische Entgegensetzung zwischen "Mensch" und Natur hinausgehen. Die humanistische Perspektive, die davon ausgeht, dass die Menschen als Individuen durch den Austausch mit der Welt ein unveräußerliches Sein bilden, wurde in unserer Forschung verwendet. Unsere Forschung hat die Absicht zu erläutern durch welche Verfahren Landschaften am Ufer des Rio Taquari in Estrela/RS in der alten "Rua da Praia" als Zeugen menschlicher Zyklen und Rhythmen einbezogen wurden und an Bedeutungen (Repräsentationen) gewannen. Um dies zu erläutern haben wir individuelle Interviews mit ehemaligen Bewohner der "Rua da Praia" - Ort der immer noch in den Erinnerungen der Einwohner da ist - durchgeführt. Damit wollen wir ausgeübte Praktiken der Bewohner in ihren Beschäftigungen am Ort der Analyse (zu ihren Verhältnissen mit menschlichen und nicht-menschlichen Elementen) und gesammelte Bedeutungen mit der Welt identifizieren. Wir stellen paradoxe Bedeutungen der erzählten Landschaften fest. Einmal sind sie idyllisch - verwickelt in der wirtschaftlichen Leistungskraft der "Rua da Praia", in den Freizeitmöglichkeiten, die der Fluss Taquari ermöglichte und die Sicherheit der Verbindungen zu Familie und Nachbarschaft - dann unangenehm und ängstlich - verbunden mit der Angst vor Überschwemmungen, vor Trocknungen, vor Ertränkungsfällen, die durch den Fluss verursacht wurden und die Schließung der Straße durch die Polar Brauerei.

Schlüsselwörter: Landschaft, Beschäftigungen, Repräsentationen, Erinnerungen, Rio Taquari, Rua da Praia - Estrela/RS

LISTA DE FIGURAS

Figura	Folha
Figura 1: localização dos municípios de Estrela e de Bom Retiro do Sul no RS	11
Figura 2: Presença de memórias da Rua da Praia em fotografia e livro	12
Figura 3: Localização da área de estudo	15
Figura 4: Fotografia da Praia de Estrela, às margens do Rio Taquari	34
Figura 5: Esquema ilustrativo de formação das representações	47
Figura 6: Esquema representativo da produção de memórias	52
Figura 7: Esquema ilustrativo da constituição do referencial teórico-metodológico e do tópico inicial	57
Figura 8: Esquema ilustrativo dos procedimentos de análise das entrevistas	64
Figura 9: Fotografia da Igreja Matriz Santo Antônio, em Estrela/RS	66
Figura 10: Fotografia do antigo Porto de Estrela antes da construção do cais e do belvedere	67
Figura 11: Fotografia do antigo passo de Estrela localizado à Rua da Praia	67
Figura 12: Fotografia do Vapor Estrela, da Companhia de Navegação Arnt	69
Figura 13: Fotografia da segunda Casa de Estrela	70
Figura 14: Fotografia de uma maxambomba do antigo Porto de Estrela	71
Figura 15: Fotografia da agência de navegação Arnt	72
Figura 16: Fotografia do antigo Porto de Estrela com suas estátuas	73
Figura 17: Fotografia aérea ilustrando o antigo Ziguezague	74
Figura 18: Desenho da antiga Fábrica de Banha e Manteiga Fett	75
Figura 19: Fotografia do moinho Estrellense	75
Figura 20: Fotografia de fábrica de torra de café	75
Figura 21: Fotografia da Fábrica de Cerveja Estrella	76
Figura 22: Fotografia de poço de propriedade de L. I. Müssnich	77
Figura 23: Fotografia aérea da Rua da Praia	78
Figura 24: Conjunto de fotografias que ilustra o processo de privatização da Rua da Praia pela Cervejaria Polar S/A	80
Figura 25: Esquematisação gráfica do processo de privatização da área de estudos a partir de gravura de ruas do Centro de Estrela	81
Figura 26: Mapa de localização e fotografia da barragem-eclusa	82
Figura 27: Fotografia de ilha no Rio Taquari denominada Prainha Americana	82
Figura 28: Monumento do Cascalho, localizado na atual Rua 13 de Maio	83
Figura 29: Fotografias ilustrativas do antigo Porto de Estrela restaurado	84
Figura 30: Fotografia de barco encalhado no leito do Rio Taquari	93
Figura 31: Fotografia ilustrativa da disposição de imóveis e do Buraco dos Cachorros à Rua da Praia	109

LISTA DE QUADROS

Quadro	Folha
Quadro 1: Etapas de realização da pesquisa	53
Quadro 2: Descrição das condições das entrevistas	59

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.	f. 10
2. PAISAGENS: SIGNIFICADOS E INTENÇÕES.	f. 21
3. PAISAGEM: HISTÓRIA DAS FORMAS DAS ATIVIDADES HUMANAS.	f. 32
4. OS INDIVÍDUOS NA PAISAGEM E A PAISAGEM NOS INDIVÍDUOS: REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS.	f. 43
5. CAMINHOS E INSTRUMENTOS DO TRABALHO.	f. 53
6. INCORPORAÇÕES EM PAISAGENS: UMA PERSPECTIVA GEO-HISTÓRICA.	f. 65
7. A RUA DA PRAIA E SUAS PAISAGENS: RITMOS, CICLOS, INCORPORAÇÕES E REPRESENTAÇÕES.	f. 85
7.1 Paisagens do Labor, Paisagens da Locomoção e seus Horizontes.	f. 85
7.2 Paisagens da Moradia, suas centralidades e seus saudosismos.	f. 94
7.3 Entre os hiatos da moradia e do labor: harmonias visuais e corporais com o Rio Taquari.	f. 109
8. A TEIA.	f. 122
REFERÊNCIAS.	f. 128

“Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia.”

(Guimarães Rosa)

“Não se conta tudo porque o tudo é um oco nada.”

(Clarice Lispector)

“Eu queria um dia que, com o teu trabalho, Estrela visse como era a Rua da Praia.”

(Fala de antiga moradora da Rua da Praia)

1. INTRODUÇÃO.

Este trabalho tem como principal intenção elucidar dinâmicas de humanos e de não humanos que, a partir de suas atividades compunham uma paisagem, no bairro centro do município de Estrela/RS até a década de 1970, às margens do Rio Taquari. Por isto, para a realização deste trabalho é fundamental construir uma significação do conceito-análise de paisagem que permita compreender, a partir de vivências constituídas do entrelaçamento dos moradores com a “Rua da Praia” (atualmente denominada Rua Arnaldo J. Diel), ritmos, ciclos, incorporações e representações.

Durante o tempo de vida em que morei no município de Estrela, no Rio Grande do Sul, percebia compartilhamentos com o Rio Taquari. Estas intimidades se davam a partir de diversas práticas: dos banhos nas épocas de calor, principalmente entre as pessoas mais novas (atividade que ainda hoje ocorre, mesmo com o Rio ¹extremamente poluído), da navegação, seja a partir da utilização de barcos, lanchas ou jet-skis, ou ainda, por vezes, da observação do Taquari a partir de suas margens. A figura 1 ilustra o município de Estrela, onde se desenvolve esta análise.

¹ A partir deste trecho, para evitar repetir muitas vezes o termo “Rio Taquari”, poderei substituí-lo simplesmente pelas palavras “Rio” ou “Taquari”, sempre em letra maiúscula.

² DAUVIGNAUD, José. **Prefácio**. In: HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

³ Não concebo aqui tempo como dimensão cronológica nem espaço como algo que o indivíduo possa se “descorporificar” dele. Esta discussão será tratada no próximo capítulo.

⁴ Consideramos como metodologias humanistas paradigmas que considerem o indivíduo como ser vivente

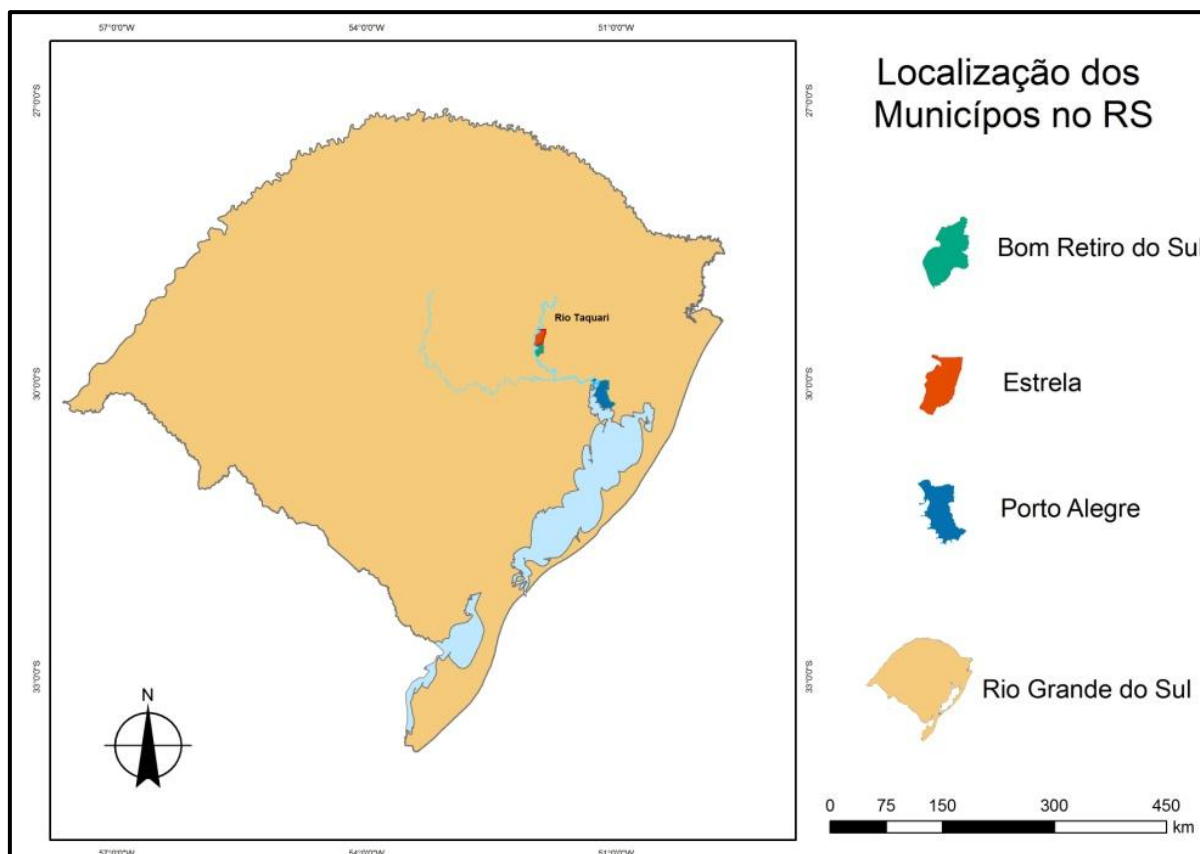


Figura 1: A Localização de Estrela e Bom Retiro do Sul no RS, em relação à capital. Elaborado em 03/12/2014, por Mateus Gleiser e Lucas Schneider.

Parte das intimidades, porém, ocorria e ainda hoje ocorre através da pintura, da fotografia e da escrita, incluindo a existência de clubes como o denominado “Os Barranqueiros do Rio Taquari”, que abriga antigos moradores de uma rua (denominada popularmente de “Rua da Praia”) que se localizava às margens do Rio. Diversos livros, como por exemplo, “Nas Barrancas” da autoria de Assis Sampaio (a capa do livro possui uma pintura das escadarias do antigo porto de Estrela, localizado na Rua da Praia), O Município de Estrela de L. Hessel ou ainda Estrela: Ontem e Hoje, De J. A. Schierholt, assim como jornais, principalmente o “Folha de Estrela”, ilustram a importância que possuía o Rio Taquari no contexto da economia e das significações simbólicas da região.



A presença de inúmeras fotos e pinturas do Rio Taquari ou do antigo Porto de Estrela/RS em estabelecimentos de comércio, por exemplo, é uma prática que tem se tornado crescente. Segundo Santos (2011)

As ações são cada vez mais estranhas aos fins próprios do homem e do lugar. [...] muitas das ações que se exercem num lugar são o produto de necessidades alheias, de funções cuja geração é distante e das quais apenas a resposta é localizada naquele ponto preciso da superfície da Terra. (p. 51).

Não fica difícil vermos então, porque as memórias se tornam cada vez mais importantes para os lugares. A forma de produção atual, um capitalismo globalizante, que se utiliza das horizontalidades (SANTOS, 2011) de um sistema orgânico local ao mesmo tempo em que o (re) organiza, sob ordens e desejos das redes globais, produz como reflexo uma reação que parte do lugar, que deseja definir a sua existência enquanto autenticidade. Seriam as memórias (e então, o passado), maneira de fazer frente a uma ordem exógena que “cosmopolitiza” os lugares? Podemos responder este questionamento a partir de Abreu, para quem

O passado é uma das dimensões mais importantes da singularidade. [...] A busca de identidade dos lugares, tão alardeada nos dias de hoje, tem sido fundamentalmente em busca de suas raízes, uma busca de passado. (2011, p. 21).

Desde quando iniciei as pesquisas para a elaboração de minha monografia de graduação, percebi o quanto o Rio Taquari e a Rua da Praia eram elementos importantes

social e afetivamente, muito presentes como memória para moradores da cidade, principalmente entre pessoas mais idosas. Ocorre que, durante a década de 1970, ocorreram, conforme minha pesquisa, rupturas de uso destes dois elementos espaciais a partir de uma modernização produtiva que se inseriu no território. Embora tenha encontrado indivíduos, ainda na atualidade, que se manifestaram favoráveis a esta modernização, talvez os acontecimentos resultantes a este processo permitiram intensificar um passado saudosista.

Dauvignaud² (1990) apud Abreu escreve que é “... nos momentos em que há rupturas de continuidades históricas que as atenções tendem a se direcionar para a memória”. Desta forma, buscar em histórias orais vivências que ilustram um período na geo-história de Estrela permite compreender as representações de uma época que se desenvolve nos dois primeiros terços do século XX.

É claro que isto significou, no processo de pesquisa, atentar contra a adoção de uma visão bucólica, saudosista e idealizada dos acontecimentos, como representa Casimiro de Abreu, em seu poema “Meus Oito Anos” (ABREU, 2006). Ao adquirir este sentimento bucólico e talvez, complacente, sabemos que o pesquisador pode vir a comprometer as possíveis interpretações e resultados deste trabalho. Conforme expressa Fernandes et al.

Não se trata de uma visão ingênua, de neutralidade da ciência, mas sim de como as inclinações de um pesquisador podem comprometer a compreensão do fenômeno. (2013, p. 9).

Atentemos, agora, para a descrição de alguns dos elementos e atividades que ocorriam na área de estudo e o processo de modernização territorial e suas modificações espaciais.

O processo de fechamento da Rua da Praia, que denomino de “privatização”, ocorreu na década de 1970, no centro de Estrela. Àquela época, entre as décadas de 1950 até 1975, houve a compra, pela Polar S/A, uma indústria cervejeira, de diversos imóveis situados em certo trecho da Rua da Praia (àquela época, denominada de Marechal Deodoro). Este trecho da Rua, segundo fotografias e entrevistado 4, apresentava uma composição muito variada até a década de 1970: havia residências destinadas à moradia,

² DAUVIGNAUD, José. **Prefácio**. In: HALBWACHS, Maurice. Memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990.

mas junto a algumas dessas casas ou nos terrenos adjacentes, havia negócios, como restaurante e padaria, lojas, casas comerciais e algumas fábricas (de utensílios de madeira, etc.), garagens de ônibus e também poteiros de criação de animais; atividades que, ao passar dos anos, foram sendo comprados ou herdados e seus negócios, muitas vezes, modificados. Segundo Schneider (2013), dentre os grandes estabelecimentos, se destacava, desde a década de 1930, a Cervejaria Polar que, ao longo, dos anos, foi tendo seus proprietários e nome modificados. Durante o processo de incorporação, a Polar foi destruindo os imóveis que os proprietários lhe haviam vendido, e construindo e aumentando, paulatinamente, a própria fábrica. Por fim, ocorreu também o fechamento a acesso público a parte da própria Rua da Praia (então Marechal Deodoro) e também a parte da Rua Coronel Flores, como está ilustrado na figura 3.

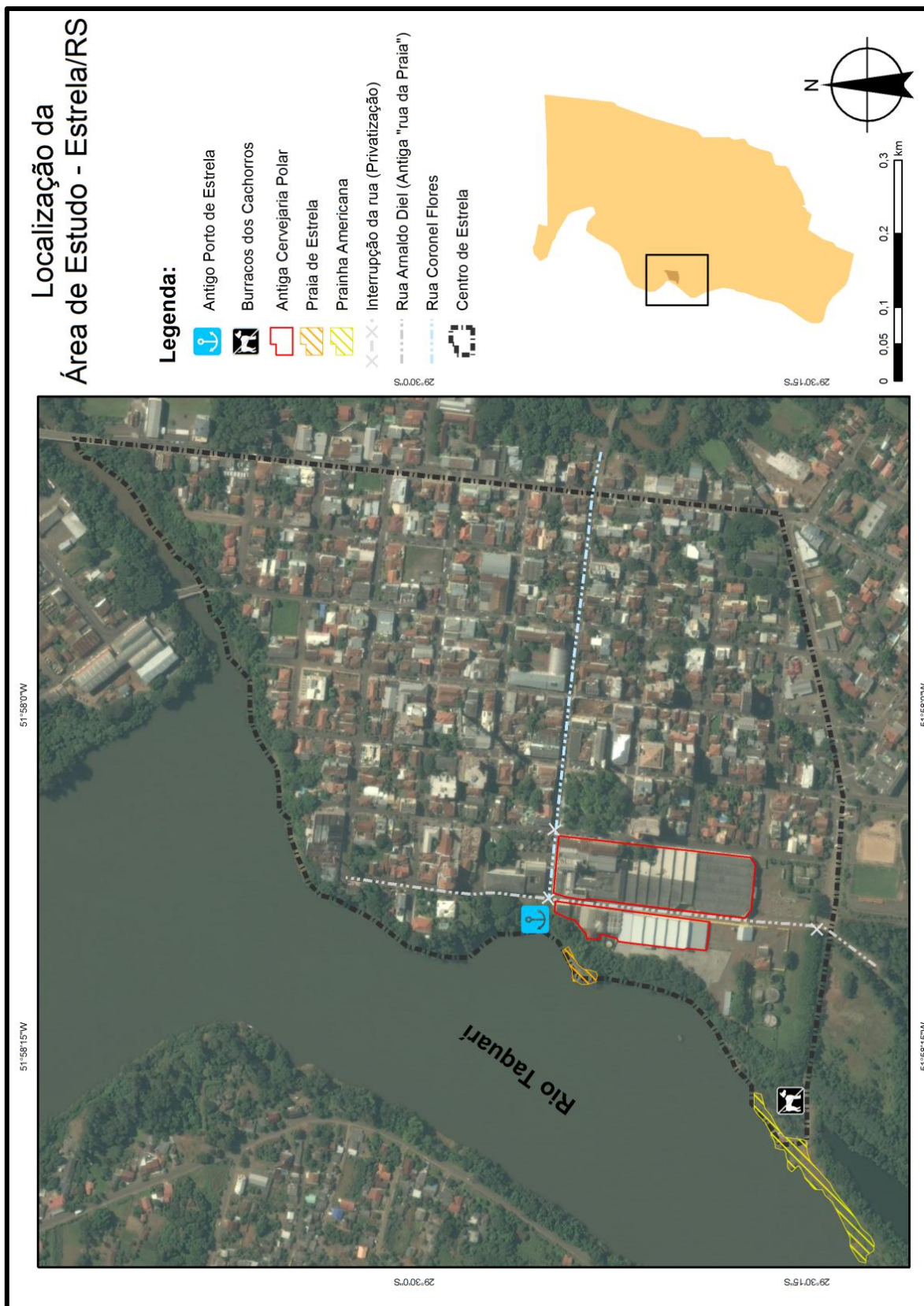


Figura 3: Localização da área de estudo. Elaborado em 03/12/2014 por Mateus Gleiser e Lucas Schneider, no programa ArcGis.

No entanto, há outro fato a considerarmos neste processo de privatização. A Rua da Praia era uma das via de circulação mais próximas do Rio Taquari que havia no centro de Estrela, visto que um de seus lados, como podemos ver na Imagem 2, era limitado pelas margens do Taquari. Portanto, chegava-se às margens do Rio por meio dela. Segundo documentos escritos e oralidades, ela era muito movimentada, sendo utilizada, como espaço público, por empresas e indivíduos como via de circulação, tanto *para* e *entre* estabelecimentos e residências que havia nesta Rua, mas também para Rio Taquari e deste para o centro da cidade. Obviamente que, ao fechar o trecho apresentado no mapa, atividades como estas deixaram de se fazer, pelo menos neste local.

Mas também, durante a década de 1970, houve outra transformação. Em 1977, inaugurou-se uma barragem-eclusa no município de Bom Retiro do Sul (a localização deste município está na Imagem 1), distante 14 quilômetros de Estrela e localizado a sua jusante no Rio Taquari. O funcionamento dela ocasionou alterações do regime e do leito fluviais que, segundo Ferri (1991), modificou-se de 4 para 10 metros. Esta alteração causou o total desaparecimento de duas faixas de terra e cascalhos, próximas à Rua da Praia, que emergiam durante a época do verão (quando ocorria o período de vazante), às margens do Rio Taquari, conhecidas popularmente como a “Praia de Estrela”, local de atividades hedonistas, inclusive de banhos de Rio.

Se podemos afirmar que cada lugar, na atualidade, é ao mesmo tempo, o ponto de encontro de diversas escalas geográficas, como a global, a nacional e a regional, há de se buscar os processos sociais e econômicos de sincronia destas diversas escalas. A compreensão das dimensões socioeconômicas auxiliaria na compreensão de vivências e representações ligadas ao local de estudo antes das transformações espaciais da década de 1970. Incluída aqui está a materialização de uma paisagem que, embora saibamos na atualidade ser apenas memória, acompanhava os indivíduos em suas atividades do dia-a-dia àquela época. Esta intenção será buscada através de minha pesquisa monográfica, na qual, utilizando-me da metodologia de Santos (2011), propus que o espaço geográfico estrelense seja resultado de um conjunto sistêmico de objetos indissociável de um sistema de ações, a partir da qual concebi uma geo-história de Estrela, e que seria

importante para melhor compreensão da área de estudo desta pesquisa, conforme podemos observar na figura 3.

A partir da breve contextualização que fiz para ilustrar as transformações que ocorreram na área de estudo na década de 1970, devemos então questionar algumas coisas. A primeira delas é a *significação que será constituída para o conceito-análise de paisagem*. O segundo questionamento é de que forma este conceito permitirá compreender vivências e representações dos indivíduos nos seus entrelaçamentos com a Rua da Praia e o Rio Taquari.

Primeiramente, se sabemos que o conceito de paisagem desenvolve-se dentro de uma dimensão espacial e temporal e compreendemos que vivências e representações são constituídas dentro de uma dimensão temporal e, também, espacial³, o conceito de paisagem, dependendo da construção teórica que apresentar, pode analisar, portanto, de que maneiras as relações de atividades entre não humanos e humanos corporificavam-se numa paisagem, que é a intencionalidade desta pesquisa. Assim, o conceito de paisagem não é somente uma dimensão empírica inseparável de tempo e de espaço, mas também uma maneira de analisar estas dimensões enquanto conceito análise.

O conceito de paisagem, dentro da história do pensamento geográfico, foi apresentando diversas significações. Historicamente, conforme escreve Amaral (2001), a utilização do termo *landscape* data da influência dos pintores holandeses dos séculos XVI e XVII que, ao retratarem cenas da vida campestre e rural, contribuíram para o renascimento e ressignificação (se comparado às definições da antiguidade e da idade medieval) deste termo a partir de seus retratos. Corbin (1989) afirma que, durante o processo de invenção da praia como local de lazer no período da modernidade, a prática de retratação do litoral a partir de uma visão panorâmica permitiu a elaboração de uma paisagem litorânea enquanto quadro de pintura de cenas pitorescas.

Percebemos que o ressurgimento do termo paisagem na modernidade, adquire duas propriedades quase que inseparáveis e intrínsecas: a primeira delas é a retratação daquilo que se entende por natureza (isto é, aqui os elementos não modificados pelas

³ Não concebo aqui tempo como dimensão cronológica nem espaço como algo que o indivíduo possa se “descorporificar” dele. Esta discussão será tratada no próximo capítulo.

ações humanas). Essa retratação tem por fim despertar, inicialmente, a admiração da obra de Deus, e posteriormente, o interesse na diversidade da Terra enquanto lugar de riqueza. Por isso, essa natureza é sempre quase posta como idílica e valorizada enquanto a seus aspectos estéticos. O segundo atributo da paisagem é que a sua construção, enquanto descrição dos elementos vistos, depende do observador (ou do pintor); isto é, depende do seu campo de visão. A partir das influências destas pinturas, a paisagem adquiriu um valor estético e uma metodologia descritiva dos aspectos naturais visíveis enquanto instrumento de uma ciência positiva. Assim, a natureza já estava posta como algo separado dos humanos.

No entanto, é necessário relativizarmos o olhar e as impressões sobre a percepção da paisagem porque ela não é somente aquilo que é observável; tanto porque nem todas as atividades deixam rastros de si na paisagem quanto porque a paisagem é sempre uma leitura interpretativa de mundo. Em segundo lugar, porque há dúvida quanto à utilidade de separação entre natureza e ser humano, ainda mais em um local de estudo em que elementos não humanos se fazem tão presentes na vida dos indivíduos, como no caso do Rio Taquari. Em terceiro, embora o método positivo tenha, por muito tempo, afirmado a independência do fato observável diante do pesquisador que o estuda, sabemos que a paisagem é constituída a partir de uma leitura do observador. Como escreve Husserl (1989): “o conhecimento é, em todas as suas configurações, uma vivência psíquica: é conhecimento do sujeito que conhece.” (p. 42).

Considerando o principal objetivo desta pesquisa, uma das intenções específicas deste trabalho é buscarmos uma conceituação de paisagem que possa ser significativa como procedimento de análise de percepções de antigos moradores da Rua da Praia, ao mesmo tempo em que, também, dimensão corporificada das diversas relações e fluxos presentes no local. Por isso, considerando-se aqui que as possibilidades de registro e definição desta paisagem se produzem principalmente a partir de histórias orais, há que se construir uma conceituação em que paisagem tenha uma perspectiva não apenas morfológica (forma), mas também processual (enquanto dinâmica) e também relacional (entre humanos e não humanos).

Intencionamos uma conceituação de paisagem que permita analisar-lhe para além de aspectos referentes à sua morfologia, e que lhe considere enquanto corporificação de relações entre humanos e não humanos. Estamos, desta maneira, trabalhando com uma questão que durante muito tempo se definiu como oposta entre uma e outra: indivíduo/sociedade versus natureza. Intenciono, com este trabalho, trazer à luz, a partir da análise das histórias orais, relações que podem se constituir entre os humanos e coisas vistas como “natureza”, considerando-as inseridas em um ambiente composto por seus infinitos fluxos de vida.

Por isso, utilizamo-nos dos termos “humano” e “não humano”, já que estes evitam uma oposição entre natureza (ou paisagem) e humanidade, que se desfaz no processo de totalização da paisagem. Consideramos aqui os conceitos humano e não humano uma questão de identidade entre entidades que se fazem presentes na paisagem

O trabalho é dividido em quatro partes: a primeira parte é esta introdução, na qual descrevemos e justificamos nossas intencionalidades (geral e específicas) para a realização deste trabalho, contextualizamos sua problemática histórica em que se insere, bem como, ao final, demonstramos como este será organizado de maneira a apresentar uma construção gradual do conceito de paisagem, de metodologia de análise das entrevistas e sua análise propriamente dita.

Na segunda parte, apresentamos breve narrativa de conceituações de paisagem ao longo da história do pensamento geográfico, que visam compreender os caminhos da geografia e suas presenças neste trabalho. Em seguida, a partir de leituras de Ingold (1993) e Lá (2011[1952]), Pesavento (2006) e Jodelet (2009), propomos uma discussão teórica que tem como objetivo trazer à luz os conceitos de paisagem, de memória e de representação para que em conjunto, possam auxiliar na análise deste trabalho. Posteriormente, apresentamos os procedimentos metodológicos, no qual expomos passos e etapas de síntese deste trabalho, justificamos o tipo de entrevista que é realizada, a partir das intencionalidades do trabalho e do *corpus* da pesquisa. Nos procedimentos, também são apresentados o método de análise qualitativa das entrevistas, que está atrelado aos próprios conceitos balizadores da pesquisa: paisagem e representação, enquanto significação de ausências (CERTEAU, 1994), isto é, memória.

Na terceira parte, exporemos a geo-história de Estrela através da pesquisa realizada por Schneider (2013) através de documentos escritos (livros, jornais, revistas...), imagens e conversas informais. As intenções desta descrição são: a) a compreensão por parte do leitor, a partir de uma leitura fenomênica espacial, do processo de gênese de uma paisagem na área de estudo desta pesquisa; b) a explanação de um contexto social e espacial que auxiliou o pesquisador a compreender melhor os acontecimentos que ocorriam na área de estudo, principalmente na época em que os indivíduos entrevistados nela residiam. Esta intenção permite que o pesquisador possa examinar e compreender melhor o que os indivíduos narram, suas vivências, representações e lugares sociais. De outra forma, permite comparar hipóteses e questões lançadas pelo autor com discursos e experiências espaciais produzidas e narradas pelos indivíduos (em suas narrativas).

A quarta parte será o período em que analisaremos as histórias orais narradas pelos indivíduos a partir das entrevistas realizadas. Neste momento, semelhanças e diferenciais de representação dos indivíduos sobre a paisagem da área de estudos serão articuladas e sistematizadas a partir do conteúdo que as narrações contêm (incluindo aqui as atividades realizadas na e com a paisagem e as significações colhidas pelos indivíduos).

A quinta parte consistirá nas considerações finais, em que apresentaremos uma retrospectiva e reflexões a partir dos escritos do trabalho.

2. PAISAGENS: SIGNIFICADOS E INTENÇÕES.

Durante a história do pensamento geográfico, podemos observar diferentes maneiras de conceituar paisagem a partir das intenções e também dos temas de trabalhos dos autores. Por isso, a paisagem foi adquirindo, no senso comum, conforme Ingold (1993), diversos sinônimos, tais como terra e natureza, relacionados muitas vezes a uma estética idílica. Estes equivalentes relacionam-se à maneira de como este conceito era utilizado para estudar algum assunto/temática. Antes da Geografia se legitimar no campo da ciência, o conceito de paisagem já existia na antiguidade. Do latim, provém a palavra *pagus* (Amaral, 2001), que originalmente significava campo ou território cultivado.

Já percebemos assim que, desde os primórdios do uso desta palavra, que as definições e ideias poderiam se relacionar à terra (a partir da definição de território cultivado) e à natureza (a partir de campo). Ambas estas ideias, no entanto, de campo e natureza, passaram a andar em conjunto a partir de uma crescente contrariedade entre campo e cidade. Sêneca já se queixava da fumaça e do cheiro das cozinhas públicas de Roma e a elite Romana, durante a República, se dirigia à Campânia e à Calábria (Corbin, 1989) para suas atividades lúdicas e hedonistas.

Conforme nos escreve Williams (1990) desde a Antiguidade, ao campo se justapunham ideais como natureza, paz, quietude, simplicidade, fartura, etc. À cidade, sobrevinham termos negativos como mundanidade, soberba, ganância e falsidade. Durante a modernidade, impulsionada pela descoberta dos textos clássicos e latinos e à ascensão da burguesia, a cidade começou, segundo Corbin (1989), a ser vista por esta classe social, no século XVIII, como lugar de incertezas e contestações da ordem social constituída, dos miasmas e da poluição (principalmente a partir da Primeira Revolução Industrial). Observa-se, deste modo, a construção de uma união entre natureza e homem por meio de representações idílicas que o punham em uma relação bucólica e pastoril, em oposição à cidade como fonte dos problemas.

Estas representações idílicas sobrepostas de campo/natureza eram comumente retratadas na pintura artística durante a modernidade, em virtude desta idealização harmônica entre indivíduo e natureza. Conforme já escrevemos de Amaral (2001), a

denominação paisagem foi redefinida em seus princípios modernos entre os séculos XVI e XVII, a partir da influência das pinturas holandesas ao retratarem cenas rurais, na qual a natureza e homem harmonizavam-se a partir de uma relação bucólica de plantio e abundância (Williams, 1990). Essas cenas vão sendo, aos poucos, substituídas por pinturas de visões panorâmicas. Conforme Corbin (ibidem), essas pinturas surgem com o objetivo de retratar a natureza como espetáculo a partir de uma crescente visão de influência e dominação sobre ela, estando encerrada nos limites de um quadro, cujo objetivo é a vista dos elementos pintados. Percebemos, desta maneira, que paisagem começa a se ligar a um padrão de visão estético (não sugere cheiros, nem sons, nem texturas) e está relacionado ao campo de visão do observador que se localiza na superfície terrestre.

Desta forma, a Geografia se encontra legitimada frente ao sistema científico pela necessidade de descrição da superfície terrestre enquanto dimensão das formas dos elementos visíveis. Moreira (2006) afirma que o conhecimento da natureza aqui se combina com o desenvolvimento do capitalismo, no qual a natureza, dessacralizada e separada do “mundo dos homens”, para a ser vista como recurso. Isto se relaciona, conforme Moreira (ibidem), ao surgimento do pensamento racional e, após esta, à emergência do positivismo. Conforme o autor:

Descartes distingue o mundo do homem em **res extensa**, o mundo dos corpos externos, e **res cogitans**, o mundo do ser pensante. E organiza o mundo que nos rodeia (a coisa extensa) como um conjunto de corpos dispostos no espaço, distintos uns dos outros por suas formas e posição na extensão circundante. (ibidem, p. 56); [grifo do autor].

Podemos observar que surge então uma dicotomia, compreendida entre natureza e sociedade, que mais tarde dará luz à clássica divisão entre uma Geografia Física e uma Geografia Humana, e uma paisagem natural de uma paisagem cultural. Ambas não podem se misturar porque a natureza é explicada com base em leis físicas, observáveis em métodos experimentais, a partir dos quais “[...] os fenômenos se tornam objeto de conhecimento mediante a investigação metódica, ganhando o conhecimento dos fenômenos um extraordinário poder de rigor e objetividade.” (ibidem, p. 55), enquanto que o homem não, pelo menos até a chegada do pensamento positivista, aproximadamente na metade do século XIX. Ao mesmo tempo, esta teoria propõem o estudo das coisas que nos rodeiam (*res extensa*) a partir de sua diferenciação pela forma,

o que será reforçado pelo positivismo tanto ao isolar um fenômeno do seu entorno para estudá-lo com a intenção de elaborar leis universais a partir do princípio da indução quanto por sua prática de fragmentar o estudo dos objetos sensíveis em diversos campos de estudo.

Por estes motivos, Suertegaray (2001) vê a ciência geográfica, até recentemente, como contraditória. Embora a Geografia sempre tenha se dedicado a compreender as relações do homem com o meio (entendido aqui como entorno da natureza natural)

... na medida em que na Modernidade se expandiu a racionalidade e se constituiu a ciência moderna, o caminho foi a disjunção, a separação, a compartimentação do conhecimento; a divisão entre as ciências naturais e as ciências sociais. (idem, p. 2).

Estas discussões já há muito são debatidas na ciência geográfica como é demonstrado em Humboldt (1781), em uma tradução mais recente do autor, (1982) que, inserido no período do romantismo alemão enquanto movimento preocupado em não separar natureza e homem, concebia a natureza a partir de uma visão holística. Para Humboldt, havia “leis naturais invariáveis” que atravessavam transversalmente as dimensões cósmica (o mundo ou planeta Terra), da natureza (enquanto diversidade de elementos naturais animados pela vida) e do homem. O entendimento destes fenômenos ocorre de duas formas para Humboldt (ibidem): a primeira, através da observação, articulação e combinação dos fenômenos segundo forma, constituição e força dos elementos. A segunda, a partir dos sentimentos e das emoções que sentimos ao estarmos em certo local. Percebemos, assim em Humboldt que, embora a forma dos elementos seja importante, sua análise não está restrita a esta dimensão, e nem mesmo a investigação está restrita a um pensamento racional, mas também empírico, interpretativo e emocional. Em Humboldt fica evidente, conforme nos escreve Moreira (2006), a ligação do mundo inorgânico, orgânico e do homem através das plantas, as quais são vistas por ele “[...] como o elo costurador da unidade do entrecortado das paisagens.” (idem, p. 22). As plantas, portanto, possibilitam uma visão holista, ao fazer a interação das esferas, de quem o homem não está separado.

Embora com a emergência da filosofia positiva no século XIX a forma tomasse importância sobre a dimensão da funcionalidade e do processo reduzindo, muitas vezes,

a noção de paisagem à forma e à natureza (enquanto dimensão separada do homem), inicia-se uma reação a este modo de pensar, principalmente entre os pensadores alemães. Assim, no início do século XX, autores como Troll (1950) e Tricart (1979), buscam constituir na paisagem a dinâmica temporal. O primeiro considera que este conceito envolve e deve abarcar também o estudo de processos e interações entre dimensões climáticas, do solo, da vegetação, incluindo inclusive a ação humana. Por isso, Troll já aborda a paisagem tanto sob uma perspectiva em que natureza e sociedade/cultura se integram quanto também paisagem enquanto forma e processo.

Tricart (1979) concebe à paisagem uma perspectiva ecológica, compreendendo esta como resultado concreto e observável da extensão e da distribuição, na superfície terrestre, das inter-relações entre o meio (entorno inanimado, isto é: clima, relevo, solo, a hidrografia, etc.) com a dimensão biológica (seres animados) e a própria relação entre estes, produzindo uma fisiologia relativamente homogênea. Tricart (1979), desta maneira, concebe a dimensão da paisagem atrelada à própria dimensão do ecossistema, incluindo aqui as intervenções humanas.

É, no entanto, com Monbeig (1939) e Sauer (1956), a partir da influência de La Blache, que se propõem a paisagem terá uma dimensão cultural. A nosso ver, através das publicações de La Blache (1911), sistematizaram-se os clássicos estudos regionais (isto é, a região sendo vista como um recorte homogêneo da superfície terrestre dotada de singularidade sintetizada a partir das relações do homem com o meio- ou entorno) a partir da análise da paisagem. Moreira (2006) escreve que

[...] anima a geografia da civilização uma espécie de retorno à geografia da superfície terrestre do período iluminista-romântico, pautado agora pela problemática da relação homem-meio em cada canto regional da Terra. (p. 37).

A paisagem torna-se assim o ponto de partida para a compreensão das relações entre sociedade e natureza, porque é desta relação mediada pelos instrumentos utilizados pelo homem que a paisagem adquire, segundo La Blache (1911), uma fisionomia. Esta fisionomia, no entanto, não é fixa: ela é resultado de um processo que ação sobre a natureza. Afirma La Blache (idem):

Um gênero de vida constituído implica em uma ação metódica e contínua, que age fortemente sobre a natureza ou, para falar como geógrafo, sobre a fisionomia das áreas. (p. 114).

Podemos dizer desta maneira que, para La Blache, a paisagem está relacionada uma forma e uma dinâmica, produzidos pelo que o autor denomina gênero de vida, conceito que acabou sendo usado para estudar os costumes e os modos de viver das civilizações durante o século XIX até meados do século XX.

Monbeig (1939) expressa a paisagem como sendo um espelho das civilizações. Para o autor, existe tanto a paisagem natural, termo que compreende somente a natureza em seu aspecto auto generativo, quanto a paisagem cultural, constituída a partir das técnicas e do trabalho humanos, sendo, portanto, um processo de transformação do meio. Atrelada à definição de paisagem cultural está a paisagem enquanto expressão e processo histórico dos grupos humanos (e, portanto, com o gênero de vida lablacheano) e também como possibilidade de recusa do determinismo geográfico. Afirma o autor que:

[...] como a cultura de um grupo evolui, sua paisagem também evolui: o mesmo suporte natural viu sucederem-se diferentes paisagens diferentes, sendo cada uma o reflexo da civilização do grupo de dado momento de sua história. Assim, a paisagem não é mais considerada como produto da geologia e do clima, mas como reflexo da técnica agrícola. (p. 111).

Monbeig considera a paisagem cultural como um cenário que as civilizações constroem a partir do meio natural, por meio de seus utensílios, cabendo ao geógrafo decifrá-las, atentando para não confundir uma paisagem pouco transformada pelas civilizações por uma paisagem natural. Interpreto, desta maneira, que para Monbeig a paisagem deve ser estudada pelos geógrafos não apenas a partir das características dos elementos que são visíveis na paisagem no momento presente (e que formam um cenário), mas que também deve o geógrafo adotar uma perspectiva “arqueológica” da paisagem, se necessário recorrendo a documentações históricas para explicar o processo de construção da paisagem atual, já que muitos dos elementos passados desapareceram. Por tanto, para Monbeig, ao estudo da paisagem está ligada uma perspectiva morfológica e de processo temporal.

Sauer (1956) também insere a dimensão da sociedade no estudo da paisagem com vista à compreender a região. A cultura é vista pelo autor como agente transformante do entorno (meio) físico e insere-se aqui para explicar estas modificações. Segundo Sauer

[...] precisamos saber muito mais sobre o impacto humano na cobertura vegetal, da alteração do homem sobre o solo e a superfície, sobre sua relação com a expansão ou retraimento de espécies, do agenciamento humano na dispersão e modificação das plantas. (1956, p. 146).

Preocupa o autor os métodos nomotéticos de análise da superfície terrestre para elaboração de leis espaciais gerais, que a seu ver prejudicam a possibilidade de analisar a diversidade espacial. Para Sauer, a distribuição dos elementos e dos fenômenos é o método que baliza o entendimento da paisagem. No entanto, para compreender a distribuição dos elementos é necessária a dinâmica do tempo, que altera ausências ou presenças de coisas, a dinâmica da extensão espacial dos elementos, realizada através da descrição, bem como o estudo da morfologia (forma) dos elementos, sendo fundamental sua analogia com a função, a composição, a relação entre eles e o processo temporal. Observo que, para Sauer, o estudo da paisagem inclui uma maior quantidade de noções espaciais a serem levadas em conta (extensão, distribuição e limite), em conjunto com a dimensão do tempo enquanto processo de transformação dos elementos da paisagem. É a partir de relações estabelecidas entre estas noções espaciais que se pode constituir a linguagem do mapa enquanto síntese dos elementos “naturais” e culturais. Isto significa, como escreve o próprio Sauer (*idem*, p. 139), que o mapa possui uma linguagem sinóptica e analítica da paisagem.

Observo, da análise de Humboldt até Sauer, período que vai do final do século XVIII até meados do século XX, algumas rupturas e permanências do conceito de paisagem na Geografia. Em Humboldt e de maneira geral, nos pensadores do romantismo alemão, a paisagem era uma combinação entre a ciência e a estética: era por meio da paisagem que se poderia observar a diversidade do mundo atravessada pelas leis naturais invariáveis, desde a dimensão do cosmos (planeta) até a dimensão do homem, seja por meio das emoções suscitadas, seja por meio do empirismo racional (Humboldt, 1982), do qual se partia da observação dos elementos da paisagem para analisar suas articulações e combinações em uma parte do planeta. Desta maneira, partia-se do todo, o planeta, para

a parte, para observar-se como o todo aí se articulava e combinava, e da parte, novamente se partia para o todo, para compreender a diversidade do planeta, ao mesmo tempo em que a união entre as dimensões animada e inanimada era dada pelo reino das plantas.

A natureza e o homem não eram vistos de forma separada, um contra o outro. Eram vistos como um todo porque eram atravessados pelas mesmas leis naturais invariáveis, embora cada um respondesse o todo a sua maneira. A paisagem então, era a parte do todo no qual o homem poderia observar e sentir a combinação e a articulação dos fenômenos das diferentes dimensões, inclusive a sua própria. Ela não era pois, um simples cenário.

Troll (1950) e Tricart (1979) não possuem uma visão holística da Geografia nem da paisagem. É certo que buscam explicar os processos naturais considerando-se as relações sociedade e natureza a partir dos processos transformação desta, causados pela cultura. Opõem-se à redução da paisagem apenas enquanto forma e buscam estudar a natureza incluindo nela os processos biológicos, no qual Tricart (ibidem) sugere o conceito de ecossistema correspondente a uma paisagem. Por isso a paisagem não é, para estes autores, apenas a sua fisionomia (aquilo que pode ser visto por meio da forma), mas também estão incluídos aqui seus processos e aspectos não visíveis, como por exemplo, análises de solo e de clima em nível laboratorial. Estes autores e os que vimos adiante destes nas páginas anteriores, buscam fazer a articulação das formas e processos dos fenômenos para entender a síntese da parte, mas não se volta mais ao todo, ao planeta. Busca-se, aqui, fazer a síntese regional para explicar a própria região como um todo, como homogênea em seus aspectos fisionômicos e funcionais.

Monbeig (1939) e Sauer (1956), influenciados por La Blache (1911) e por Hettner (1927), adotam a dimensão cultural (enquanto sociedade, não enquanto subjetividades) da transformação da paisagem como fundamental para a compreensão e a síntese regional. Em Monbeig, a paisagem é vista como reflexo das atividades do homem e cenário diante do geógrafo. Desta maneira, segundo Monbeig a paisagem resulta como transformação da paisagem natural em paisagem cultural a partir do trabalho e das técnicas humanos. Parece, no entanto, que esta paisagem, como reflexo, não

necessariamente vai influenciar a sociedade e a cultura. Ela é um cenário. Está à disposição da sociedade aguardando suas atividades. Não faz parte da vida dos homens como ativa, embora materialize ao geógrafo atividades de transformação do meio pelas sociedades, cada uma de acordo com os métodos de trabalho e os tipos de técnica que corresponderiam às “civilizações”.

Neste sentido, para Monbeig, caberia ao geógrafo um trabalho “arqueológico” da paisagem, que lhe permitiria investigar até que ponto uma paisagem menos transformada é realmente natural, e também lhe possibilitaria compreender a história de uma sociedade. Aqui, a análise da paisagem parece coincidir com a fisionomia e tem como objetivo fazer a síntese regional a partir da história da paisagem.

Sauer (1956), como vimos, também propõem que se investiguem as transformações da paisagem a partir dos aspectos da cultura. Para o autor, o estudo da paisagem deve envolver uma série de noções espaciais que investiguem a distribuição dos fenômenos e elementos na paisagem para que se chegue assim, a uma síntese regional. O seu resultado seria uma região homogeneizada por aspectos únicos de relação entre sociedade e natureza a partir da morfologia das coisas, associada e explicada por uma função e um processo a ela ligado. Em suma, o estudo da forma agregado à função e ao processo permitiria chegar-se à explicação da fisionomia da paisagem, enquanto que a distribuição e os limites dos fenômenos permitiria sua espacialização. Região e paisagem confundem-se então, através dos aspectos da fisionomia da superfície terrestre.

Bertrand (1968) instrumentaliza a dinâmica das cadeias tróficas nos estudos da geografia física ao inseri-las dimensão da escala espacial. Para o autor, paisagem é uma porção do espaço em que convivem em uma dinâmica dialética e indissociável elementos físicos (que incluem aspectos climáticos, hidrológicos e geomorfológicos), elementos biológicos (vegetação, solo e fauna) e as ações humanas (BERTRAND, 1968). O autor ainda qualifica o conceito de paisagem tanto ao diminuir a importância de sua delimitação espacial- ao afirmar que mais importantes são as relações entre os elementos que a constituem- quanto por criar diferentes níveis de dimensão espacial da paisagem conforme a combinação entre os elementos a serem observados. Portanto, observamos

que para Bertrand (1968) a paisagem é um processo de totalização entre elementos físicos, biológicos e antrópicos que possui múltiplas escalas a serem analisadas.

Para Milton Santos (1992; 2011), a paisagem não é um cenário, nem tampouco é algo absoluto, que independe do observador. Preocupa Santos a significação de cada um dos conceitos que ao longo da história do pensamento geográfico foram utilizados para analisar o espaço sob uma dimensão.

Para Santos (2011, pp. 66-71), é a paisagem que permite com que as sociedades convivam com o seu passado e com suas lógicas quando estas materializam no espaço um conteúdo técnico específico. Essa materialização dos sistemas técnicos e sociais no espaço geográfico é, para Milton Santos, a forma, que o autor liga aos aspectos vivíveis das coisas. Afirma ele:

A paisagem é o conjunto de formas que, num determinado momento, exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza.” (p. 66).

Para Milton Santos, assim, embora a paisagem seja resultado dos processos e ações relacionais humanos-natureza, sua análise não envolve a dimensão do movimento. O conceito de paisagem de Santos se refere apenas à distribuição e à configuração espacial das formas de coisas (objetos naturais, que nunca participaram de uma produção social) e de objetos (produto que testemunha o trabalho do homem). Quando a sociedade, segundo o autor, define uma função a alguma forma, esta já não pode mais ser considerada paisagem, mas sim espaço, porque está incluída no movimento de totalização do espaço geográfico. Para diferenciar paisagem de espaço geográfico, Santos (idem, p. 68-69) cita o exemplo do projeto da bomba de nêutrons, desenvolvido pelo Pentágono. Essa bomba de nêutrons, segundo seus inventores, tinha a capacidade de extinguir a vida humana, embora preservasse as construções. Caso a bomba fosse detonada, Santos (ibidem) afirma que não existiria mais espaço geográfico, mas apenas paisagem.

Incluída na dimensão da paisagem, está a ideia de que ela é transtemporal, porque materializa no seu conjunto atual estas formas do passado, que conseguiram sobreviver, e do presente. Portanto, a paisagem é atravessada em si por diversas

temporalidades, é um conjunto de formas-objetos criados em momentos históricos deferentes; é “... memória viva em passado já morto”. (idem, p. 69). Portanto, é uma história acumulada pela solidificação de diferentes lógicas passadas.

No entanto, se a paisagem é a captação, a partir do campo de vista do observador, das formas-objetos apenas em certo momento, como expresso na citação direta acima, não significa que ela não se modifique, ao longo do tempo. Quando estas formas, constituídas no passado e no presente, são animadas por um conteúdo dado pela sociedade, a paisagem também se modifica. Segundo Santos (idem, p. 67), a paisagem é relativamente imutável.

A conceituação de paisagem, conforme teoria de Milton Santos (2011), é válida a este trabalho porque não considera a paisagem apenas enquanto cenário, isto é, como produto resultado do trabalho humano espacializado, nem considera paisagem como uma dimensão passiva apenas aguardando ações e atividades da sociedade e dos indivíduos no espaço. Durante minhas pesquisas e entrevistas, percebi que elementos da paisagem da área de estudo, lembrados pelos entrevistados, tinham um papel influente em suas vidas. As enchentes do Rio Taquari, por exemplo, faziam com que os moradores tivessem que sair da Rua da Praia em certas épocas do ano. Ao mesmo tempo, ao paulatino fechamento das ruas na antiga Rua da Praia, através de sua incorporação pela Cervejaria Polar, inibiam-se caminhos, fazendo com que os moradores tivessem que “encontrar” outros. Até mesmo se me contentasse com a definição de paisagem apenas como elemento estético, haveria de se considerar sua influência coletiva e individual. Relatos de encontros entre casais à beira do Rio Taquari, que vinham admirar suas belezas, se fizeram presentes.

Segundo M. Santos (1992, p. 54):

[...] cada objeto permanece na paisagem, cada campo cultivado, cada caminho aberto, poço de mina ou represa constitui uma objetificação concreta de uma sociedade e de seus termos de existência. [...]. as cidades e as redes de transportes dos tempos modernos testemunham tal herança, que se interpõem no curso do futuro.

Sendo a paisagem uma história solidificada, ela participa ativamente com os movimentos da sociedade. Sendo também reflexo enquanto resultado do trabalho humano, os

indivíduos podem ver em suas formas o seu esforço e as suas atividades no mundo, significando simultaneamente paisagem e significando-se a partir da paisagem.

Dentre tantas rupturas, duas dimensões da paisagem parecem permanecer: a primeira é que estudar a superfície terrestre pela paisagem é sobretudo depender do campo de visão de um observador. Há coisas que são vistas e coisas que não são vistas. Por isso, a paisagem, em meu entendimento, não é um dado absoluto e puro esperando que o pesquisador a revele. Ela sempre depende de subjetividades: daquilo que o observador considera ou não importante, daquilo que consegue observar, da maneira como observa a paisagem a partir do local onde está. Isto é, a paisagem abarca uma perspectiva relacional indivíduo/meio (entorno) a partir das intenções, das emoções, de uma prévia estrutura de sentido, etc. Por isso, é sempre uma interpretação.

Segundo, o estudo da paisagem depende dos sentidos. Historicamente, a visão teve um peso fundamental entre eles porque, ao longo de seu desenvolvimento, as sociedades menos primais tenderam a desvalorizar os outros sentidos em detrimento da visão- o ápice disse ocorrendo com a filosofia positiva, em que ver um objeto é sinônimo do objeto estar dado em si. Dependendo da posição em que estou, minha mesa não será vista por mim como um quadrado, mas como um retângulo. Poderá assumir vários tons de cor, dependendo da iluminação que se incidirá nela. Ao choque produzido do contato de alguma coisa com ela, resultará um ruído diferente, produzido a partir desta relação. A percepção depende dos sentidos, e os sentidos não possuem uma relação única com os elementos espaciais, que dependem das dimensões temporal, espacial e cultural, como Tuan (2012) nos escreve ao exemplificar a capacidade que os esquimós *Aivilik* tem de diferenciar mais de 12 tipos de vento, dependendo da sua direção e cheiro.

3. PAISAGEM: HISTÓRIA DAS FORMAS DAS ATIVIDADES HUMANAS.

Embora M. Santos (1992; 2011) considere a paisagem como dependente do campo de vista observador e lhe atribua um papel ativo (não sendo considerada um simples cenário aguardando passivamente ações da sociedade), ela é tratada pelo autor a partir de um viés estruturalista, o que acaba minando certas possibilidades de uma análise mais humanista⁴, que buscam uma conceituação de paisagem para além de uma perspectiva analítica de observação do espaço geográfico. Além disso, para Santos (ibidem), embora a paisagem seja transtemporal porque materializa em suas formas diversos períodos históricos, que consiste no próprio processo histórico do espaço geográfico, ela não possui em sua dimensão a passagem de tempo em si.

Se intencionamos explicar a composição de uma paisagem a partir de dinâmicas de humanos e de não humanos em certo período histórico na Rua da Praia e representações dadas a seus traços constituintes, isto significa que devemos abordar a paisagem a partir de uma perspectiva do habitar⁵ humano, o que denota uma paisagem não apenas como uma “história ativa” das ações humanas, mas uma paisagem formada em processo *conjunto com* as atividades humanas na sua construção do mundo.

Estas ideias parecem encontrar eco em Ingold (1993), para quem a paisagem caminha com os indivíduos porque eles vivem nela, realizando suas “tarefas” (idem); [tradução nossa] de habitar o mundo. Assim, uma questão a se considerar é que, se este trabalho busca compreender a paisagem a partir de narrativas de moradores do local de estudo, estas lembranças estarão recheadas de projetos e de atividades envolvidas no ato de habitar e viver *na* paisagem. Portanto, não podemos adotar simplesmente uma

⁴ Consideramos como metodologias humanistas paradigmas que considerem o indivíduo como ser vivente no mundo e com o mundo. Portanto, a realidade geográfica não se constitui apenas enquanto ciência, mas também enquanto experiência com o mundo e com a própria Terra que chama a presença humana a lhe habitar e significar.

⁵ Segundo Heidegger apud Saramago (2012), habitar é uma característica intrínseca do *Dasein* (ser-no-mundo) e exclusiva dos humanos, porque envolve relações de criação do espaço a partir de sua própria espacialização enquanto se desloca (se move- o longe e o perto), se ocupa (envolve-se em diversas tarefas e atividades com vista a garantir sua sobrevivência) e habita (está em uma relação “entre” o céu e a terra, o alto e o baixo). As coisas, ao contrário, não podem habitar. Elas possuem uma relação de interioridade (uma coisa está dentro da outra), mas não possuem a capacidade de, por meio do movimento, espacializarem o mundo porque não se engajam com ele. Embora Ingold (2012) adote a perspectiva heideggeriana do habitar enquanto uma relação “entre” céu e terra, ele afirma que os não humanos também habitam.

definição de paisagem que esteja preocupada com análise ou percepção onisciente ou tipo “olho de pássaro” (INGOLD, 1993); [tradução nossa] e que possua uma visão *da* paisagem, mas sim uma visão *a partir de uma posição na paisagem*. Segundo essa vista de cima, Ingold (idem, p. 155) afirma:

É como se, de uma posição imaginária acima do mundo, eu pudesse direcionar ou analisar os movimentos do meu corpo dentro dele, como uma peça em um tabuleiro, como se dizer ‘estou aqui’ não fosse apontar de algum lugar para meu entorno, mas apontar de lugar nenhum para a posição no tabuleiro onde meu corpo está.

Não é isso que acontece, porém, quando os indivíduos relatam suas histórias de vida porque, mesmo não estando mais no lugar ao qual se referem em suas memórias, as suas lembranças se compuseram a partir de sua posição *na* paisagem e a partir de diversos outros referenciais *na* paisagem do seu entorno. A paisagem não é um objeto compreendido por meio da onisciência, mas sim deve ser entendida “... como o que está em torno do homem...” (DARDEL, 2011, p. 30). Com isto quero dizer, à luz de Ingold (idem, p. 155) que a paisagem é experimentada e experienciada por meio de nossos deslocamentos e jornadas através dela e não como um objeto contido que podemos observar (idem, p. 171) a certa distância. Da mesma maneira, a paisagem que surge através dos relatos dos indivíduos se constrói através de seus deslocamentos e caminhos traçados na paisagem, permitindo que se criem diversas centralidades cheias de significação ao longo destas jornadas. Essas centralidades são, como talvez o leitor tenha desconfiado, nada mais, nada menos que *lugares*.

Para encontrar e explicar melhor minha conceituação de lugar e de paisagem estabeleço, na página seguinte, ideias em paralelo com os escritos de Ingold (1993) e de uma fotografia tirada em um dos dias de verão da década de 1960, em que havia certa quantidade de pessoas dispostas a se refrescar com um banho no Rio Taquari, no centro do município de Estrela/RS.

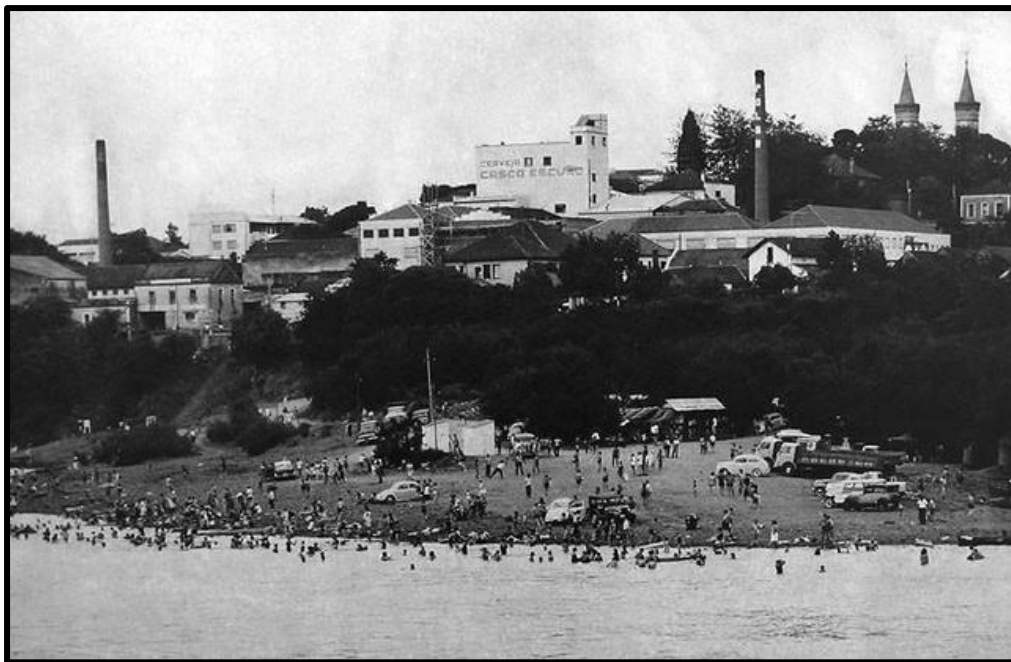


Figura 4: Fotografia tirada na década de 1960, a partir da margem direita do Rio Taquari (do atual município de Cruzeiro do Sul) ilustrando um dia de atividades de banho (em meio a outras) no Taquari no município de Estrela/RS, em uma das faixas de terra e cascalho que emergiam em época de seca. Na parte central da fotografia, podemos perceber um prédio claro (o principal prédio da Polar na época) em que se lê “Cerveja Casco Escuro”. Atrás do conjunto de árvores podemos observar a perspectiva traseira de alguns prédios e casas que ficavam na Rua da Praia. Fonte: Arquivo ONG AEPAN

Dessa fotografia podemos produzir algumas ideias sobre a conceituação de paisagem e de lugar para esta pesquisa. A primeira delas é que esta área de margem possivelmente constitui-se para estas pessoas como uma espécie de ímã, núcleo, nesta paisagem na qual os indivíduos constroem enquanto a habitam. Este ímã só pode ser criado no momento em que o nível do Rio Taquari está baixo o bastante para que esta faixa de areia surja, permitindo então que ela mesma possibilite a criação de lugar. Porém, um lugar por si só não poderia ser constituído somente por meio das atividades de não humanos. De fato, percebemos então que a paisagem é um todo que admite a existência de uma penetrabilidade entre atividades de não humanos (do Rio, das chuvas, das estações, etc.) com atividades, experiências e perspectivas singulares de humanos (os banhos as brincadeiras, as conversas, os encontros), a partir das quais vão significá-la e torná-la, de fato, um lugar. Assim, concordamos com Ingold quando este afirma que os significados não são ligados ao mundo, como se a cada segmento de paisagem pudessemos ligar um significado, mas *colhidos com* a paisagem através de nossos caminhos e assim, significando o mundo enquanto o habitamos (idem, p. 155).

Outras duas ideias sobre paisagem poderíamos colher a partir da figura e também da discussão do parágrafo acima. Uma delas é que a partir desta ideia de penetrabilidade entre não humanos e humanos, podemos refutar um dualismo imaginado pelo sistema cartesiano entre paisagem e indivíduo ou, conforme nos escreve Ingold (idem, p. 154), entre sujeito e objeto, mundo interno e mundo externo, ideal e material... Por dualismo, está o autor (ibidem) tanto se referindo à paisagem enquanto substrato passivo e “depósito” acumulativo das ações humanas quanto à ideia de paisagem como natureza a qual cabe aos indivíduos enfrentá-la. Repito que pelo fato da paisagem ser um todo, é nela em que vivemos e por isso, como realidade de nosso habitar, está *conosco*. Nas belas palavras de Ingold (ibidem):

E por vivermos nela [na paisagem], a paisagem se torna uma parte de nós, assim como somos parte dela.

Da mesma maneira, ao observarmos novamente a fotografia na página acima, poderíamos pensar inicialmente que as pessoas na água estariam contra o Rio, devido a sua correnteza, ou o Rio a favor das pessoas, a lhes permitir o banho. Em suma, haveria uma separação entre os dois. Em realidade, não é nenhuma nem outra, porque, ao entrar na água, as pessoas também fazem parte do Rio, assim como o Rio, parte das pessoas. Tal asserção se torna menos absurda quando pensamos, por exemplo, nos prazerosos calafrios refrescantes que os indivíduos devem sentir enquanto estão se banhando no Rio. Essa sensação não se deve nem puramente à água, nem puramente às sensações táteis da pele, mas no contato entre ambas de modo que, portanto, deixa de fazer sentido a separação e passa a fazer sentido a penetrabilidade. Mesmo se insistirmos na ideia de enfrentamento da correnteza do Rio por parte das pessoas que nele tomam banho, isso não significa estar contra a paisagem, na medida em que as pessoas também se aproveitam da paisagem (ou da natureza enquanto Rio Taquari) para se refrescar ou se banhar. Por último, também devemos considerar que os indivíduos estão com a paisagem na medida em que algumas de suas ações dependem das atividades do Rio e vice-versa.

E é por esse mesmo motivo que, não sendo o Rio, nem sequer outros elementos na paisagem entidades autocontidas, não podemos chamá-los de objetos, mas sim de *coisas*. Conforme nos escreve Ingold (2012), “... objetos são fatos consumados...” (p. 29), “[...] entidades fechadas para o exterior...”, “... ao colocar-se diante de nós como um fato

consumado, oferecendo para nossa inspeção suas superfícies externas e congeladas.” (p. 29). Fica evidente que não poderíamos tratar os elementos na paisagem da área de estudo desta pesquisa como objetos. Afinal de contas, com o próprio exemplo da penetrabilidade entre o Rio e as pessoas no caso dos banhos, vimos que os acontecimentos não se restringem a um elemento como se este fosse fechado para um mundo exterior, mas são produzidos a partir da conectividade entre diversos componentes da paisagem, isto é, o frescor sentido pelas pessoas se deu justamente pela penetrabilidade entre a água do Rio e a pele das mesmas.

Se podemos afirmar que as coisas não são entidades autocontidas, fechadas para a paisagem, isto também nos permite concluir que elas estão sempre misturadas às mais diferentes forças que existem no mundo e, portanto, estão sempre sendo feitas; nas palavras de Ingold (idem, p. 30), as coisas são sempre um “acontecer” onde várias forças se entrelaçam. Podemos exemplificar esta ideia novamente a partir de um exemplo da fotografia. Observando a imagem, observamos duas chaminés. A mais à esquerda era da fábrica de manteiga Fett, enquanto que a mais à direita fazia parte da Cervejaria Polar. A princípio, poderíamos concluir que as chaminés são objetos, porque, feitas pelas pessoas, raramente sofrem alguma alteração.

Se pudéssemos observar com mais detalhe, no entanto, perceberíamos que essas chaminés são diariamente atravessadas por diversas forças que talvez embora não sejam visíveis a nossos olhos, não são menos reais por isso. A fumaça e os vapores quentes das fornalhas dessas fábricas são responsáveis pela dilatação diária das chaminés, ao mesmo tempo em que estas são fustigadas pela diminuição de temperatura durante a noite e pela ocorrência de chuvas. Em resumo, as chaminés não são objetos autocontidos. São coisas. São um *agregado de aconteceres* que, embora possuam uma forma mais ou menos duradoura, estão sempre se fazendo através de uma combinação de forças, incluindo forças não humanas e humanas. E se assim podemos considerar um componente que foi planejado inicialmente pelo homem como para ser um objeto, o que poderíamos então dizer do Rio Taquari e de seu entorno, cuja origem não foi dada pelas atividades humanas e que resiste com mais avidez a suas forças? Em resumo, poderíamos dizer que, ao tratar da área de estudo deste trabalho, estamos lidando com coisas, não

com objetos. Como vimos na introdução da pesquisa, os termos humano e não humano, dos quais me utilizo neste trabalho, não devem subentender uma oposição entre natureza (ou paisagem) e humanidade.

Desta maneira, à abolição de um dualismo imaginado entre natureza (ou paisagem) e humanidade, podemos assentir que paisagem não é apenas um todo que se experimenta e se constrói diariamente a partir de nossas atividades nela, mas uma totalidade (INGOLD, 1993, p. 153) em que cada um de seus constituintes carregam em si suas relações com outros elementos. Citemos mais um exemplo a partir de minhas experiências de pesquisa deste trabalho. Olhando a fotografia da folha 34, observamos uma fronteira que, longe de ser um limite como imiscibilidade, torna-se uma fronteira de permeabilidades para este movimento de totalização. O Porto (localizado na parte esquerda da foto) é um ótimo exemplo que permite este processo. Embora talvez o leitor não consiga observar na fotografia, ele possui uma escadaria e, ao lado desta, um conjunto de trilhos para as pessoas subirem para a Rua da Praia ou descerem para o Rio, para tomar uma embarcação, pescar, puxar e descarregar produtos, etc.

São essas atividades que permitem o movimento de totalização. No ato de pescar, por exemplo, o indivíduo leva o Rio para a Rua e/ou para sua casa através do peixe, coisa que possui em sua essência muito do Taquari. As propriedades de sua água, sua topografia, os lugares pelos quais atravessa incorporam o próprio peixe, assim como o pescador leva um pouco da essência da Rua ao Rio Taquari ao atirar cevada para atrair os peixes ao seu anzol (em virtude de que na Rua da Praia havia a Cervejaria Polar).

Em suma, até agora refutamos algumas ideias sobre paisagem que ao longo da história do pensamento geográfico foram muito paradigmáticas, ao mesmo tempo em que, em um processo de explicarmos os porquês desta rejeição, acabamos apresentando parte de sua própria definição. Negamos a tratar paisagem como objeto onisciente porque, sendo ela um todo, um domínio imanente do nosso habitar, nós estamos na paisagem e nossas experiências são obtidas dela através de atividades e caminhos traçados na paisagem, o que possibilita inclusive sua própria formação e a dos lugares (centralidades cheias de significado e de identidade).

No entanto, nas próprias atividades do habitar, os humanos e os não humanos (conscientes ou não), nunca se realizam de forma hermética ou isolada (por isso resolvemos adotar o termo coisa, não objeto). Suas atividades envolvem interações de não humanos com não humanos, humanos com humanos, humanos com não humanos. Não há possibilidade, portanto, de dicotomia entre natureza (ou paisagem) e humanidade (ou indivíduo), porque, no ato de se realizar na paisagem e tornar-se paisagem, cada elemento contém a totalidade de suas relações com os demais, como bem foi ilustrado nas folhas acima, através dos exemplos dados.

Se refutamos muitos dos paradigmas históricos da paisagem, uma de suas ideias principais, no entanto, se mantém em nossa definição. Refiro-me, com obviedade, do realce à *forma* das coisas. Vimos acima que Milton Santos (1992; 2011) considera a paisagem como uma “história solidificada” no espaço geográfico, um registro material da distribuição das coisas e dos objetos pelo território, sendo por isso o aspecto visível da configuração territorial. Não é, porém, a paisagem *somente* como resultado final que devemos nos preocupar porque, sendo ela um todo presente nas atividades do habitar, ela também é um processo. Inglis (1977, p. 489) apud Ingold (1993) afirma que sendo a paisagem um processo vivo, “[...] ela faz os homens e é feita por eles.”

Como pretendemos, nesta pesquisa, investigar representações que indivíduos residentes na Rua da Praia colhiam da paisagem ao realizarem suas atividades nela e ao se deslocarem por ela, é evidente que estará presente nos relatos o processo de totalidade no qual as pessoas, ao se realizarem nas formas da paisagem, também acabavam corporificando a própria paisagem. Então podemos assentir que duas características estão imbricadas com essa ideia. A primeira delas é que as formas da paisagem são corporificadas por aquilo que Connerton (1989, pp. 72-73) apud Ingold (idem, p. 157) denominou de *incorporação*, processo em que as formas se geram e através do movimento e das atividades. Na realidade, um exemplo como este já foi tratado nas folhas anteriores através do peixe no Rio Taquari, ao abordarmos a paisagem como uma totalidade. Aqui, reforçamos que a forma do peixe incorpora os processos e as forças que lhe atravessam. Observando novamente a fotografia da figura 4, poderíamos ponderar, por exemplo, que a forma da faixa de cascalhos e de terra na qual as pessoas

estão tomando banho incorpora em seu próprio processo de constituição os movimentos, as forças e as atividades do Rio, bem como as mesmas dimensões de atividades humanas. Conforme informações retiradas de documentos históricos, sabemos que era muito raro esta faixa de terra estar emersa e disponível ao uso das pessoas. Por isso, podemos afirmar que sua forma é resultado principalmente de sua relação com a água do Rio Taquari. No entanto, vemos que a foto nos ilustra uma época de seca. Por isso, neste período, esta faixa de terras também está incorporando em sua forma suas relações com os humanos, que ao circularem por ela e se movimentarem nela, deixam rastros de suas atividades.

Portanto, concordamos com Ingold (idem, p. 152) quando o autor assevera que a formação da paisagem (ou sua corporificação) em que as pessoas vivem se dá a partir do conjunto das próprias atividades desenvolvidas pelos indivíduos no processo de viver, a que o autor denomina *paisagem de tarefas* (idem, p. 161 [tradução nossa de *taskscape*]), e que preferimos adotar a denominação *atividades*, em virtude de que a primeira possui uma ligação muito íntima com a dimensão do labor diário, enquanto que, em nossa pesquisa, ações dos indivíduos na paisagem a transcendem.

A ideia de *processo* de corporificação vem de encontro com aquilo que Santos (1992; 2011) havia abolido da sua definição de paisagem: o tempo como movimento. A ideia de tempo desta pesquisa deve ser entendida como o tempo intrínseco à realização das atividades (INGOLD, 1993, p. 161 [tradução nossa]) (humanas e não humanas) e, portanto, à própria construção da paisagem. Não estamos nos referindo, portanto, ao tempo como cronologia, que divide o passar do tempo em períodos iguais.

A passagem deste tempo não é medida, percebida e nem experienciada mecanicamente por meio de divisões homogêneas. Tal como Ingold nos escreve (idem, p. 162), ela é imanente em nossas atividades e, portanto, é sentida e causada através de nossas *jornadas* na paisagem enquanto a construímos. Portanto, o tempo considerado nesta pesquisa está relacionado à maneira como realizamos nossas atividades. Dentro desta ideia de tempo causado e sentido através de nossas atividades na paisagem, duas qualidades estão em sua essência.

A primeira das qualidades é que esse tempo causado e experienciado não é hermético, mas relacional, porque, embora as atividades possam ser executadas de forma individual, elas se apoiam umas às outras. A construção de uma paisagem enquanto lar de nossas vidas requer a realização de atividades que ressoem umas nas outras, como nos escreve Ingold (1993). Citemos, mais uma vez, uma situação da figura 4. Observando um momento de sua paisagem, percebemos diversas atividades que ocorrem naquele momento: algumas pessoas estão se banhando no Rio, enquanto outras estão deitadas, sentadas ou de pé na faixa de terra e cascalhos. Não podemos afirmar com certeza, mas quiçá alguns indivíduos estivessem ali justamente porque outros se encontravam banhando-se no Rio. Alguns poderiam estar à beira do Taquari, cuidando de seus familiares para que evitassem se afogar; outros, juntando-se ao contexto de passatempo dos banhistas, a fazerem um piquenique ou tomarem um banho de sol, ou simplesmente de conversar com quem lá estivesse. O que podemos notar é que, porque estas atividades se apoiavam umas nas outras, havia um tempo relacional, ou melhor, *social*, à medida que ele é intrínseco às atividades desenvolvidas por humanos. Por isso, à luz de Ingold (*idem*, p. 166), podemos assentir que o tempo social surge através das relações de atenção e de “vigilância” entre as pessoas que estão em determinadas conjunturas, construindo paisagem. (*idem*, p. 168).

No entanto, é importante ressaltarmos que o tempo intrínseco às atividades não se constitui apenas como tempo social. Os não humanos, grupo no qual devemos incluir seres animados e os inanimados (as coisas), também possuem suas próprias atividades, cujos tempos ressoam nos próprios afazeres humanos. Em nosso estudo de caso, não há nada mais ilustrativo do que citar os tempos do Rio Taquari. Podemos, por exemplo, citar os períodos em que havia maior quantidade de peixes no Rio, temporada que coincidia com as atividades de pesca. Havia também os períodos de cheias e de enchentes, que ocorriam geralmente em setembro e causavam mudança na rotina, principalmente daqueles que moravam às proximidades do Taquari. Então, podemos inferir que o tempo dos humanos e dos não humanos não é constituído de maneira individual, mas sempre a partir de um conjunto atividades em que umas ressoam nas outras. Desta forma, admitimos que a paisagem não é construída apenas pelas atividades, mas também através das *interatividades* (INGOLD, 1993, p. 165).

Continuando a qualificar nossa noção de tempo, alegamos que grande parte das atividades nas quais nos envolvemos em nosso dia-a-dia são *cíclicas*. De fato, podemos inclusive confirmar que muitas delas estão imbricadas com os próprios ciclos da Terra, como o das estações do ano ligados a épocas agrícolas e do dia e da noite, relacionado ao trabalho a ao descanso, respectivamente. Exemplos demonstrados a partir do tema da pesquisa, como no caso do ciclo de pesca no Rio Taquari, contribuem para avigorar esta ideia. Portanto, o tempo cíclico está ligado aos processos de “ida e volta, ida e volta”, “fluxo” e “refluxo, fluxo e refluxo” (YOUNG, 1988 apud INGOLD, 1993), implicando *certas regularidades* inerentes à realização de nossas atividades e do movimento das coisas no mundo.

Quando as atividades humanas e não humanas são cíclicas, elas são também *rítmicas* (INGOLD, 1993, p. 165), já que a ideia de ritmo é iminente à própria duração do movimento, isto é, à duração temporal das atividades que constituem a paisagem. Em contraste, o tempo cronológico é aquele que insere uma divisão artificial de períodos de tempo, cujo relógio ou o metrônomo são os melhores exemplos. No entanto, nosso tempo é aquele imanente em nossas atividades do habitar, que *causamos* e experienciamos ao nos realizarmos *na* paisagem e ao realizarmos *a* paisagem. Logo, não é um tempo externo a ela nem um tempo do qual podemos descorporalizar porque estamos junto com a paisagem e porque causamos, junto com outras entidades, a sucessão do tempo. Não pode haver melhor exemplo para isso o frequente protesto de indivíduos que dizem que o tempo está passando muito rápido. Já que em nossas sociedades atuais, os movimentos e atividades são acelerados e muitas vezes, também simultâneos, os próprios ritmos dos indivíduos também o serão. Portanto, embora os indivíduos costumem crer que este fato é uma impressão porque o tempo do relógio lhes é absoluto, o tempo passa rápido porque ele é inerente ao tempo de nossas atividades, aos nossos ritmos. Em verdade, o próprio relógio de tempo cronológico que nos utilizamos no dia-a-dia serve para organizarmos e controlarmos melhor os diversos ritmos de atividades que fazem parte de nossa vida.

Em suma, a dinâmica temporal está imbricada com nossa definição de paisagem porque ela é, em conjunto com as atividades das diversas entidades que estão presentes

na Terra, uma condição e uma decorrência das atividades do habitar, nas quais está intrínseco a passagem do tempo. Por isso, se mantivemos atrelada à paisagem a ideia de forma, então podemos afirmar, conforme nos escreve Besse (1986, p. 119) apud Dardel (2011) que “a paisagem é a manifestação [sólida] do movimento do mundo.”. E pelas formas da paisagem apresentarem-se “congeladas em meio sólido” (INGOLD, 1993, p. 163) ela também é *memória resistente das atividades de vidas passadas* e totalidade influente *presente e futura* nas *atividades atuais*, porque se tornando herança, temos que conviver com ela e construir a partir dela.

4. OS INDIVÍDUOS NA PAISAGEM E A PAISAGEM NOS INDIVÍDUOS: REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIAS.

Dentre aquilo que discutimos até o momento neste texto, o capítulo acima produz um importante corolário, que enlaça ideias de Ingold (*idem*) com ideias de Dardel (2011 [1952]). Se as formas da paisagem são geradas a partir de um processo de *incorporação* dos movimentos de humanos e de não humanos, então isto significa, como afirma Dardel, que “uma verdade emerge da paisagem...” (*idem*, p. 32), isto é, a fisionomia dos elementos carrega consigo o desenrolar da existência humana. Afirma Dardel que:

No âmbito da sua visão cotidiana e de sua movimentação diária habitual, o homem exprime sua relação geográfica com o mundo a partir do ordenamento do solo: ‘construtor de florestas’ na Malásia ou nas landas, destruidor de florestas, do solo vegetal e dos rios no Nordeste brasileiro, ele transforma em outro lugar, em horizonte pastoral, as águas do Zuiderzee. A geografia pode assim exprimir, inscrita no solo e na paisagem, a própria concepção do homem, sua maneira de se encontrar, de se ordenar como ser individual ou coletivo. (2011 [1952], p. 31).

Voltaríamos, desta maneira, para a ideia de Monbeig (1939), que considera paisagem como o espelho de uma civilização? Em Dardel (*ibidem*), a paisagem reflete a maneira pela qual o indivíduo e a coletividade se relacionam com a Terra, produzindo, cada um a seu modo, a geograficidade original do ser humano com o mundo, isto é, “[...] a Terra como lugar, base e meio de sua realização.” (*ibidem*, p. 31). Então a paisagem é um texto geográfico que possui em suas fisionomias as representações e as atividades das diversas gerações de indivíduos sobre o mundo, porque construímos a paisagem a partir da ideia que temos do mundo, mas temos ideia dele a partir do envolvimento que temos com a paisagem, através de nossas experiências.

Por isso, para Dardel (*ibidem*, p. 32), a paisagem é uma realidade que:

... não é, em sua essência, feita para se olhar, mas a inserção do homem no mundo, lugar de um combate pela vida, manifestação de seu ser com os outros, base de seu ser social.

Neste trecho, fica evidente que a paisagem não pode ser compreendida, sentida ou experienciada, como propôs o método positivista, a partir de um olhar científico ou vista “olho de pássaro”, a partir do qual o pesquisador, munido de certos procedimentos, chegaria a uma apreensão total e objetiva da paisagem. Pelo contrário, carregamos com

nós, quando observamos uma paisagem, diversas representações que colhemos em nossa vida, significando a paisagem conforme nossas visões de mundo. Isso significa que devemos dar voz a diversas vidas colhidas na paisagem

Um caminho que nos permitiria compreender melhor as significações dadas à paisagem da área de estudo se produz através de análise de memórias que os indivíduos trazem consigo. As memórias são, segundo Pesavento (2006), discursos “... que se colocam no lugar da coisa acontecida” (ibidem, p. 1) e, deste modo, expressam e até mesmo substituem vivências passadas (sensações, experiências e conhecimentos) que os indivíduos colheram com o mundo e, portanto, estão imbricados com a dimensão da paisagem⁶.

Como representação social, as memórias atribuem significados à paisagem a partir de em uma estrutura de sentido que se constituiu no passado, mas que é modificada e atualizada ao longo de nossa existência. Concordamos com Jodelet (2009) quando a autora afirma que as representações sociais são compostas por três dimensões: a da *subjetividade*, a da *intersubjetividade* e a da *transsubjetividade*. O universo da subjetividade seria o correspondente do indivíduo como pessoa autônoma que cria, a partir de suas experiências, uma representação própria de mundo. É uma esfera na qual o indivíduo se adona dos processos sociais e paisagísticos (atitudes, atividades, pensamentos, pessoas, coisas imersos em uma dimensão espaço-temporal) e lhes atribui significados singulares a partir de sua história de vida. Em suma, assim como não humanos possuem uma relação de totalidade a partir da qual suas essências contêm suas relações com os demais componentes da paisagem, o mesmo poderia ser dito dos

⁶ Há consciência, por parte do autor, de que estamos trabalhando com dois referenciais epistemológicos que na atualidade são vistos como contraditórios. No capítulo 3, adotamos, por meio de Ingold (1993), uma perspectiva mais materialista da paisagem. Já neste capítulo (4) adotamos um referencial culturalista (ou representacional), através de Pesavento (2006) e Jodelet (2009). A cisão é explicada porque uma visão materialista é tencionada por objetos ou coisas (humanas e não humanas). Desta maneira, as estruturas de sentido mental dos indivíduos são as próprias coisas, porque os significados foram construídos aos nos engajarmos com as coisas e, portanto, são as próprias coisas. Na tradição culturalista, a tensão está nas representações, que variam a partir de estruturas cognitivas e de sentido inerentes ao indivíduo e à comunidade em que vive. Assim, nem todos os significados atribuídos às coisas são produzidos a partir de um engajamento puro com elas. Conquanto esta cisão, a pesquisa lida com estas duas tradições: não nega que da fisionomia da paisagem emerge uma verdade, maneiras do ser humano viver na Terra, nem que os indivíduos signifiquem as coisas de acordo com suas vivências com elas, mas também não recusa influência da cultura na significação das coisas.

humanos em relação aos seus semelhantes e aos não humanos. Jodelet (ibidem, p. 697) e Pesavento (2006) também nos levam a considerar a importância do lugar social ocupado pelo indivíduo frente à formação de sua identidade, opiniões e emoções.

A consideração das subjetividades deve se fazer presente na pesquisa porque elas:

... permite (m) acessar os significados que os sujeitos (sic)... atribuem a um objeto (sic) localizado no meio social e material, e examinar como os significados são articulados a sua sensibilidade, seus interesses, seus desejos, suas emoções e ao funcionamento cognitivo. (JODELET, 2009, p. 697).

Desta maneira, a busca de subjetividades será contributiva para compreender de que maneira indivíduos, a partir de suas situações singulares, tecem e expressam suas representações da área de estudo.

Mas também vimos, quando estávamos falando sobre a natureza da paisagem, que humanos não são entidades isoladas ou herméticas, fechadas ou contidas para seus semelhantes ou outros elementos na e da paisagem. Suas atividades e seus tempos ressoam uns nos outros, assim como seus juízos e suas sensibilidades. De forma que as representações são, segundo Jodelet (2009), tecidas pela dimensão intersubjetiva, a partir da qual, por meio das trocas e das transmissões de informações e de ideias entre os indivíduos inseridos em um contexto social e na paisagem, oportuniza-se a construção de saberes, a interpretação de processos subjetivos e a significação ou ressignificação de acontecimentos e temas.

Desta maneira, as representações são simultaneamente subjetivas porque as pessoas apropriam-se dos processos na paisagem e, cada um a seu modo, produz uma representação singular e única, mas também intersubjetivas porque, ao interagirem com o (s) outros (s), os indivíduos conseguem tanto comparar e reavaliar suas experiências, sensações e juízos com os demais e estabelecerem respostas e pensamentos consensuais quanto lançarem novos conceitos e julgamentos a partir de experiências.

Por último, as representações são formadas pelo universo daquilo que Jodelet (ibidem, p. 698) denomina transsubjetividade. Esta dimensão pode atravessar as duas dimensões anteriores (subjetiva e intersubjetiva) e, portanto, pode estar ligada tanto aos indivíduos quanto aos grupos. Segundo Jodelet (ibidem), a dimensão transsubjetiva pode

ser definida como uma crença constituída a partir de um conjunto de princípios racionais, valores morais e de vivências colhidas com o mundo (empíricas), embora estas não vividas subjetivamente. Representações transubjetivas são geralmente compostas, legitimadas e fornecidas através de instituições como o Estado e educação (PESAVENTO, 2006), bem como pelas hegemonias ideológicas e pelos meios de comunicação (JODELET, 2009). Portanto, nos fica claro que os conceitos, ideias e juízos da dimensão transubjetiva podem se realizar *sem interação* de um indivíduo com outro, transpondo a esfera do diálogo e por isso, frequentemente, atingindo escalas geográficas maiores. Os indivíduos e grupos, desta forma, ou participam de uma representação transubjetiva por adesão ou submissão, ou a refutam, dependendo de suas situações sociais, temporais e da paisagem.

Um exemplo que podemos citar para esta dimensão ficar mais clara, e também para compreendermos o entrelaçamento entre os três universos que compõem as representações, é o caso do discurso do progresso que alguns indivíduos carregavam consigo ao falar sobre a Rua da Praia. Como dimensão transubjetiva, o discurso ideológico do progresso, muito difundido nos meios de comunicação de massa, não é necessariamente uma ideia que somente se produz a partir de ocasiões de interação de um indivíduo com outro. Ele se encontra em boa parte das sociedades capitalistas, que valorizam sobremaneira objetos materiais e bens que permitem acumulação de riquezas (dinheiro). Frequentemente é transmitida através dos meios de informação por grupos sociais que incitam a perpetuação desta ideologia através de discursos que relacionam riqueza a status social, poder político, geopolítico e militar. Alguns indivíduos que foram entrevistados, cujos lugares sociais lhes eram mais abastados, manifestaram suas representações sobre a Rua da Praia ligando-as a um tempo áureo do crescimento econômico de Estrela. Nomeavam diversas empresas existentes nesta Rua, e a propriedade material e a temática da herança lhes eram frequentes em seus relatos.

Desta maneira, oferecendo e lançando significações do mundo, a dimensão transubjetiva cruza e afeta a dimensão intersubjetiva, porque grupos existirão e se formarão a partir de suas concordâncias em relação a valores e princípios (aderir à ideologia do progresso ou não), ao mesmo tempo em que os indivíduos, a partir de suas experiências singulares e de seus lugares sociais, estabelecerão pensamentos e atitudes

específicos, adentrando-se aqui na dimensão da intersubjetividade. Abaixo, insiro um esquema simplificado que ilustra as dimensões da representação social.

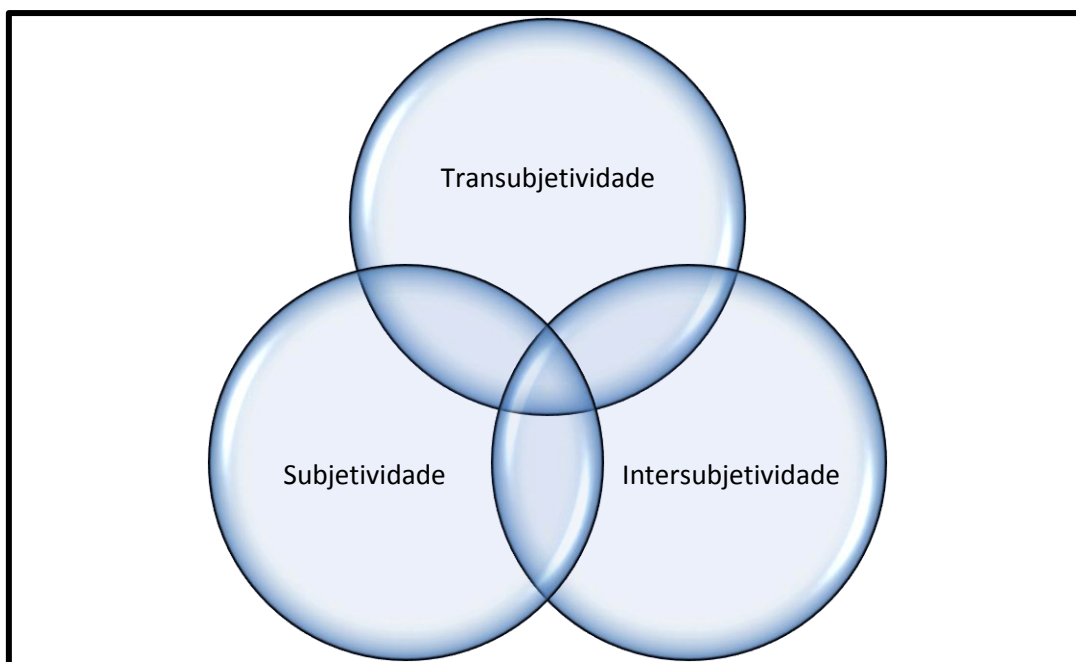


Figura 5: Esquema ilustrativo da formação das representações. Elaborado pelo autor com base em figura de Jodelet (2009).

Não obstante, vimos que esta dissertação visa investigar representações colhidas com uma paisagem que não se faz mais presente no tempo atual. Logo, nossas representações são memórias porque elas abordam tempos e paisagens que se tornaram passados e são, portanto, irreversíveis, tanto porque o tempo já foi transcrito quanto porque a paisagem em que os indivíduos viviam (e construía) não se faz mais presente como materialidade. Sendo que os relatos da área de estudos são memórias porque presentificam ausências (PESAVENTO, 2006, p. 1), devemos definir para esta pesquisa um conceito de memória.

Embora, conforme assevere Abreu (2011) a memória seja uma capacidade biológica e psicológica de armazenamento e conservação de informações, nos interessa a discussão de como as memórias são produzidas e, então narradas pelos indivíduos, o que nos leva a problemas como a questão dos tempos existentes nas memórias, as vivências e o lugar social, espacial e temporal do indivíduo relator, a questão da verossimilhança e da credibilidade e das intenções do narrador, etc.

Já havíamos falado sobre a questão do tempo quando estávamos construindo uma compreensão de paisagem. Vimos que o tempo cronológico (do relógio) divide o tempo em intervalos iguais e acabamos expondo argumentos através dos quais percebemos não ser esta a maneira pela qual produzimos nem sentimos o tempo, porque ele é intrínseco à sucessão dos eventos. Isto significa, conforme afirma Ingold (1993, p. 165), que os eventos contêm seu passado e seu futuro nele mesmo. Ora, o mesmo poderia ser dito da memória, na medida em que o fato evocado e lembrado viaja no tempo, contendo tanto seu passado (aquilo que lhe ocorreu antes) quanto o seu futuro (o que lhe aconteceu depois). Por isso, no tempo memorialístico, há interação de diversas representações e sentidos colhidos com o mundo em função dos tempos presentes se transformarem em passado. Se o acontecimento vivido é colhido em um tempo e paisagem específicos, sua representação lembrada não tem restrições.

Estas asserções nos produzem importantes corolários. Em primeiro lugar, além dos esquecimentos serem inerentes aos relatos de memória, em virtude de que não conseguimos nos recordar de todos os acontecimentos de um evento passado que o indivíduo busca lembrar, a memória é, segundo Pesavento (2006, p. 4):

[...] uma contínua reconstrução, renovadamente a preencher lacunas e vazios com as lembranças de terceiros ou a refazer a narrativa conforme as reavaliações feitas ao longo da existência.

Por constituírem-se de um tempo memorialístico, os relatos não são um passado “puro” subjetivo porque, no próprio processo de vida que envolve o passar do tempo, as representações que os indivíduos constroem no mundo se alteram e se modificam conforme suas experiências. Isso significa que a distância temporal entre o que é vivido e o que é contado permite que o indivíduo reflita de forma diferente em relação ao quando o fato ocorreu, conforme nos escreve Lindón (2007, p. 19).

O segundo corolário é a consideração da articulação das representações que são dadas ao passado, em que há o processo de intersubjetividade da memória. Vimos, em folhas anteriores, que indivíduos não são entidades herméticas fechadas ao mundo. Eles ocupam um lugar social, temporal e da paisagem e, portanto, compartilham certas experiências, juízos e conhecimentos. Assim, quando o indivíduo lembra acontecimentos e lança ideias de um passado que fazem sentido para um grupo, esta

memória é social (HALLBWACHS, 1994 apud PESAVENTO, 2006) porque foi tecida a partir da intersubjetividade e da transubjetividade. Estas significações sobre o passado só podem ser produzidas, conforme foi descrito no capítulo anterior, por meio da *interatividade*, que envolve as atividades do habitar humano na paisagem, em que cada indivíduo carrega consigo as relações com os demais humanos e tendo, portanto, referentes sociais para produção de sua própria memória.

Há ainda um ponto sensível quando levamos em consideração representações sobre o passado. Trata-se da questão da veracidade das memórias, isto é, à luz de Pesavento (2006, p. 7) “[...] do gap entre realidade acontecida e realidade pensada...”. Há quatro fatos inerentes a este assunto que devemos considerar.

O primeiro deles, o tempo das memórias, foi tratado na folha anterior. Na medida em que o acontecimento memoriado contém seu passado e seu futuro, a realidade narrada difere daquilo que ocorreu tanto pelo esquecimento pelas reavaliações que o indivíduo fez do acontecido, conforme vai, ao longo do tempo, correlacionando sentidos. Isso ocorre porque a paisagem não é vivida a partir de uma visão “olho de pássaro”, em que nossas representações de mundo são absolutas e relativamente imutáveis, mas sim percebida e representada a partir de nossas experiências e interatividades, que ocorrem com a sucessão do tempo. Isso nos traz a impossibilidade de uma “realidade absoluta”, mas sim de uma gama de veracidades que são colhidas com a paisagem em um processo entre humanos que envolve subjetividade, intersubjetividade e transubjetividade (JODELET, 2009).

O segundo aspecto entre memória e verossimilhança diz respeito à seleção das lembranças que o indivíduo deseja contar e resgatar daquelas que exclui de suas memórias, de forma consciente ou inconsciente (PESAVENTO, 2006, p. 5). Esta questão tem relação muito íntima com a subjetividade, na medida em que o narrador escolhe aquilo que vai falar a quem o ouve, em um processo que envolve seleção, recortes e exclusões de quem narra. Assim, um importante ponto a ser levantado diz respeito ao processo de legitimidade de quem conta um acontecimento passado. Pesavento (idem, p. 2) assegura que as memórias:

... correspondem a testemunhos: 'eu estive lá, eu vi'. São portadores de uma autoridade da fala, bem se sabe, e mesmo se arvoram ao privilégio de ter a tutela do passado.

As narrativas, como vemos, são legitimadas a partir de um processo em que a própria convicção das vivências (ela foi lá, eu vi) afere veracidade ao que aconteceu. Assim, há um processo de reconhecimento dos acontecimentos corroborado pelo próprio ato de rememoração, de lembrar o tempo passado, pelo indivíduo (PESAVENTO, 2006, p. 2). E na medida em que o que é lembrado é uma representação do ocorrido porque o narrador elege intencionalmente aquilo que irá relatar, as memórias permitem compreender subjetividades, em virtude de que o indivíduo possui um lugar social e habita um tempo e uma paisagem específicos.

Um exemplo ilustrativo para isso seria algumas opiniões produzidas sobre a construção da barragem-eclusa em Bom Retiro do Sul durante algumas entrevistas de minha monografia. Alguns indivíduos ricos ou que eram favoráveis à construção desta obra, expunham quase que somente as virtudes trazidas com a eclusa. Relatavam a possibilidade de melhor navegabilidade, de utilização da barragem para o turismo, do aumento da renda dos municípios e das empresas, etc. Já aqueles que sofreram alguma perda, como moradores às margens do Taquari, de locais que se tornaram inundáveis pelas cheias ou ainda estudiosos, reclamavam do aumento da poluição e das zoonoses, da perda do Rio como fonte de sobrevivência (a partir da pesca) e da impossibilidade do lazer. Assim, a partir do lugar social e espacial, os indivíduos relatavam os acontecimentos passados que eram balizados a partir uma representação dada à barragem. Este balizamento seleciona aquilo que o indivíduo quer contar para confirmar suas ideias e juízos e omitir contradições em relação a estes e a sua pessoa. Estas representações de tempos escoados não são, no entanto, falsas ou verdadeiras, mas se situam, segundo Pesavento (idem, p. 4) para além deste patamar porque não são desligadas dos acontecimentos passados, mas sim significados verossímeis sobre o mundo a partir do lugar social e temporal do indivíduo e de suas experiências na paisagem.

O terceiro aspecto diz respeito à interpretação dos relatos orais por parte do pesquisador. Este, além de ter que transformar as oralidades em narrativas escritas, enfrentando os limites desta última, no que se refere à entonação e ao tempo de fala das

palavras, também seleciona, omite e constrói um discurso próprio, balizado em suas intencionalidades e representações de mundo.

Por fim, há a questão da própria produção de sentidos a partir daquele que lê o texto. Michel de Certeau (1994) afiança que o texto impresso e lido foge do controle do seu criador. Dele, o leitor pode criar significados e estabelecer e tecer conexões tão amplas e diversas, a partir de suas experiências e suas representações, que sequer foram imaginados por aquele que o escreveu. Assim como há esquecimento, seleção, omissão e recorte tanto por parte do indivíduo que rememora quanto daquele que produz um texto e uma análise a partir destes relatos, o texto também é reinterpretado a partir de combinações, comparações e contrastes em um processo que envolve a própria intertextualidade por parte de quem o lê. Concordamos, desta maneira, com Pesavento (idem, p. 9) quando assegura que:

a leitura, portanto, não se fecha no texto e, na sua abertura para outros possíveis sentidos, se confronta com a busca de mundos análogos para conectar-se.

Compreendemos que a leitura e a interpretação de textos também se incluem em uma dimensão que está além da verdade ou da falsidade porque, não desligado da realidade, há uma produção de sentidos que não é idêntica à intencionada pelo autor. A seguir, incluímos na pesquisa um esquema que tem por fim ilustrar as ideias que discutimos neste capítulo.

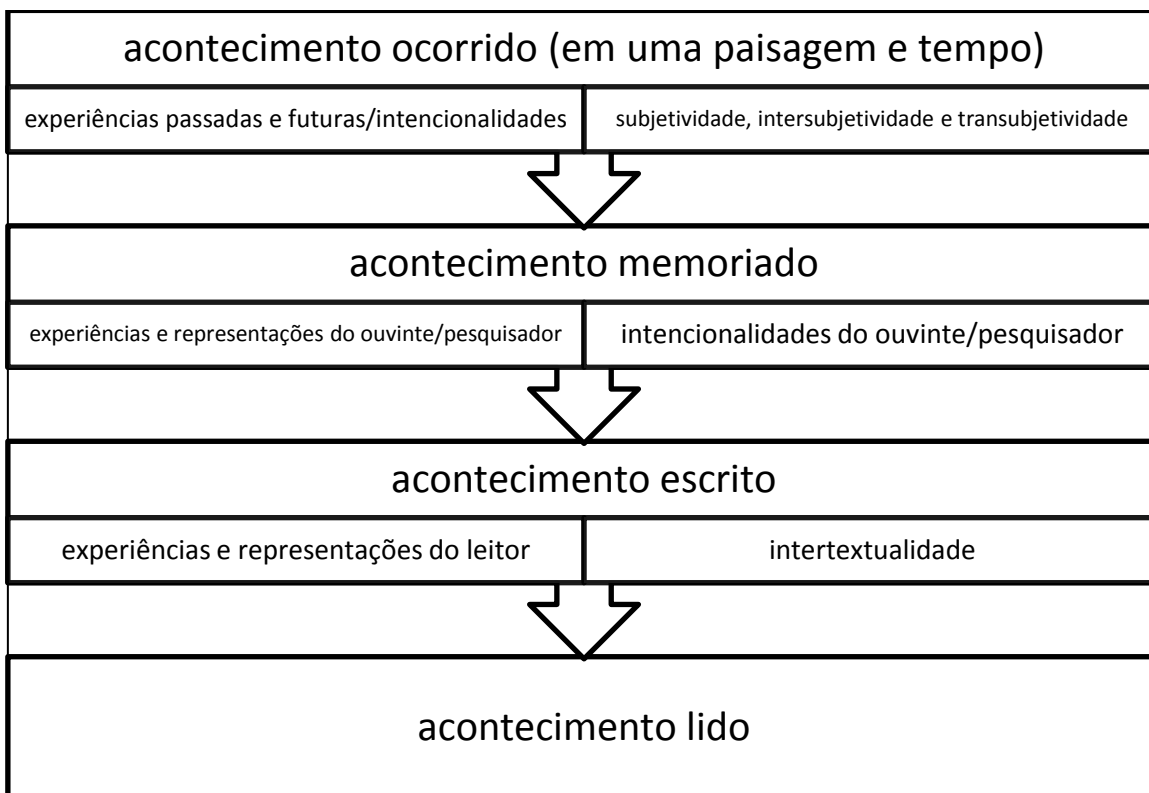


Figura 6: Esquema representativo da produção de memórias e suas significações. Elaborado por Lucas Schneider.

5. CAMINHOS E INSTRUMENTOS DO TRABALHO.

Ao nos dirigirmos a este capítulo, tenho em mente como primeiro passo descrever as etapas da pesquisa, que podem ser vistas resumidamente no quadro abaixo.

1ª Etapa	2ª Etapa	3ª Etapa	4ª Etapa	5ª Etapa	6ª Etapa
Revisão e releitura bibliográfica geo-histórica referente à Rua da Praia, incluindo a busca de fotografias e imagens da Rua da Praia entre as décadas de 1940, 1950 e 1960.	Realização de campo exploratório para busca de referenciais de termos e conceitos para construção do referencial teórico e metodológico, do tópico inicial e análise da pesquisa.	Busca dos antigos moradores da Rua da Praia para constituição do <i>corpus</i> de pesquisa, busca de técnicas de entrevista e realização das mesmas.	Transcrição das entrevistas.	Leitura e interpretação das entrevistas	Resultados e fechamento final.

Quadro 1: etapas de realização da pesquisa.

Tendo como referência o quadro acima, afirmamos que, embora a sequência, de maneira geral, tenha sido a demonstrada por ele, houve certos procedimentos e processos do trabalho que estavam constantemente sendo reavaliados e refeitos, sendo um processo cíclico. A construção do referencial teórico-metodológico ocorreu durante praticamente todo o processo de dissertação. Ele foi tanto construído a partir da primeira etapa, mas também foi modificado durante as terceira e quarta etapas, quando realização das entrevistas e da análise das entrevistas realizadas. A busca dos antigos moradores também foi um processo demorado, tendo ocorrido desde a primeira etapa (este processo será mais explicitado na terceira etapa). Abaixo, descrevemos cada etapa de forma mais detalhada.

- **1ª Etapa:** durante esta etapa, procuramos referências que pudessem nos fornecer informações sobre a área de estudo. Estas informações deveriam ser variadas e detalhadas para que pudéssemos compreender melhor o contexto espacial, social (incluindo-se aqui o econômico) e histórico do local a que se visava a pesquisa. Partimos

do pressuposto de que uma melhor compreensão dos fatos e do *status quo* seria importante por dois motivos. O primeiro deles é que este conhecimento prévio nos forneceria base para compreender melhor os processos e aspectos que os próprios entrevistados narravam. Intuímos que o processo da pesquisa e a sua posterior análise (tanto a análise que se refere ao conteúdo descrito quanto ao exame das intencionalidades do narrador ao portar consigo certo discurso) seriam complicados se a referência a localidades, atividades ou trechos históricos narrados pelos indivíduos não pudessem ser examinados a partir de um prévio conhecimento do autor da pesquisa, que estivesse relacionado a uma dimensão geo-histórica do local de estudo. Essa dificuldade se tornava ainda maior em uma paisagem que se faz presente apenas como memória, e não como materialidade, desde a década de 1970.

O segundo motivo da busca de referências documentais é que, à luz de Jovchelovitch e Bauer (2010, pp. 97-98), a preparação do *tópico inicial* da pesquisa deve tanto instigar o indivíduo a relatar o acontecido, de modo “[...] a provocar uma narração autossustentável (sic).”, quanto elaborar as dúvidas e inquéritos que o entrevistador possui e que quer investigar. Familiarizado com os contextos e as referências do estudo de caso, o pesquisador possui condições de preparar um tópico inicial que permita deslançar o processo de narração e utilizar uma linguagem de referências que seja próxima do entrevistado.

Diante destas justificativas, revisamos e buscamos documentos que pudessem nos mostrar e ilustrar um pouco do mundo da paisagem de estudos a partir de uma dimensão geo-histórica. A releitura do trabalho intitulado “*Memórias de Uma Ruptura de Ritmos e de Símbolos e o Rio Taquari/Estrela, RS*” foi útil para estabelecermos e revisarmos o entendimento do local de estudos da atual pesquisa, em virtude de que ele foi um processo de construção de aprendizagem que envolveu a participação do próprio autor da atual dissertação. Tratando do espaço geográfico estrelense como uma totalização híbrida, conforme Santos (2011), a monografia permite compreender as dinâmicas sócio-espaciais da Rua da Praia ao longo da história do município. Estas dinâmicas se fazem presentes diferentemente nas vidas dos seus indivíduos a partir de seus lugares sociais (JODELET, 2009), produzindo, portanto, distintas representações e, logo, memórias únicas.

Junto com a elaboração da monografia, também foram ouvidos boatos e travadas algumas conversas informais entre o pesquisador e alguns indivíduos, que permitiram ouvir opiniões semelhantes a respeito dos acontecimentos da antiga Rua da Praia, o que sugeria certas vivências e representações.

Já as fotografias possibilitaram tanto melhor compreender, sob um ponto de vista da análise geo-histórica, as transformações da paisagem da Rua da Praia e do Rio Taquari, quanto os próprios relatos dos indivíduos, na medida em que analisar os relatos com maior qualidade está imbricado com conhecimento da localização dos elementos materiais e das práticas e atividades aos quais eles se referem. É também por meio de fotografias que compreendemos melhor o próprio processo de corporificação da paisagem, visto que elas ilustravam a morfologia de seus elementos e suas transformações ao longo do tempo, motivo pelo qual buscamos variações da paisagem de estudos de três décadas (anos de 1940, 1950 e 1960).

- **2ª Etapa:** os conceitos geográficos não são apenas procedimentos de análise do mundo; eles também se caracterizam por buscar compreender diferentes dimensões espaciais de humanos e não humanos na Terra. É por isso que um dos passos fundamentais da pesquisa foi a realização de uma entrevista para sabermos de qual ou quais dimensões espaciais os indivíduos *mais* relatavam, já que é em conjunto com elas que construímos o referencial teórico-metodológico.

Em segundo momento, tínhamos que experimentar se o tópico (pergunta) inicial (“*Como era viver na Rua da Praia?*”) que seria realizada ao entrevistado dava conta dos fins do trabalho, isto é, precisávamos saber se o tópico inicial permitiria que os indivíduos relatassem suas vivências e representações de maneira a compreender como a área de estudos se corporificava no dia-a-dia a partir de entrelaçamentos entre humanos e não humanos, como é a intencionalidade da nossa pesquisa. Seguimos algumas das recomendações de Jovchelovitch e Bauer (2010), para os quais a elaboração do tópico inicial deve estimular o processo de narração. Segundo os autores (*idem*, p. 98), para que isto ocorra o tópico necessita:

[...] fazer parte da experiência do informante, garantindo um relato rico em detalhes, [...] ser de significância pessoal [...] e ser suficientemente amplo para permitir ao informante desenvolver uma história longa...

A partir destas indicações, inicialmente, constituímos o seguinte tópico (pergunta) inicial:

Como era viver na Rua da Praia?

O campo exploratório foi marcado previamente por diálogo *vis-à-vis*. Ele foi realizado na tarde do dia 29 de novembro de 2013, na casa da entrevistada Eliane F. Winter que aceitou, conforme documentado na gravação, a publicação de seu nome. O recurso utilizado para registro da fala da entrevista foi um gravador de som. A entrevista foi digitalmente transcrita a partir da escuta do que foi gravado e então, lida e relida, onde realçamos trechos que descreviam atividades que a entrevistada relatava (o que), a localização de suas ocorrências (onde) e as representações dadas a elas.

Analisamos que, a partir da pergunta inicial, a entrevistada preocupava-se em relatar a localização de estabelecimentos que frequentava, a eles relacionando seus próprios momentos de vivências e suas representações, embora a narrativa também descrevesse atividades que ocorriam sem sua participação. Ao Rio Taquari e às suas margens estavam relacionadas atividades veraneio, em que havia processos de socialização: banhos de Rio, natação, banhos de sol, concursos de *miss*, leituras, caminhadas, piqueniques, brincadeiras infantis, pesca..., ligado, desta maneira, a significados hedônicos. O Rio também estava relacionado às atividades de transporte de produtos e de pessoas, ao qual estava ligado à representação de uma época áurea (de progresso, de movimento), embora também houvesse representações negativas, como afogamentos (relacionados aos banhos de Rio) e enchentes. À Rua da Praia estavam ligadas atividades relacionadas ao labor (com destaque à Cervejaria Polar), tendo significações muito ligadas ao progresso e ao crescimento.

Observamos que o conceito de paisagem foi o que mais surgiu neste relato, em virtude de que os entrevistados relatavam as mais diferentes atividades e tarefas que realizavam *na* e *com* a paisagem ao habitá-la, deixando “pegadas” de suas próprias vidas ao construí-la no seu dia-a-dia. Trazendo para este trecho Monbeig (1939), Santos (2011) e Ingold (1993) observamos que, embora os dois primeiros afirmem a existência de uma

divisão ontológica entre indivíduo/sociedade e natureza, os três autores concordam que a paisagem materializa as mais diversas atividades humanas no espaço. Ingold (1993) vai além e afirma que esta oposição é inexistente porque, como processo de totalização, a paisagem torna-se uma parte de nós assim como nós nos tornamos parte dela. Em suma, aos indivíduos entrevistados “viver na Rua da Praia” era inerente à dinâmica de construir paisagem a partir de diversas atividades por meio das quais as formas em si eram geradas, o que nos leva ao conceito de paisagem adotado na pesquisa.

Já a questão das representações sociais e das memórias busca contemplar significações que os indivíduos colhiam com paisagem a partir das atividades que vivenciavam e experienciavam junto a ela. No entanto, é muito importante tanto revermos que as representações são sociais, e que isto significa considerar as dimensões intersubjetiva e transubjetiva nos processos de significação de vivências e experiências na paisagem, quanto (no caso específico do tema de pesquisa) considerarmos que as representações são também memoriais, o que nos remete a considerá-las como contendo o passado e o futuro daquilo que é narrado. Em suma, os significados que os indivíduos produzem foram se modificando conforme as experiências e vivências que ocorreram depois dos fatos relatados.

A partir do campo exploratório, pudemos verificar também que a pergunta inicial possibilitava tanto o desenvolvimento de narrativa por parte dos entrevistados quanto os relatos de acontecimentos que davam conta das intencionalidades da pesquisa. A figura 7 resume a discussão desta etapa.

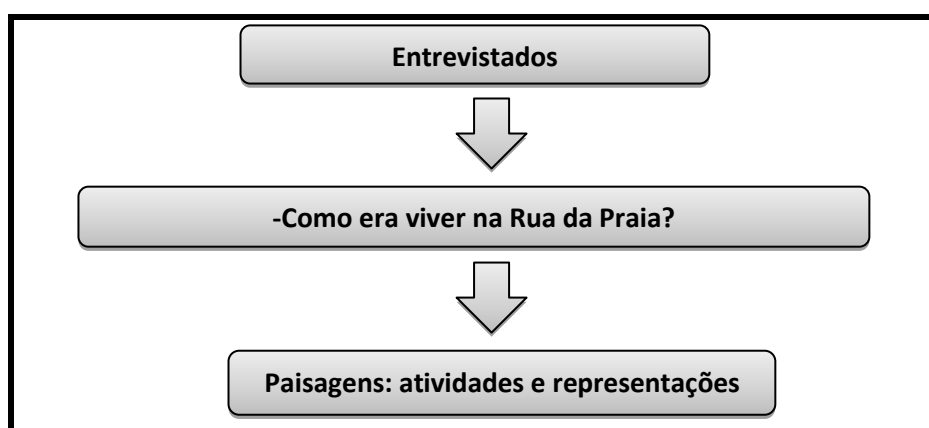


Figura 7: Esquema ilustrativo da constituição do referencial teórico-metodológico e do tópico inicial.

Não obstante, pontuamos que, tendo os entrevistados dialogado com o tópico inicial de forma narrativa, buscamos métodos de compreensão de entrevistas narrativas, incluindo aqui suas indicações, utilidades, fraquezas, procedimentos de realização e possibilidades de análise das oralidades.

- **3ª Etapa:** decidimos por constituir o *corpus* da pesquisa somente a partir de indivíduos que tivessem residido durante parte de sua vida na Rua da Praia, admitindo aqui uma relação entre o habitar (viver) e o morar, isto é, compreendemos que pessoas que residiam na área de estudo da pesquisa carregavam consigo relações e partes mais intensas com a paisagem da Rua da Praia. Desta maneira, admitimos, segundo Bauer e Aarts (2010), que nosso corpus é tópico, isto é, ele é formado a partir de intencionalidades estritamente definidas de pesquisa, a que já aludimos.

No entanto, uma realidade com a que nos deparamos foi que boa parte dos indivíduos que residiam na Rua da Praia à época do estudo já havia morrido. Em busca de informações a partir de conversas informais e preliminares com os próprios entrevistados (que se conheciam uns aos outros, visto que eram vizinhos), chegamos a um número de 8 pessoas vivas, das quais uma não quis dar entrevista e outra residia fora do Rio Grande do Sul. Realizamos, desta maneira, 6 entrevistas, que constituíram o *corpus* da pesquisa. Desta maneira, não aplicamos muitas variáveis de escolha dos entrevistados, de modo que nosso único critério de seleção era, por fim, ter morado na Rua da Praia antes das transformações da década de 1970. Nossos entrevistados foram identificados por números para não nomeá-los e, desta forma, assegurar suas privacidades.

Em segundo momento, após termos buscado pessoas que pudessem ter conhecido possíveis antigos moradores da Rua da Praia, tivemos contato telefônico com 2 entrevistadas, que aceitaram conversar em suas residências. Antigos moradores da Rua foram sugeridos por uma delas, com os quais também foram agendadas entrevistas por diálogo telefônico. Os dois últimos indivíduos a serem entrevistados foram encontrados pelo próprio autor da pesquisa, a partir de recortes de jornal que revelaram nomes de antigos moradores da Rua da Praia. A marcação de entrevista com estes recorreu-se à lista telefônica do município. Nenhum dos entrevistados autorizou a utilização de seu nome (com exceção da pessoa que gentilmente concedeu a entrevista do campo

exploratório) na pesquisa, de maneira que eles serão referidos como entrevistados, seguido do número da entrevista em ordem de realização (da primeira para a última entrevista) ou simplesmente do número da entrevista. O quadro 2 expõe as datas de realização das entrevistas (conforme nota do entrevistador), a sua duração (segundo tempo em que o gravador ficou ligado) e o local em que foi realizada.

Entrevistado (a)	Data de realização	Duração	Local de realização
1	06/03/2014	01h31min01s	Casa da entrevistada (sala de estar)
2	08/08/2014	01h16min30s	Casa da entrevistada (cozinha) e parte na Rua da Praia (com volta de carro da entrevistada).
3	10/08/2014	01h07min22s	Casa do entrevistado (cozinha)
4	1ª: 14/08/2014; 2ª: 28/08/2014	1ª: 00h42min48s; 2ª: 02h00min04s	1ª: Casa do entrevistado (sala de estar); 2ª: Rua da Praia (com volta de carro do entrevistador)
5	03/10/2014	02h05min54s	Casa do entrevistado (sala de estar)
6	10/10/2014	01h10min31s	Casa da entrevistada (sala de estar)

Quadro 2: quadro demonstrativo da realização das entrevistas.

Alguns entrevistados tiveram parte do processo de entrevista realizados na própria Rua da Praia. Tal prática se deu devido às suas declaradas vontades de localizar mais precisamente na área de estudo estabelecimentos e atividades de que falavam.

As entrevistas eram sempre realizadas numa relação face a face entre entrevistador e entrevistado, procedimento que tinha como intenção tentar promover uma relação de confiança inicial entre eles. Segundo Gaskell (2010), o entrevistado pode se sentir desconfiado, adquirindo atitudes hesitantes e defensivas. Afirma o autor:

Podem eles [entrevistados] confiar no entrevistado, podem dizer o que realmente pensam? Sua tendência inicial pode ser seguir as normas da conversação cotidiana, limitar as respostas àquilo que se presume ser relevante e informativo, e adotar posições com respeito aos problemas que estejam de acordo com uma autoimagem específica. (p. 74).

Adotamos alguns procedimentos sugeridos por Gaskell (2010). Ao adentrarmos na casa das pessoas, tomávamos atitudes de tranquilidade, segurança e simpatia. Percebemos que a maior parte dos entrevistados buscava saber de que famílias provinha o pesquisador, costume comum em municípios de poucos habitantes. Estas perguntas eram esclarecidas a fim de deixar o entrevistado mais confiante e à vontade. Antes da entrevista se iniciar, pedíamos autorização para utilizar o gravador, justificando sua utilização como um auxílio à memória do pesquisador para posterior análise do relato. Todos os entrevistados concordaram em dar a entrevista após este pedido, embora nenhum deles tenha autorizado a divulgação de seu nome.

Durante o processo da entrevista, a relação *vis-à-vis* entre entrevistado e entrevistador também era importante para demonstrar sinais de interesse daquilo que o narrador estava falando e para, quando necessário, encorajar por expressão facial que o entrevistado continue seus relatos. O contato face a face ainda permite que o pesquisador perceba, pelas expressões faciais do narrador, o nível de desconfiança que este possui e as intencionalidades do discurso que produz.

Tendo clareza de que nossas entrevistas tinham viés qualitativo, isto é, não tinham como intencionalidade a contagem de diferentes opiniões a respeito dos processos ocorridos na Rua da Praia, mas sim de investigar os mundos da vida dos entrevistados para que o entrevistador consiga compreender representações de experiências e vivências, buscamos indicações e vantagens de entrevistas individuais e grupais para avaliarmos nossos métodos de entrevista.

Conforme Pesavento (2006) e Gaskell (*ibidem*, p. 73), se toda entrevista é uma negociação de significações entre o (s) entrevistado (s) e o entrevistador, a entrevista individual é uma interação entre duas pessoas em que se intenciona investigar vivências, experiências, opiniões, atitudes e valores do indivíduo entrevistado. Segundo Gaskell (*ibidem*, pp. 73 e 75), a entrevista individual de profundidade objetiva explorar detalhadamente a cosmovisão pessoal do entrevistado, de forma que podemos colher relatos mais completos e detalhados de vivências e de representações. Ponderando-nos sobre as intenções da pesquisa, compreendemos que a produção de vivências, experiências e representações são processos muito singulares. Mesmo considerando o

compartilhamento de visões, estas vão estar presentes, em cada pessoa, de maneira singular. Desta maneira, a entrevista individual permite cumprir com nosso objetivo, na medida em que dirigindo nossa atenção para um indivíduo a cada vez torna o corpus da pesquisa mais rico em detalhes, o que permite tanto melhor compreender experiências e representações com a paisagem quanto explorar suas diversidades.

Outros três argumentos que sustentam nossa escolha de método individual de pesquisa diz respeito aos indivíduos que formam seu *corpus*. Todos os entrevistados eram pessoas que possuíam mais de 70 anos de idade, sendo que alguns possuíam mais de 90 anos e outros possuíam grande dificuldade de locomoção, motivos pelos quais era muito difícil eles desejarem e conseguirem sair de casa. Além disso, quase todos eram também de classes ricas, o que dificultava tanto o processo de interação social (por serem pessoas com estilo de vida mais privada) quanto a marcação de horários de visita. Por último, o número de pessoas que constituíram o corpus da pesquisa era muito reduzido, de maneira que, sendo impossível a realização de mais de um grupo focal, as próprias intenções deste método não poderiam ser desempenhadas.

Conforme análise da entrevista do campo exploratório, observamos que a pergunta inicial permitia que as entrevistas se estabelecessem em forma de narrativa. Segundo Jovchelovitch & Bauer (2010), as narrativas ocorrem quando indivíduos inserem os acontecimentos relatados em um determinado local e certo período temporal. A narrativa se dá a partir de uma estrutura em que

... um contexto é dado; os acontecimentos são sequenciais e terminam em um determinado ponto; a narração inclui um tipo de avaliação do resultado [...], no sentido de que ela mostra as orientações do sistema simbólico do autor. (p. 92).

Analisando a entrevista do campo exploratório e as outras narrações, os entrevistados construíaam pequenas narrativas nas quais se sequenciavam ações e experiências, constituídas a partir de personagens e de determinadas situações em que estes estavam envolvidos. Estas diversas histórias formam, à luz de Jovchelovitch & Bauer (ibidem), um enredo, isto é, um todo, uma história maior. Observando os relatos produzidos, o enredo constituía-se do próprio período em que os indivíduos viveram na Rua da Praia. Este enredo estruturava todas as demais pequenas histórias que se relatava porque fornecia o contexto em que as coisas aconteciam, selecionando, por isso, os fatos que o narrador

deveria contar. Por exemplo, se para um indivíduo entrevistado a privatização da Rua da Praia não é vista como negativa, ele vai eleger o que deve ser dito, omitindo certos fatos para confirmar ao entrevistador sua perspectiva de mundo. Isto se relaciona ao que discutimos no capítulo 4 a respeito das narrativas estarem além da “verdade” ou da “falsidade”. Trata-se, conforme Pesavento (2006) e Jovchelovitch & Bauer (ibidem), daquilo que é experienciado pelos indivíduos, fazendo parte de sua realidade a tornando-se representação do seu mundo.

Não obstante, concordamos com Jovchelovitch & Bauer (ibidem), para os quais a entrevista narrativa como método de compreensão de vivências pode se aplicar à nossa pesquisa pelos seguintes motivos:

- I. Relação da pesquisa com acontecimentos específicos que causaram alteração de contextos e muita polêmica: à maior parte dos entrevistados, as mudanças na paisagem em que viviam e construíam alteraram suas vidas de maneira substancial. Os cotidianos alterados e os diferentes lugares sociais dos entrevistados produziram diversas representações destes processos.
- II. Intenção de investigar, a partir de histórias de vida, experiências que eram colhidas na área de estudo: por meio de oralidades memoriais é possível compreender a materialização de paisagem a partir de atividades que nela se solidificaram.

As narrativas demandam algumas técnicas específicas com relação a intervenções e influências do entrevistador para que se preserve a espontaneidade do narrador. O primeiro procedimento recomendado é produzir um tópico (pergunta) inicial que, além de ser aberto (que permita ao entrevistado desenvolver uma história longa), tenha um vocabulário e aborde temas e acontecimentos que se relacionem com o mundo da vida do narrador. Como alcançamos estes objetivos com a entrevista do campo exploratório, mantivemos o mesmo tópico inicial. O segundo procedimento foi não interromper o entrevistado durante a narração. Neste processo, somente produzíamos sinais de encorajamento ao narrador para que ele continuasse a falar. Quando percebíamos que o entrevistado havia terminado de relatar sua narrativa (um indício eram seus comentários sobre a situação atual da Rua da Praia, dando opiniões sobre os processos atuais que

ocorrem nela e logo depois, ocorria um silêncio maior), ainda perguntávamos: “Você gostaria de me contar mais alguma coisa sobre isso?”. Após esta etapa, buscávamos compreender aspectos e contextos que não haviam ficado claros para o autor, como o que ocorreu antes ou depois de determinado fato, onde ocorria o que o narrador contou, por que o narrador pensava sobre certo acontecimento- o que possibilitava, segundo Jovchelovitch & Bauer (2010) que os relatores tecessem explicações sobre eles mesmos- tanto para que pudéssemos eliciar detalhes e informações adicionais sobre a paisagem além daquelas obtidas na narração principal quanto para aprimorar a interpretação dos dados coletados.

- **4ª Etapa:** as entrevistas foram realizadas com auxílio de gravador de som. Posteriormente, de modo a permitir uma boa análise, elas foram transcritas de maneira literal. A transcrição durou 28 dias, durante a qual já havia dinâmica de imersão no texto através de prévios processos de análise que envolviam a busca de fenômenos relacionados à formação cotidiana da paisagem e sua imbricação com representações, conforme as intencionalidades da pesquisa. Desta maneira, observamos que a procura de compreensões dar-se-á sobre os dados que foram relatados pelos entrevistados, constituindo-se uma análise de conteúdo.

- **5ª Etapa:** após a transcrição do texto, realizamos 2 processos de leitura das entrevistas. Durante o primeiro processo, procuramos identificar, a partir da marcação e do realce de partes do texto, vivências e representações na paisagem da Rua da Praia. Este procedimento estabelece a busca do que denominamos de *material memorial descritivo* e de *material representativo*. Os materiais memoriais descritivos referem-se a dados coletados das narrativas a partir de questionamentos de “o que ocorria (eventos, acontecimentos)”, “quem fazia o que”, “onde ocorria”, “com quem o indivíduo fazia”, embora nem sempre tenha sido possível identificar estas 4 perguntas a partir da descrição dos narradores. O segundo material a ser colhido era representativo; isto porque, em seus relatos, os indivíduos entrevistados também expressavam opiniões, sentimentos, sensações, valores, sabedorias de vida, etc.

Já na segunda leitura buscamos entrelaçar, para cada entrevistado, experiências e vivências na paisagem com significações colhidas a partir destas. Vimos que na efetivação

de atividades objetivadas pelos elementos humanos e não humanos, tecem-se nossas representações com a paisagem, ao nos realizarmos nela e com ela. Não obstante, ao conceituarmos paisagem, expusemos uma série de características que são intrínsecas a sua formação e as suas atividades, entre as quais se encontram os processos de *incorporação*, *interatividade*, e produção de *ciclos rítmicos*. Intencionamos, a partir dos relatos desta pesquisa (constituída de material descritivo e representativo), compreensões de processos de composição e de significação de paisagem, na medida em que nossa análise consente relacionar os acontecimentos ocorridos com os indivíduos/suas atividades na área de estudo com as representações e valores produzidos pelos relatores.

Agruparemos o *corpus* das narrativas a partir de situações de significação existentes entre as atividades realizadas por elementos humanos e não humanos, dentro das quais estarão descritos os processos que permitiram (segundo nossas interpretações) a formação de paisagem da área descrita, considerando as dimensões subjetivas, intersubjetivas e transubjetivas. A figura 8 permite a compreensão sintética do processo de análise.

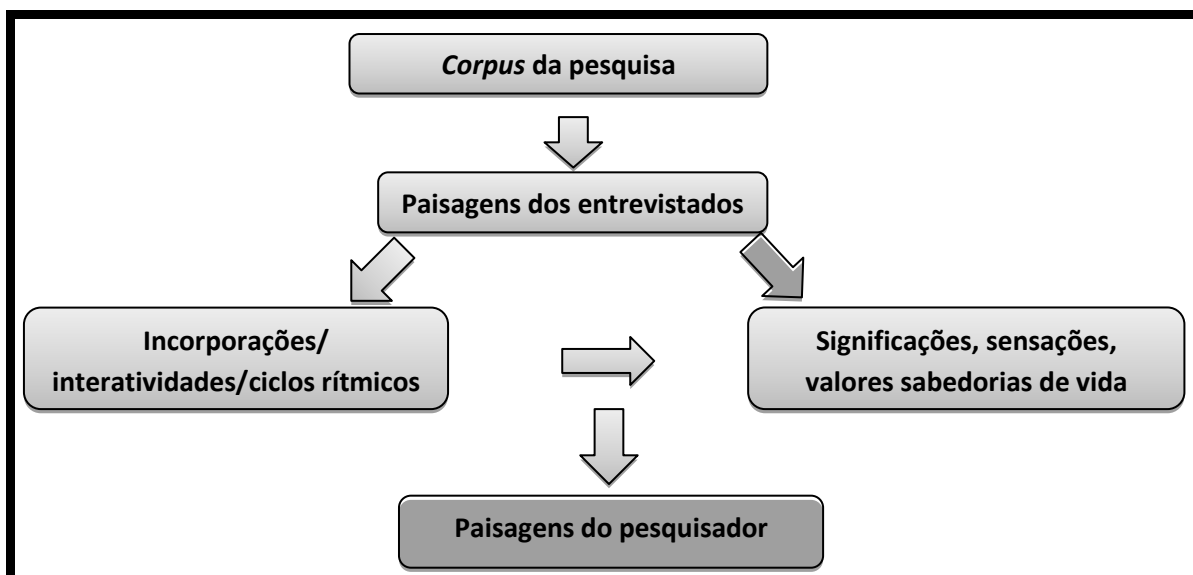


Figura 8: esquema ilustrativo dos procedimentos de análise das entrevistas.

- **6ª Etapa:** consistirá no encerramento do trabalho. Neste trecho, serão tecidas considerações a partir do entrelaçamento de todas as partes e das etapas da pesquisa, levando em princípio considerações dos referenciais.

6. INCORPORAÇÕES EM PAISAGENS: UMA PERSPECTIVA GEO-HISTÓRICA.

Com base na pesquisa de Schneider (2013), observamos que antes mesmo de sofrer o início da ocupação lusitana, o atual território estrelense possuía enlances com o Rio Taquari. Conforme diários de jesuítas- segundo pesquisas de Herrlein Jr. e Carvalho (s/d, p. 2)- era comum observar-se indígenas do tronco jê navegando pelo baixo leito do Rio (de cujo local também caçavam peixes, tartarugas, rãs, iraras e furões) utilizando-se das cascas secas das árvores.

Com o início da ocupação lusitana, que data da metade do século XVIII, até o início do século XIX, corporificações de origem humana intensificavam suas presenças ao longo do Rio Taquari e de suas margens. Isso se deve ao fato de que o Rio era, até a metade do século XIX, a única via de transporte e de comunicação com o restante do Rio Grande do Sul, principalmente com as cidades de Pelotas e de Porto Alegre, para as quais ligações de comércio, transporte pessoal e comunicação eram crescentes.

Segundo Hessel (1983, p. 15), a primeira referência escrita sobre o território que abarcaria a futura Rua da Praia se dá em 1800, quando João Inácio Teixeira descreve sua sesmaria, localizada à esquerda do Rio Taquari, entre as terras de Francisco Leonardo Cardoso (na porção norte do município) e João da Silva Ribeiro (ao sul da Rua da Praia). Mais tarde, em 1824, com a já existente referência nominal de Estrela às terras que lhe pertenciam, o donatário descreve possuir “pertences do tráfego fluvial” (ibidem, p. 15). Em 1830, é referido pela primeira vez a existência de “[...] ótimo porto de embarque no Rio Taquari...” (ibidem, p. 15), embora não se saiba sua localização exata a esta época.

Hessel (ibidem, p. 16) afirma que, àquela época, a maior parte dos estancieiros que possuíam terras no entorno do Rio Taquari tinha residência fixa e comércios em Porto Alegre, embora tivessem se deslocado, durante parte da sua vida, às suas terras no Vale do Taquari⁷, a fim de iniciar a produção de bens para posteriormente comercializá-

⁷ A Região do Vale do Taquari corresponde à Bacia Hidrográfica do Rio Taquari-Antas. Compõe esta região os seguintes municípios (do mais antigo ao mais recente por ordem de emancipação): Taquari, Estrela, Lajeado, Encantado, Arroio do Meio, Roca Sales, Bom Retiro do Sul, Muçum, Arvorezinha, Cruzeiro do Sul, Anta Gorda, Ilópolis, Putinga, Nova Bréscia Fontoura Xavier, Teutônia, Progresso, Paverama, Pouso Novo, Imigrante, Relvado, São José do Herval, Dois Lajeados, Colinas, Capitão, Itapuça, Mato Leitão, Santa Clara do

las na capital. Ao Taquari e às suas margens já estavam, desta forma, ligados processos de constituição de paisagem que refletia a intenção de extrapolar uma escala local, agora inserida em uma lógica do capital.

Através da solidificação de presenças humanas, surge uma paisagem que se revela cada vez mais urbanizada. Em 1856, é fundada a colônia Estrela, segundo dados do Album Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrela, (1926, s/d), habitada em sua maioria por imigrantes alemães. Mais tarde, a partir de 1872, as estradas, ruas e casas comerciais passam a fazer parte de uma nascente vida urbanizada, quando Vitorino José Ribeiro e Menna Barreto iniciam, onde atualmente se localiza o Centro de Estrela (ver

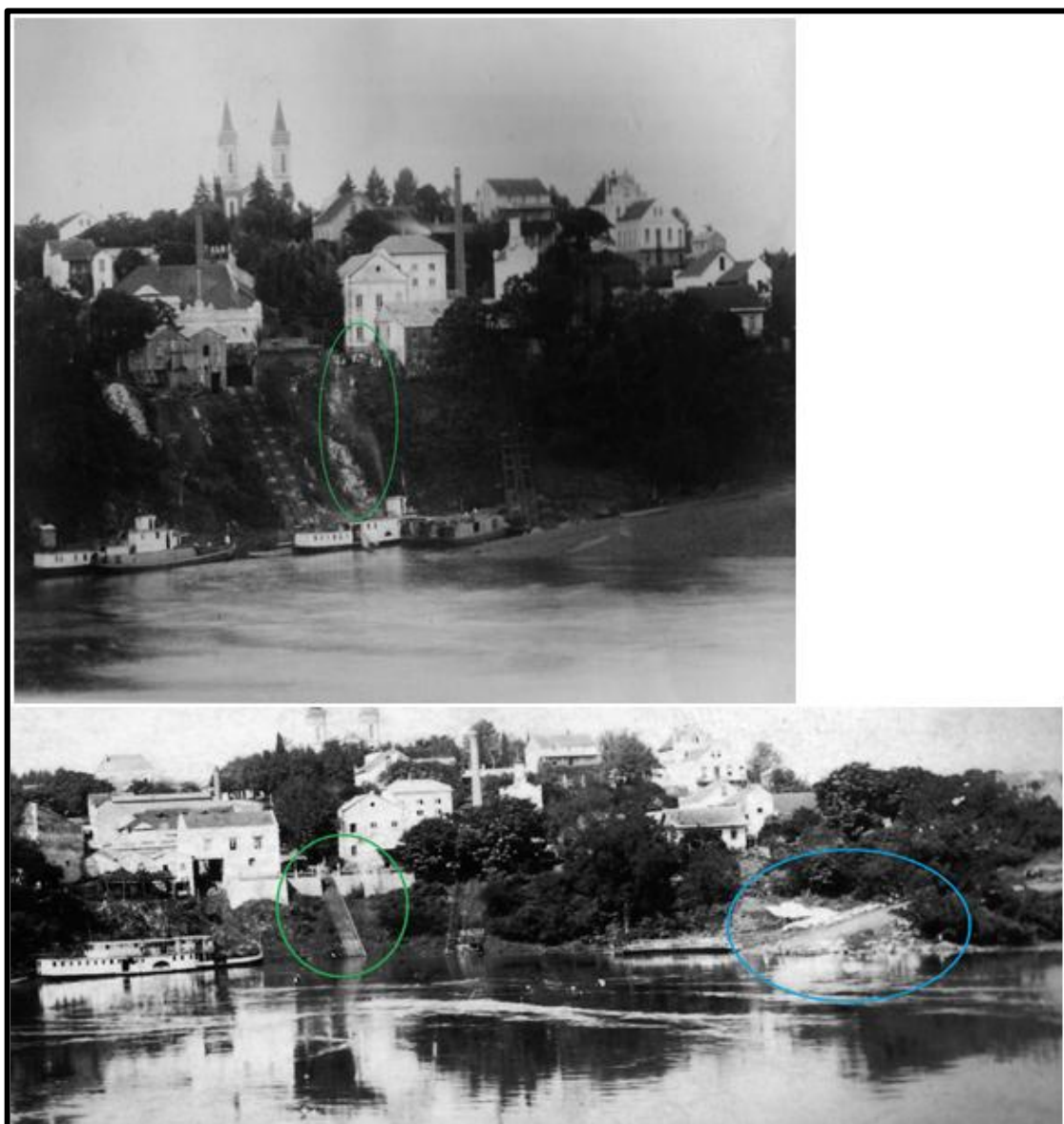


Figura 9: Igreja Matriz Santo Antônio, erguida no ano de 1873. À época do Império, era fundamental a presença de um a igreja porque ela constituía um espaço de intersubjetividades e concentrava serviços comunitários essenciais. À direita da figura (e à frente da igreja) estava a praça que Menna Barreto fundou. Sem data da foto. Fonte: AEPAN ONG.

figura 3), a construção do núcleo urbano, através da divisão de parte da sua fazenda em quadras e da construção de uma praça central (denominada atualmente de Praça Menna Barreto) e à, sua frente, uma igreja católica. Estes dois elementos eram indispensáveis à época do Império porque, polarizando encontros na vida cotidiana, permitiam o exercício de práticas cívicas, a comunicação entre os indivíduos e entre estes e o Estado. É admissível que por este período tenha se iniciado a concretização da Rua da Praia, aquela época assim denominada oficialmente, constituindo-se, do núcleo urbano, a parte que costeava a margem esquerda do Rio Taquari. Por isso,

é bastante provável que desde o começo ela estivesse entrelaçada a diversas atividades que tinham por fim conexões entre a recente Vila e a capital. Entre os elementos que poderiam estar entre os primeiros desta rua destaca-se o Porto de Estrela (figura 10), inicialmente constituído apenas de um atracadouro

para o embarque e desembarque de produtos e de pessoas.



Figuras 10 e 11: a figura mais acima ilustra o antigo Porto de Estrela antes da construção do cais e do belvedere (elipse em verde). A foto abaixo da primeira mostra, além do Porto de Estrela, um passo localizado na Rua da Praia (destacado em elipse azul), que transportava pessoas e depois, também caminhões. Sem data das fotos. Fonte: AEPAN ONG. Sem datas das fotografias.

Segundo Schneider (2013), a partir da década de 1880, geralmente ao Porto estavam atrelados os vapores, as embarcações de maior porte e velocidade que navegavam pelo Taquari, fazendo o transporte de pessoas, produtos e meios de informação (jornais, cartas e documentos) entre Estrela e a Capital. Da Vila partiam produtos agrícolas (principalmente mandioca, milho, banha, trigo, centeio, feijão e batata) e de Porto Alegre provinham produtos manufaturados e também itens que faltassem, como o sal.

Observamos que os vapores (figura 12) foram, de todas as embarcações, as que mais ficaram no imaginário popular, produzindo intensa troca de representações, seja por meio do diálogo e da conversa (intersubjetividades), seja por meio dos jornais (transubjetividades). O primeiro vapor que se fez presente em Estrela foi o denominado “Demerara”, datando de 1874, quando Menna Barreto, adquirindo-o em Porto Alegre e após 8 horas de viagem aportou na Rua da Praia. Movidos à carvão e movimentados por duas rodas com pás que ficavam em suas laterais, os 14 vapores da Companhia de Navegação Arnt transportavam em média anual, segundo o Album Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrela (1926, s/d), 48mil toneladas entre Porto Alegre e municípios do Vale do Taquari. Já o movimento de passageiros atingia a média de 30mil pessoas por ano. A euforia causada pelos vapores era tão grande que assim escreveu Nilo Ruschel sobre o Rio Taquari e suas margens (JORNAL CORREIO DO POVO, 4/1/1975):

Isso tudo era um fervilhar de embarcações: canoas, barcos a vela, lanchões, caíques, gasolinas e vapores da linha, as extensas balsas de pranchões de pino. Os vapores eram os que mais se impunham. Pelo porte, peço apito, pelas rodas espanando o rio [Taquari], pelo brilho dos metais, pelo penacho de fumo, pelo abanar dos passageiros, pelas bandeiras arrepiadas ao vento. Era o rio também em festa. [grifo nosso].

Já à necessidade de atravessar os lados opostos do Rio, constituiu-se, na Rua da Praia, à margem esquerda do Taquari, um passo⁸ (figura 10), inaugurado em 1872, que fazia conexões entre a nascente Vila de Estrela e um de seus distritos, Cruzeiro do Sul, que ficava à margem oposta. Para se chegar a este passo corporificou-se na paisagem, como podemos observar na figura 10, um caminho de terra, que ligava a Rua da Praia até a beira do Rio, onde indivíduos ou caminhões esperavam até que a barca atravessasse o Rio Taquari. O transporte por barcas não visava a conexão entre Estrela e a Capital, mas sim entre o município e outros locais do Vale do Taquari.

⁸ Espécie de porto utilizado para o embarque e desembarque tanto de pessoas e suas bagagens, quanto, posteriormente, também usado para transporte de cargas por grandes caminhões. Geralmente a viagem era curta, realizada por meio de *barcas* que eram utilizadas para se atravessar o Rio em direção a outra Vila ou povoamento a sua margem oposta.

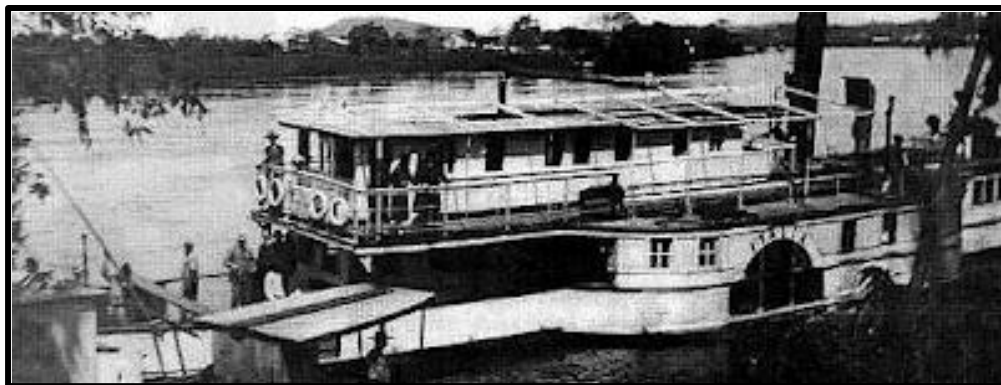


Figura 12: o Vapor Estrela, um dos maiores e mais requintados da Navegação Arnt. Sem data da foto. Fonte: AEPAN ONG.

Observando que os vínculos de Estrela com o mundo dependiam do Taquari, a Rua da Praia constituía-se como um espaço de passagens. Era nela que as coisas de fora chegavam primeiro e era dela que as coisas e os humanos partiam rumo a seus destinos. Esse espaço de horizontes foi se manifestando para o município como uma possibilidade de dinamismo econômico porque era o local mais próximo do Rio Taquari. Já o nascente povoado, que havia começado timidamente no município a partir da divisão de parte das terras de Menna Barreto em quadras, incitava a presença de atividades urbanas na Rua da Praia.

Em 1872, quatro anos antes da emancipação da freguesia de Santo Antônio da Estrela, chega à localidade Miguel Ruschel que, segundo o Album Commemorativo do Cincoentenario do Município de Estrela (1926), é responsável por acelerar o dinamismo econômico da localidade pela compra e transformação da antiga residência de Menna Barreto em casa comercial (com empório de compra e venda de produtos coloniais e armazém de secos e molhados) e hotel, onde se hospedavam os colonos que se dirigiam à Vila para negociar seus produtos. Mas Ruschel também adquire de Menna Barreto, na década de 1870, segundo Hessel (em JORNAL NOVA GERAÇÃO, 3/6/2005), um terreno destinado à chácara na já existente Rua da Praia. Segundo o autor, assim contém a escritura:

Declaro eu abaixo assinado que sou legítimo senhor e possuidor de um terreno [...] de minha propriedade, sito na quadra n° 1, na Rua denominada Praia, cujo terreno é de n° 1, contendo cinquenta palmos de frente para a referida Rua da Praia e fundos ao Rio, que me pertence e se divide por um lado com um terreno e n° 3 e por outro com a Rua Estrela [...] do qual faço a venda ao Sr. Miguel Ruschel [...].

No mesmo documento, há uma nova confrontação de limites do terreno depois de três anos:

[...] além do Rio e da Rua da Praia, divide-se com terrenos de Pedro Dallem e por outro lado com terras dos Vigários e comprador.

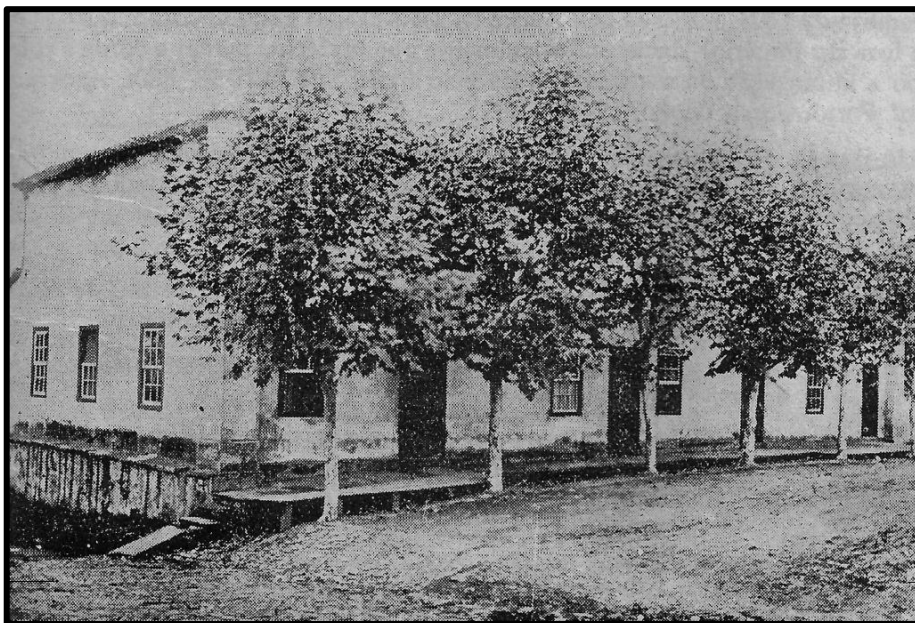


Figura 13: considerada a segunda casa construída em Estrela, este sobrado foi erguido por Vitorino José Ribeiro (padrasto de Menna Barreto) quando este se transferiu para Estrela a fim de fundar a colônia. É interessante que, segundo historiadores, a casa principal das fazendas geralmente ficava no topo de uma colina. No entanto, as duas primeiras casas em Estrela localizavam-se no sopé do morro em que se originou o núcleo urbano. Segundo Hessel (1983, p. 43) isso se deveu ao fato de que desde o início de sua ocupação Estrela dedicou-se a fornecer produtos agrícolas à Capital. Observamos isso solidificado em sua paisagem, principalmente na Rua da Praia.

Não sabemos se anteriormente a este documento outros terrenos já haviam sido vendidos na Rua da Praia. Também não sabemos a exata localização deste imóvel (nenhum dos entrevistados sabia quem era Pedro Dallem nem tinha conhecimento sobre terrenos de vigários no referido lado da Rua da Praia), com exceção de se situar no lado da Rua que está voltado à margem do Rio Taquari. No entanto, percebemos que além de se manifestar uma paisagem relacionada ao transporte e ao deslocamento, principiava-se no final do século XIX, à Rua da Praia, atividades destinadas à produção agrícola e à moradia.

Escreve Dardel (2011[1952]) que os indivíduos recriam as paisagens onde vivem, denotando-lhes seus hábitos, maneiras, sentimentos e intenções. Adentrando-se no século XX, a Rua da Praia testemunhará a aceleração dos ritmos das atividades humanas.

Já no início deste século a intenção humana de superar a grande declividade das barrancas do Rio (cujo nome original é *Tebiquary*, que significa “rio das barrancas profundas”) para conseguir transportar coisas e pessoas entre suas margens e as embarcações vai se solidificar na forma das maxambombas que, segundo Ferri (1991, pp. 210-211) consistia em

Um mecanismo que começava na parte interna do armazém [trapiche], onde havia um grande pião de madeira, com um cambão para movimentá-lo, por tração animal ou elétrica, fazendo o pião rodar. No pião estava enrolado um cabo de aço, em cujas pontas eram presos os troles. Estes rodavam por sobre dois pares de trilhos de aço, a semelhança aos da estrada de ferro. Os trilhos eram assentados em caibros, fixados sobre grossos troncos de madeira, fincados nas barrancas, ou então por sobre muros de pedras, de tijolos ou mesmo de concreto. Os caibros estavam colocados transversalmente, sob os trilhos, desde o trapiche, até dentro da água do rio, em seu nível mais baixo. Ao ser movimentado o pião, os dois troles presos às extremidades do cabo de aço, rodavam por sobre os trilhos, de maneira que, enquanto um subia, desde o barco até o armazém, o outro descia desde o armazém até o barco, fazendo com que, a carga ou a descarga, através de ambos os troles, conforme a necessidade.



Figura 14: fotografia tirada de um barco no Rio Taquari tendo em vista o Porto de Estrela, com suas escadarias que desciam até às embarcações (onde geralmente as pessoas tomavam os vapores). Ao lado esquerdo da fotografia, observamos os trilhos da maxambomba que seguem do Rio Taquari até um prédio, no qual está localizada a máquina que fazia subir e descer os troles. Sem data da fotografia. Fonte: AEPAN ONG.

Na Rua da Praia, conforme podemos averiguar pelas figuras 11 e 14, havia duas maxambombas. Uma delas (que pode ser vista pela figura 14) servia à empresa Alfredo Arenhart, firma que se beneficiava da existência da Rua da Praia junto ao Rio Taquari para promover trocas comerciais (principalmente da exportação de cereais e importação de

materiais de construção) de produtos entre Estrela e Porto Alegre quanto à venda destes produtos por atacado à população. A outra maxambomba existente era de propriedade da Companhia de Navegação Arnt (a maior empresa que realizava o transporte de pessoas e coisas do Rio Taquari) que possuía na Rua da Praia uma agência de navegação, destinada à compra e venda de passagens, carregamento, por meio da sua maxambomba, de produtos transportados pelas suas embarcações e venda de mantimentos que eram produzidos na Capital, como querosene e gasolina. Conforme figura do Album Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrela (1926), esta agência localizava-se nos números 13 e 15 da Rua Marechal Deodoro (nome da Rua da Praia a partir do ano 1899). Este mesmo prédio em que funcionava a Navegação Arnt posteriormente serviu como fábrica e loja de licores e cachaça de propriedade de Meinhart e Cia.



Figura 15: fotografia da Agência de Navegação Arnt, que também possuía uma maxambomba para carregamento de produtos do Rio para a Rua e vice-versa. Após o declínio do transporte fluvial no Taquari, este prédio abrigou uma fábrica de licores. Fonte: Album Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrela (1926).

Em outubro de 1924, é inaugurado o porto de Estrela, fruto da decisão da administração municipal de construir junto a ele uma escadaria (contando com 105 degraus) um belvedere e um cais. Conforme podemos observar na figura 16, faz-se presente à balaustrada, de cada lado das escadas, duas estátuas: uma simboliza a indústria (representada pela deusa Minerva) e o comércio (representada pelo deus Mercúrio). Ambas as estátuas estavam voltadas, conforme podemos observar, para o Rio Taquari. Segundo Corbin (1989), a arquitetura dos portos está voltada para diversas

situações: a quem lhe chega de fora, a quem está saindo dele e àquele que simplesmente lhe vem observar. O porto é um lugar especial, pois reúne a cidade (Estrela) e o Rio. Da primeira constitui-se uma paisagem que é dominada pelas atividades humanas, fruto do seu trabalho. Ao segundo está ligado o deslocamento, as extensões e as aventuras humanas. É, sobretudo, um elemento do qual o humano pode se utilizar, mas que lhe prega peripécias. Mas o porto, erguido com elementos modernos para a época (inclusive luminárias), pretende afiançar a confiança do trabalho humano sobre as atividades da natureza e do Rio. Através dos dois estatuários (denominados popularmente de Adão e Eva, o que sugere a presença da religiosidade cristã) voltados para o Rio, estrada de onde provinham as modernidades, a municipalidade talvez intencionasse insinuar a cidade como um espaço aberto às inovações e às riquezas do mundo, ressaltar a importância do Taquari como alavanca ao dinamismo e ao esplendor da indústria e do comércio no qual a cidade se considerava estar à época e, por fim, sugerir a aventura e a ousadia aos que estavam a esperar sua embarcação nos bancos do belvedere.

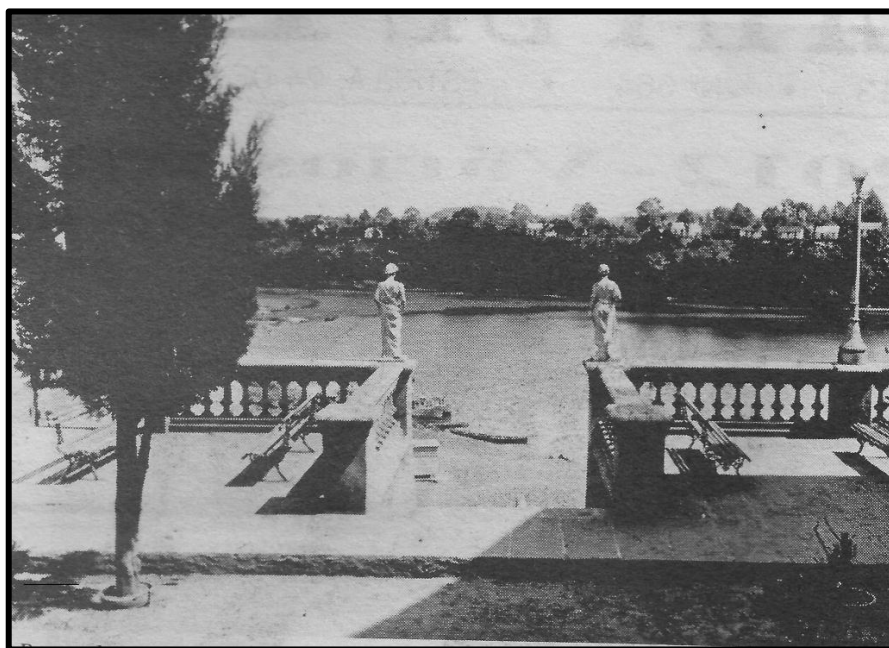


Figura 16: o Porto de Estrela. Percebe-se a importância desta obra para o município, em virtude da quantidade de bens públicos usados para a construção do belvedere e do cais. Sem data da fotografia. Fonte: Jornal Folha de Estrela, de 24 de Maio de 2012.

A reforçar a corporificação da Rua da Praia como um local de passagens, faz-se presente um curioso e pitoresco acesso que tinha por objetivo fazer a conexão entre a Praça Menna Barreto e seus arredores com a Rua da Praia. Este elemento atendia pelo nome popular de zigzague e era frequentemente lembrado pelos entrevistados, que os

destacavam como via de ligação dos indivíduos que desejavam pegar a barca ou o vapor (devendo descer da Praça até a Rua da Praia) bem como dos moradores da Rua que desejassem acessar o centro ou retornar ao seu local de moradia.

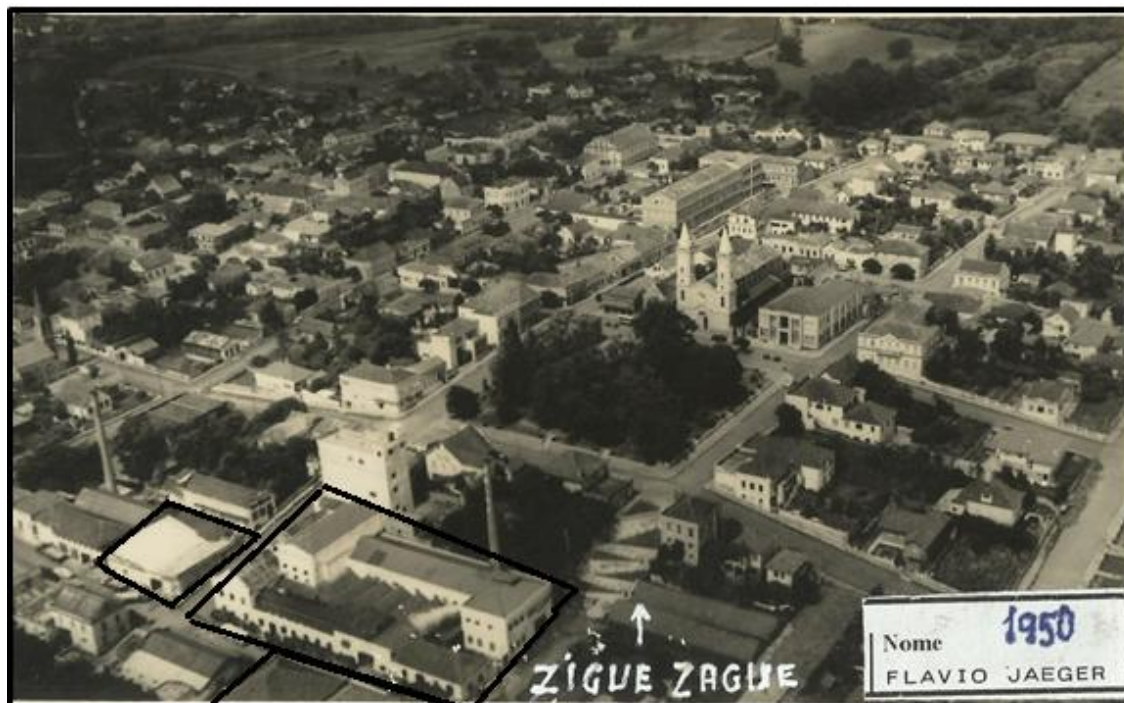
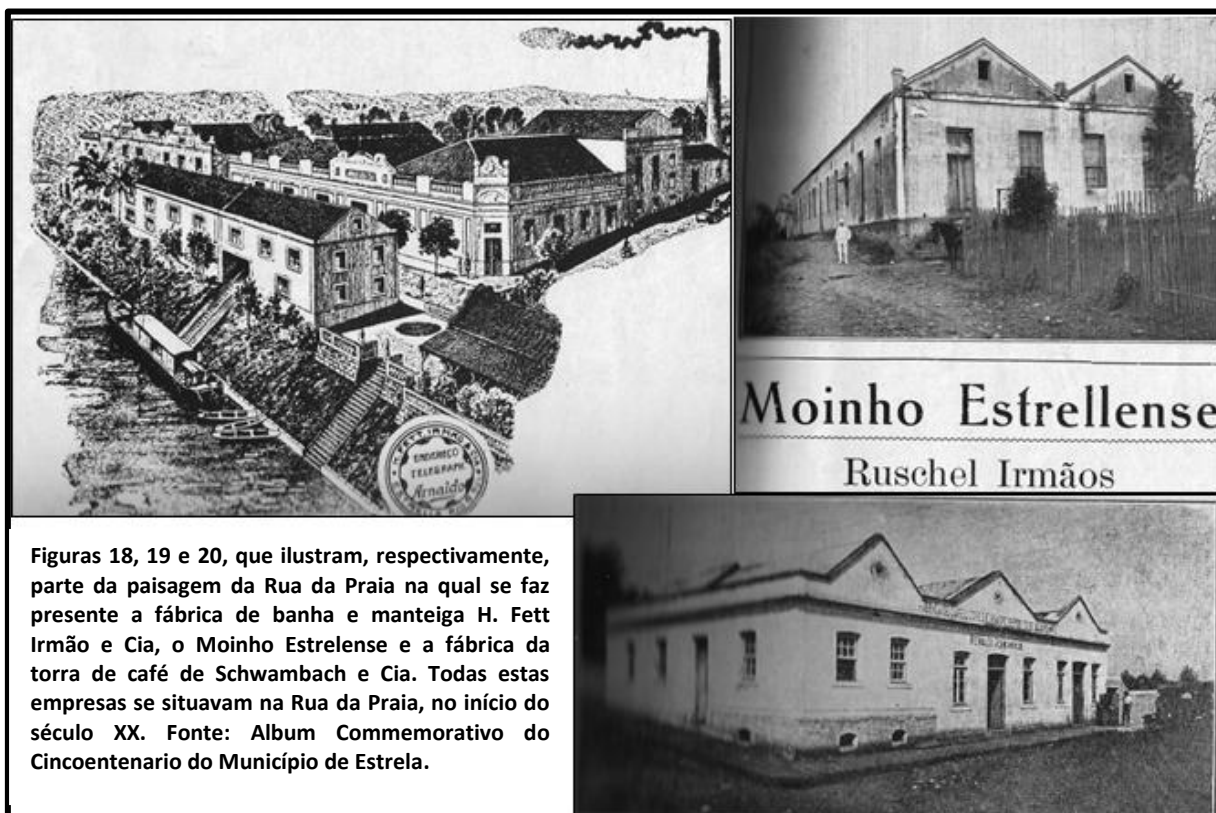


Figura 17: como indicado na própria fotografia, o ziguezague era um acesso por rampas em ziguezague que constituía-se como extensão da própria Rua 13 de Maio. Tinha por intenção superar a grande declividade que havia entre a área em que está a Praça da Matriz (correspondente à quadra mais arborizada, ao centro da fotografia) e a Rua da Praia. Datada de 1950, a imagem ilustra (com auxílio dos retângulos pretos que representam o contorno dos prédios ocupados pela Fábrica) o contínuo processo de privatização que a Cervejaria incorporaria à paisagem da Rua que a esta época já ultrapassava muito a antiga quadra inicial que ocupava.

O jubileu econômico que estamos relatando (de cuja existência a municipalidade tentava persuadir os estrelenses e os visitantes) está intrincado à presença de indústrias que surgem em Estrela no início do século, conforme ilustram o Album Commemorativo do Cincoentenario do Município de Estrela (1926) e as narrativas. Na Rua da Praia, faziam-se presentes (além das já citadas Companhia de Navegação Arnt- em cujo prédio posteriormente funcionaria uma fábrica de licores de Meinhart-, e do atacado e firma de exportação e importação de A. Arenhart) no início do século XX as seguintes empresas: Moinho Estrellense, de propriedade dos descendentes de Miguel Ruschel, responsável pela produção de farinha de milho, de mandioca e de trigo, uma fundição, segundo entrevistado 5, de propriedade de A. Mylius (também conhecido como “Bilich”, segundo entrevistado 4), uma fábrica de torração e moagem de café, de R. Schwambach e Cia.

Segundo o entrevistado 5, também havia uma indústria de casas pré-fabricadas, de nome Max Lauer e Cia, cuja localização na Rua da Praia não pudemos estabelecer. Havia também a empresa de propriedade de H. Fett Irmão e Cia, fundada em 1918, cuja banha e a manteiga fabricadas, carregadas via maxambomba da agência de navegação e transportadas pelos vapores da Navegação Arnt, eram destinadas tanto ao consumo dos conterrâneos estrelenses quanto aos moradores da Capital.



Figuras 18, 19 e 20, que ilustram, respectivamente, parte da paisagem da Rua da Praia na qual se faz presente a fábrica de banha e manteiga H. Fett Irmão e Cia, o Moinho Estrellense e a fábrica da torra de café de Schwambach e Cia. Todas estas empresas se situavam na Rua da Praia, no início do século XX. Fonte: Album Commemorativo do Cinquentenario do Município de Estrela.

Mas a empresa que teve grande influência na cotidianidade dos indivíduos residentes da Rua da Praia e mais cristalizou uma paisagem proveniente de sua história foi a Cervejaria Estrella, assim denominada àquela época e que, fundada em outubro de 1914, sob o nome de Julio Diehl e Cia, passou por inúmeras modificações ao longo de seu funcionamento. Já em 1919, modificam-se seus proprietários, passando a denominar-se legalmente Kortz, Dexheimer e Cia Ltda., gerindo-a Luiz Ignacio Müssnich. Localizava-se, durante as décadas de 1910 até 1940 na esquina da Rua da Praia (já então denominada oficialmente Marechal Deodoro), sob número 16.



Figura 21: à esquerda, uma fotografia dos dois prédios da Cervejaria Estrella, localizada na esquina da Rua da Praia com a Rua Coronel Flores, à época em que ocupava apenas uma pequena parte da área de estudos.

As fotografias da figura 20 mostram que o processo de produção de cerveja era bastante complexo, envolvendo uso de máquinas tecnificadas e numerosa mão de obra, o que permitiu a dinamização da Rua da Praia, atraindo a ela intenso número de trabalhadores, negócios e moradores. Conforme o Album Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrela (idem), em 1925 inaugurava-se na Rua Marechal Deodoro um poço, localizado no terreno de Luiz Ignacio Müssnich (então gerente da Cervejaria) que tinha por objetivo aumentar o fornecimento de água tanto à Cervejaria quanto à população estrelense, com destaque aos habitantes da Rua da Praia, cujo número estava em acelerado crescimento.

A maior parte do que podemos relatar a respeito de moradias da Rua da Praia provém de informações obtidas através das narrativas dos entrevistados. Embora não conseguimos saber por exatidão documental escrita dados como a localização e a propriedade de moradias e outros estabelecimentos da Rua da Praia e o ano de ocorrência de acontecimentos, certas informações puderam ser fomentadas pelo cruzamento de dados das narrativas, processo pelo qual pudemos aferir períodos e elementos da paisagem.

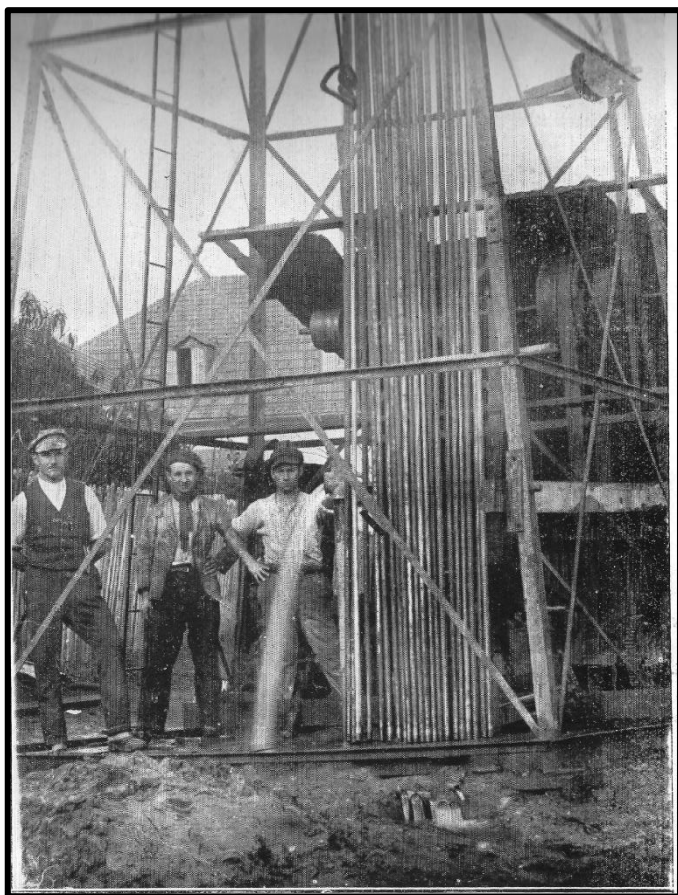


Figura 22: o novo poço, de propriedade de Luiz Ignacio Müssnich foi responsável, segundo o Album Commemorativo do Cincoentenário do Município de Estrela, por grande fornecimento de água às indústrias e à população estrelense. Sem data da fotografia.

Conforme análise das narrativas e tendo como informação a idade dos entrevistados, entre as décadas de 1920 e 1960 (que coincide com o fechamento da Rua Marechal Deodoro pela Cervejaria) era comum moradores da Rua da Praia serem proprietários de negócios. Geralmente neste caso também era característico o fato do respectivo comércio do

residente se localizar na Praia ou próximo a ela, em virtude de que, como espaço de passagens, a Rua

da Praia apresentava grande circulação de pessoas tanto destinadas a pegar as barcas e os vapores para viajar quanto a chegar aos estabelecimentos que estivessem na Vila. Outros indivíduos compartilhavam, no mesmo prédio, sua residência e aposento comercial. Este é o caso da entrevistada 1, que possuía uma loja de tintas e vidros denominada Irmãos Dresch, da entrevistada 2, cujos pais possuíam a Padaria da Praia, do entrevistado 3, cujo pai consertava e vendia eletrodomésticos (entre as décadas de 1960 e 1980). Já o pai do entrevistado 4, segundo narrativa do mesmo, tinha por certo tempo um moinho de arroz atrás de sua casa (na Rua da Praia) e, certo tempo depois, uma garagem de ônibus. Ainda conforme os entrevistados 1 e 4, havia uma pensão (do “seu” Petter) na Rua destinada à abrigar indivíduos que trabalhavam principalmente na Cervejaria. Como espaço de grande trânsito de pessoas, a Rua da Praia habilitava, pelo que podemos assinalar, possibilidade de intensos negócios e trocas comerciais em uma

época em que, no centro de Estrela se sobrepunham e se entrelaçavam os afazeres do trabalho e da moradia.



Figura 23: ao longo do tempo a paisagem da Rua da Praia foi incorporando em suas formas diversas atividades pelas quais se constituía. Esta fotografia aérea é interessante porque possibilita localizar elementos que constituíam o local de estudo, conforme legenda. No entanto, à época de foto, que consta ser do final da década de 1960, certas atividades, como a navegação fluvial e certos elementos, principalmente residências, não se faziam mais presentes devido a alterações trazidas sobretudo pela enchente de 1941 e pelo crescimento produtivo da Cervejaria, o que a levou a adquirir paulatinamente muitos os imóveis e a ocupar quadro quadras da Rua da Praia, chegando inclusive a construir a fábrica sobre 3 ruas transversais à Praia: 13 de maio, Dr. Tostes e 15 de novembro, além de fechar parte da própria Rua da Praia e da Coronel Flores. Fonte: acervo de Flavio Jaeger. (Legenda das cores das setas- Azul: Schwambach e Cia. Torração de Café. Verde: A. Arenhart Importação e Exportação. Lima: Navegação Arnt. Rosa: H. Fett Irmão e Cia. Cinza: terreno de localização inicial da Cervejaria. Vermelho: antiga pensão do Petter. Roxo: Padaria da Praia e residência do entrevistado 2. Laranja: antiga localização da Irmãos Dresch Vidros e Tintas. Amarelo: residência do entrevistado 6. Preto: Buraco dos Cachorros.).

A década de 1940 testemunhou eventos que transformaram (direta ou indiretamente) formas e atividades da paisagem da área de estudos. Em 1941 ocorreu a famosa “enchente de 1941 (ou 41)”, que causou o desabrigo de muitos indivíduos não apenas às margens do Rio Taquari, mas também em áreas relativamente afastadas de suas barrancas. Segundo Ferri (1991, p. 169), esta cheia fluvial foi responsável pelo assoreamento do Rio Taquari em seu médio (no qual se localizava Estrela) e baixo curso, além de formar, junto à margem esquerda do Taquari, próximo à Rua da Praia, uma espécie de lago, a que os entrevistados denominavam de “Buraco dos Cachorros” (figuras 3 e 22). Segundo o autor, a partir de tal evento, torna-se cada vez mais complicada a já difícil navegação no Rio Taquari.

Também podemos adicionar à decadência da navegação fluvial do Taquari a política de expansão do transporte rodoviário, iniciado na década de 1950 por Juscelino Kubitschek e intensificado com a construção e pavimentação da Rodovia BR-386, que liga Estrela à Capital, na década de 1960. Como podemos ilustrar através do fechamento da Companhia de Navegação Arnt ainda no final da década de 1950, o assoreamento do Rio Taquari modificou a maneira pela qual Estrela se conectava com as diversas cidades ao longo do Taquari e também com a Capital. O transporte de humanos e de coisas, seja por meio de viagens de vapor ou travessia de barca entre margens opostas, foi aos poucos sendo substituído pelos deslocamentos via rodovia. Isso nos traz um importante corolário: as dinâmicas na Rua da Praia vão se modificar, de tal forma que miscibilidades presentes na Rua da Praia, então constituídas fundamentalmente por conexões entre “o aqui” (Estrela) e “o além” (locais externos ao município), entre a cidade e o Rio, diminuirão, restando circulações entre “a Rua” e o “centro”, entre a “Cervejaria” e a “rodovia”. Altera-se o canal de superação de escalas locais de um rio-estrada para uma rodovia-estrada.

Outro grande evento que contribuiu para grandes transformações na área de estudo foi a reestruturação produtiva e administrativa passada pela Cervejaria a partir de 1945, ano em que um grupo de santa-cruzenses adquiriu a maior parte das ações da empresa que, além de ter seu nome alterado para Polar S/A- Indústria, Comércio e Agricultura, passa a ser gerenciada por Arnaldo J. Diel. Conforme informações encontradas nos documentos digitais da AEPAN ONG e na narrativa do entrevistado 5, o então gerente da Polar incentivou a adoção de embalagem de casco escuro (em substituição ao casco verde) para armazenamento das cervejas e chopes (permitindo maior durabilidade e conservação do gosto do produto, segundo estas referências), o que acabou por fazer com que em menos de uma década os produtos da empresa alcançassem destaque nacional. O contínuo crescimento da produção da empresa demandava aumento de seu espaço físico. Esse processo incorporava-se na paisagem praiana a partir da paulatina (conforme podemos ver na coletânea da figura 24) compra de imóveis que se localizavam em ambos os lados da Rua, entre as décadas de 1950 e 1970.



Figura 24: o conjunto destas fotografias ilustra o processo de privatização de parte da Rua da Praia pela Cervejaria. Acima, à esquerda, podemos observar a Fábrica na década de 1960, quando já estava ocupando duas quadras e o ziguezague já havia sido destruído, além de se estender sobre parte da margem do Taquari (Fonte: acervo de Flavio Jaeger). As outras duas fotografias são do ano de 2012 (quando a Rua da Praia já possuía novamente circulação pública, embora os prédios ainda se conservem). A superior, à direita, capta parte da Rua Coronel Flores, onde ao fundo havia o porto de Estrela. Ao lado, observamos a Rua da Praia com ambos os lados cerceados por antigos prédios da Cervejaria. Fonte: Lucas Schneider.

Em um pequeno álbum sem título, intencionado a destacar informações propagandísticas sobre Estrela, datando de 1968, encontramos um comercial da Polar S/A, que já destacava a empresa por ocupar quatro quadras às margens do Rio Taquari, embora esta ainda não possuísse todos os imóveis localizados nestes respectivos quarteirões (ver figura 24). Com a morte de Arnaldo J. Diel (em 1969) e no bojo do processo de monopolização financeira e produtiva intensificado pelo Regime Militar (1964-1985), a Cervejaria seria comprada pela empresa Antartica Paulista no ano de 1972, quando passaria a se denominar Cervejaria Antartica/Polar. A partir desta data, a empresa adquiriria o restante dos imóveis localizados nestes quatro quarteirões (a partir da venda por antigos moradores da Rua da Praia) e construiria em parte das próprias ruas situadas entre as quadras que havia comprado. Esta incorporação ocorreu devido à doação de trechos de ruas por parte dos governos municipais, primeiro no ano de 1973 e posteriormente, em 1987 quando a Fábrica chegaria, segundo AEPAN ONG a ocupar cinco quarteirões às margens do Taquari.

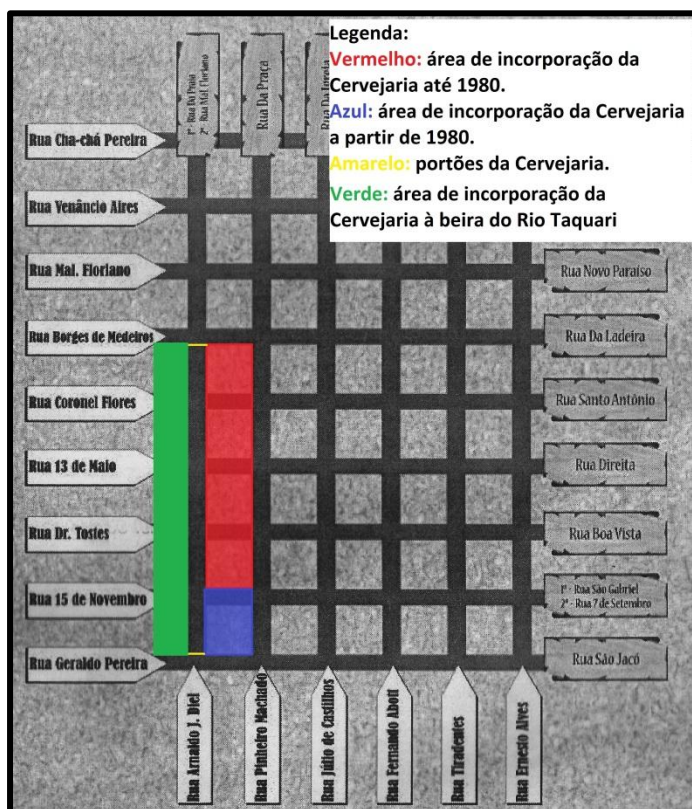


Figura 25: esquematização do processo de privatização da área de estudos a partir de gravura do Centro de Estrela. Chegando a ocupar cinco quadras, a Cervejaria comprou todos os imóveis situados na área ilustrada em vermelho e azul, além de construir às próprias margens do Rio Taquari (área em verde). Também edificou-se sobre parte das ruas Coronel Flores, 13 de Maio, Dr. Tostes, e 15 de novembro. Na década de 1980, parte da Rua da Praia estando imersa entre os prédios da Cervejaria, foi fechada à circulação pública.

Se o declínio das navegações pelo Rio Taquari havia transformado em rugas o Porto de Estrela e o caminho para barca, as estruturas produtivas pelas quais atravessa a Cervejaria vão transformá-la em centralidade. Assim, materializam-se na Rua da Praia rupturas de habitação: deixa de se tornar espaço de moradia, de aparição pública e de comunicação para torna-se lugar de trabalho e de circulação. Transforma-se em horizonte da acumulação e exclusividade política e econômica.

O Rio Taquari declina em sua realidade imediata. Os prédios da Cervejaria, a destruição do Porto e o fechamento da Praia impedem a captura de seu panorama do centro da cidade. A barragem-eclusa, localizada no município de Bom Retiro do Sul (figura 26) e que, depois de dezenove anos de obras, é inaugurada em 1977, altera o nível do Taquari de quatro para dez metros em Estrela (AEPAN ONG), modificando o regime fluvial e o leito do Rio.

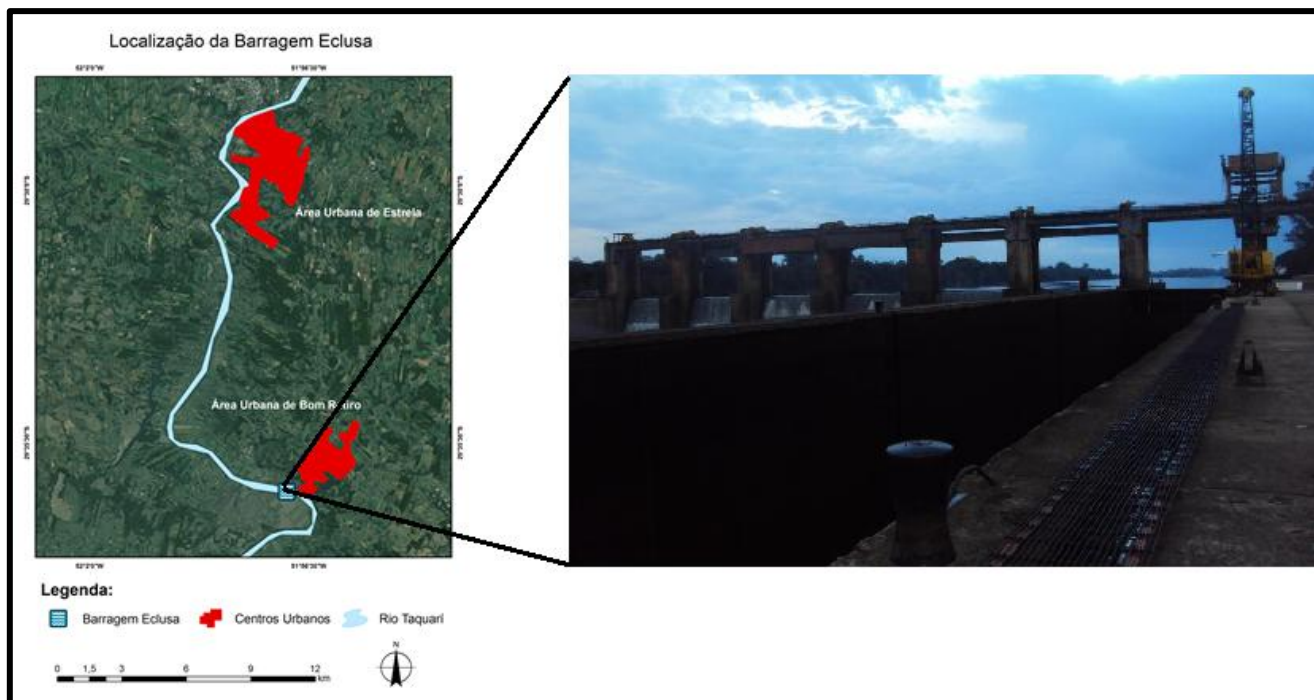


Figura 26: mapa ilustrativo da localização da eclusa em Bom Retiro do Sul, destinada a tornar a montante do Rio onde está situada navegável. É interessante comentarmos que, logo após entrar em funcionamento, iniciou-se a construção de um novo porto na porção norte de Estrela, destinado a escoar soja, produzida em diversos municípios do estado e que provinha até a cidade por ferrovias. Junto ao porto, instalaram-se diversas indústrias, com destaque às relacionadas à produção de óleo de soja.



Figura 27: fazia-se presente uma grande ilha no Rio Taquari, próximo ao Buraco dos Cachorros, que foi denominada popularmente de prainha americana (rever figura 3) por ser constituída de material arenoso, já que a maior parte das margens do Rio era coberta por cascalhos. Percebe-se, na imagem, a existência de um pequeno canal de água entre a ilha e a margem, local onde os indivíduos tomavam banho.

Próximo à Rua da Praia, submergiram no canal fluvial uma faixa de terra (visível na figura 4) e uma ilha (figura 27), frequentes locais de práticas de lazer, até então presentes principalmente nos períodos de vazante. A intenção de tornar o Rio novamente navegável através da construção da barragem-eclusa alterou

substancialmente a paisagem do Rio Taquari e, portanto, a possibilidade de práticas periódicas e enraizadas neste componente da paisagem. Segundo informações conseguidas a partir de relatos (entrevistado 3) e da AEPAN ONG, os banhos de rio e as

atividades balneárias tornaram-se praticamente impraticáveis devido ao maior risco de afogamento e à submersão de suas margens. As enchentes se tornaram mais violentas e frequentes em virtude do aumento do nível de água do Taquari. Somados a estas transformações incluem-se o aumento das zoonoses e da poluição à montante da eclusa, em virtude da menor velocidade das águas do Rio Taquari. É, talvez, por (inter)romper práticas há muito arraigadas entre indivíduos *no* e *com* o Taquari que surge, no local onde antes havia o zigzague, um monumento destinado ao reclame de mudanças impostas a suas atividades.



Figura 28: Fotografia do Monumento do Cascalho, localizado na atual Rua 13 de Maio, no Centro de Estrela e erguido em 1976. Na placa de metal podemos ler a seguinte homenagem: “Legítimo Cascalho do Rio Taquari. Espécie extinta que já fazia parte da vida da comunidade. Homenagem da Rua 13 de Maio à comunidade que anseia reconquistar seu Rio.” Fonte: acervo do autor.

de muitos indivíduos). Em 2005, o local que abrigava a antiga Cervejaria torna-se apenas um ponto de distribuição de bebidas.

Em 15 de agosto de 2008, a partir de uma parceria público privada, a Rua da Praia (atualmente denominada de Arnaldo J. Diel) e os antigos terrenos adjacentes são

Em 1992, principia um conjunto de acontecimentos que levariam ao fechamento da Antarctica/Polar, em 2006. Já naquele ano, algumas linhas produtivas são transferidas de Estrela para outras filiais. Entre 1993 e 2004, ocorre contínua demissão de trabalhadores, causado pelo aumento de impostos sobre a Fábrica, tanto por represália aos incentivos dados pelo governo do estado à cervejaria Brahma (sem correspondente incentivo à Antarctica) e pelo processo de oligopólio da produção de bebidas (que culminou com a junção da Antarctica e da Brahma e a demissão

adquiridos, tornando o logradouro novamente a destinar-se a circulação pública. Uma inauguração oficial é realizada em outubro deste mesmo ano, incluindo-se a presença de alguns dos antigos moradores da Rua da Praia. Nesta festividade e nos jornais que a noticiaram, discursos da importância da memória e do passado da Rua amparavam-se por meio de histórias idílicas e nostálgicas, entre as quais se destacavam romances juvenis, espírito comunitário da vizinhança, a diversão junto ao Taquari (banhos de Rio, atividades balneárias, etc.), e a ausência de insegurança.

Interessa-nos compreender que a paisagem da Rua da Praia foi historicamente corporificada por diversas atividades que em até determinado momento conseguiam conviver ou mesmo se mesclar. Houve então uma ruptura desta paisagem, tanto de suas materialidades em si quanto das atividades que a constituíam. A necessária busca de identidade frente a um crescente cosmopolitismo trazido pelos processos de globalização, combinado a um local símbolo de esplendor social e econômico- vinculado ainda a valores passados- autorizou a restauração, em 2014, do antigo Porto de Estrela até então inacessível e esquecido. Ao ressaltarmos que as duas estátuas estão novamente em seus antigos locais de sentinela, voltadas para o Rio, o que muda? Talvez sentimentos de nostalgia e a intenção de fazer com que o Taquari faça novamente parte como elemento participante da paisagem estrelense.



Figura 29: as imagens ilustram a restauração do antigo porto de Estrela que, até a década de 1950, tinha como tarefa auxiliar indivíduos e mercadorias a suplantarem escalas locais e a receber mercadorias e pessoas oriundas “de fora” Fonte: fotografias tiradas em 14/4/2015, pelo autor da pesquisa.

7. A RUA DA PRAIA E SUAS PAISAGENS: RITMOS, CICLOS, INCORPORAÇÕES E REPRESENTAÇÕES.

O presente capítulo será dividido em partes que intencionam elucidar, a partir das narrativas produzidas pelos entrevistados, atividades e representações de realidades cotidianas e imediatas. Estas realidades são *paisagens*, constituídas a partir dos fenômenos dos lugares sociais de cada indivíduo e de suas vivências, não esquecendo também que estas paisagens são memórias e que, portanto, contém no evento relatado seu passado e seu futuro.

Estas paisagens não se relacionam, portanto, a intencionar divisões corológicas da superfície terrestre, produzidas a partir de fisionomias e acontecimentos que serviriam para traçar limites. Importa-nos a elucidação de paisagens que podem sobrepor-se e, inclusive, se contrapor umas com as outras, dependendo das atividades a partir das quais elas se constituem.

7.1 Paisagens do Labor, Paisagens da Locomoção e seus Horizontes.

A Rua da Praia, conforme vimos no capítulo anterior, iniciou-se materializando como fruto do trabalho humano a partir da circulação e do movimento: do escoamento daquilo que era produzido na nascente Vila e daquilo que lhe chegava de fora, pelo Porto; e também da necessidade de deslocamento de pessoas, que tanto deixavam quanto chegavam à cidade. Atesta-nos o entrevistado 5, para quem

Ali na Rua da Praia começou pela navegação, que foi criado um porto ali onde os vapores atracavam e dali saía mercadoria que ia dali para Porto Alegre, Bom Retiro [do Sul], Mariante, esses municípios aí [...] Também tinham os vapores. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Assim, materialidades como o Porto, o passo (local onde carros e caminhões esperavam as barcas- figura 11) e as próprias embarcações eram elementos de uma paisagem de movimento que nascia da necessidade de troca de mercadorias entre Estrela e outros locais e da travessia ininterrupta de carros e caminhões de carga entre as margens opostas do Rio, realizada pelas barcas, verdadeiras pontes móveis. Mas a maior parte dos entrevistados mencionou também deslocamentos humanos, incluindo as próprias viagens que realizavam pelo Rio Taquari. A entrevistada 1 afirma que,

diariamente, por meio de barca ou de lancha, atravessava o Rio Taquari de Cruzeiro do Sul a Estrela com o objetivo de estudar, enquanto que outros entrevistados corroboram o ciclo diário das viagens das embarcações, ao citarem que cedo pela manhã e depois, durante o final da tarde, se ouviam vapores e gasolinas apitando no porto. São ciclos, sobretudo, surgidos e imbricados pelos deslocamentos pendulares entre a moradia e os afazeres: a casa e o serviço, a casa e o estudo, a casa e os negócios/comércio e vice-versa. As viagens tinham duração variada: poderia ser simplesmente a travessia do Rio, que não costumava durar mais de 30 minutos, mas também poderia ser uma viagem maior, chegando a durar, entre Estrela e Porto Alegre, 15 horas. Conforme oralidade do entrevistado 5, as viagens eram verdadeiras aventuras:

Durante a viagem a gente ficava comendo e bebendo no primeiro andar. Às vezes gente também saía de dentro do barco e ficava olhando a beira do Rio. A comida era boa, tinha dois cozinheiros que faziam um bife com ovo que melhor não tinha... ele [o vapor] não tinha hélice. Eram rodas dos dois lados e aquilo fazia barulho: ‘tchá, tchá, tchá, tchá, tchá.’, o tempo inteiro a gente escutava as rodas de noite. Mas o engraçado era que de noite, quando o vapor fazia uma curva muito fechada, eu sempre caía do beliche enquanto dormia. Aí sabe o que meu pai fazia? Me amarrava com um cinto na cama para eu não cair. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

As lembranças, compostas de diversos sentidos, ilustram e descrevem a aventura que era considerada a viagem de vapor para um local a se conhecer, um horizonte, em uma época que o Rio Taquari era a estrada que ligava Estrela com o mundo. O que podemos perceber, desta maneira, é que falar sobre a Rua da Praia é relatar uma paisagem de movimento que supera sua própria escala. Torna-se, sobretudo, uma paisagem de fronteiras e de incertezas, porque é corporificada por ciclos de atividades que são produzidos pela busca de horizontes e pela chegada das novidades, segundo ilustra novamente o entrevistado 5, ao descrever atividades portuárias:

Então se carregava manteiga, banha, todos aqueles produtos coloniais da região para o vapor. Porque o único caminho que tinha era o fluvial, não tinha estrada naquela época. Inclusive eu vi na minha vida trazerem um automóvel italiano que um coronel aqui comprou. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Mas não a Rua da Praia não parecia ser apenas uma fronteira entre o Rio e a cidade. Muitos entrevistados diferiam o centro ou parte alta da “parte baixa”, ou ainda da “baixada”, da “Rua da Praia” e da “Praia”. É interessante percebermos que há, então, um

limite na paisagem causado pela diferença de altitude entre diferentes partes do bairro Centro da cidade. Mas, conforme escrevemos no capítulo 3, segundo Ingold (1993), limites não significam que as entidades tornam-se autocontidas, mas sim que produzem em suas fronteiras diversas permeabilidades. Como testemunha de movimentos de permeabilidade está a corporificação do ziguezague (figura 17) que, segundo as narrativas, se destacava por ser usado como atalho para pegar a barca, conectando o centro com o Rio, para ir à Rua, para ter acesso ao centro, para o pessoal da Praia ir à missa e à praça, onde ocorriam diversas atividades hedônicas e sociais.

Esta paisagem praiana, de passagens, saídas e chegadas e, portanto, de interações (Ingold, 1993) só podia se corporificar graças ao Rio Taquari. E é por isso que afirma o entrevistado 5 ter sido a Rua da Praia o local “...onde praticamente começou o comércio de Estrela e tinha as principais indústrias da cidade.”. A Rua da Praia, constituindo-se como um verdadeiro trapiche público, acabou atraindo empreendimentos cujo funcionamento dependia da ligação, através do Taquari, com locais distantes, aos quais se destinavam tanto o escoamento do que era produzido por estas empresas quanto à chegada de matérias-primas e informações. É interessante o fato de que praticamente todos os indivíduos entrevistados tenham buscado descrever com minúcia as empresas e indústrias que havia na Rua da Praia, alguns chegando a expor o histórico de propriedade das mesmas e sua localizações na Rua.

Dentre as que foram mais citadas encontram-se a Cervejaria, a importadora e exportadora Arenhart, a fábrica de banha e manteiga, a fábrica de licores, a loja de vidros e tintas, a Padaria da Praia, o Moinho Estrelense, uma empresa de casas pré-fabricadas, uma fábrica de placas de madeira compensada e uma pequena fundição. Ressaltamos aqui o costume de não se nomear a empresa pelo nome que ela possuía, mas por quem era seu proprietário. Talvez isso se deva, segundo oralidade do entrevistado 4, ao fato de que a maior parte dos “[...] donos das empresas morava [m] na Rua da Praia ou porque naquela época a gente tudo se conhecia na Rua da Praia.”

Isso nos leva a um importante corolário. Devemos observar que os indivíduos entrevistados pertenciam a um grupo social que se constituía e se sustentava graças aos próprios negócios que possuía na Rua da Praia. Já havíamos falado no capítulo anterior

que todos eles tinham casas próprias e alguma atividade de trabalho autônomo. Essa importância dada ao proprietário, à propriedade e às atividades que realizava parece ter surgido tanto como uma atitude inerente ao negócio a que os indivíduos e seus familiares se dedicavam durante suas vidas quanto como uma forma intersubjetiva de reconhecimento e identificação social frente ao próprio grupo de moradores da Rua. Este reconhecimento parece ser até hoje reforçado pela ideia de esforço e mérito contidos nas oralidades, presente de diferentes maneiras nos relatos dos entrevistados, conforme podemos verificar

A minha casa da Praia, nós tinha 3 terrenos! [...] Aí tinha a nossa casa, né, nós morávamos ali do lado do zigzague, num quarto eu e minha mãe e o outro do meu irmão, e na frente era a loja de vidros e tintas e no fundo uma cozinha. [...] Aí a gente saía com a carroça do Tatico para vender e instalar os vidros. Eu trocava vidro e trocava o para-brisa dos carros. Depois eu aprendi a dirigir! Ih!, a gente trabalhou muito! (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

A entrevistada 2 relata o seguinte:

Ali na Rua da Praia meus pais tinham uma padaria e um bar. Eles faziam almoço para fora. Chegavam a ser mais de 80 pratos completos por dia por causa dos funcionários da Polar que trabalhavam ali. Eles compravam lanche ali e no mesmo lugar nós morávamos. A gente estava sempre trabalhando! [...]. (Entrevistada 2 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 76 min).

Além de observarmos, a partir dos dois trechos de relatos acima, que as atividades do trabalho e da produção não estavam separadas das atividades de moradia (o que podemos admitir pelo fato de que o mesmo prédio servia como residência e estabelecimento comercial ou de trabalho), também confirmamos a importância da dimensão socioeconômica para os entrevistados. De fato, com maior exceção do entrevistado 3, todos os outros citaram, além das atividades laborais em que eles próprios e sua família estavam envolvidos, as tarefas as quais outras famílias da Rua também se dedicavam.

Os relatos acima também nos sugerem que a presença de negócios e de circulação de não humanos e de humanos produzia uma paisagem de ritmos acelerados. A entrevistada 1 relata a seguinte paisagem na Rua da Praia ao falar, logo depois de realizado o tópico inicial:

Ali na Rua da Praia... o que tinha de movimento, o que tinha de caminhões, era só empresas que tinha lá! Era só sair na rua e já tinha movimento por causa dos empregados da Polar e daquelas firmas todas. (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Fica-nos evidente que os ritmos das empresas localizadas da Rua, ancorados no discurso transubjetivo do progresso e do trabalho que atravessava o governo getulista durante o Estado Novo (CAPELATO, 1996), propagados nas escolas e nos meios de informação, produziram representações orgulhosas por parte dos indivíduos que nela moravam. A Praia, então, constituindo-se como paisagem iluminada por ritmos acelerados de movimentos, de encontros e desencontros, de residentes e recém-chegados, de miscelâneas e entrelaçamentos entre afazeres individuais e empresariais, permitia a sustentação de ufanismos e de ideais de progresso dentre os quais indivíduos entrevistados pareciam se identificar, dado seus lugares sociais.

Dentre elementos que intensificavam os ritmos da paisagem do trabalho, destacamos a Cervejaria, cujo processo de crescimento acabaria por monopolizar suas influências na formação da paisagem do local de estudo. O entrevistado 4 afirma que “os caminhões [da Cervejaria] faziam, logo de manhã, muito movimento ao esperarem a barca para atravessarem o Rio e distribuírem a cerveja. Às vezes a gente acordava com isso”. Não obstante, o entrevistado 5 confirma, com mais detalhes, a seguinte constituição temporal:

Todo dia de manhã dava fila ali na barca [no passo] por causa dos caminhões da Polar que saíam da garagem da fábrica e iam por um caminhozinho para esperar a barca para a travessia pra ir pra Encantado, Arroio do Meio, Mariante, subir a serra, ir pra Ijuí... Era tudo pelo Rio. [A barca] vinha do outro lado do Rio [Lajeado], encostava aqui [na Rua da Praia] e depois voltava para Lajeado. Os caminhões chegavam tarde ou só no outro dia. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Observando estes dois trechos, destacamos que se trata da existência de um ciclo que se repetia diariamente: pela manhã os caminhões saíam com o objetivo de entregar os produtos da Cervejaria e costumavam voltar ao final do dia, depois do serviço já concluído. Este ciclo de distribuição de produtos, devemos considerar, coincidia com o próprio ciclo diário do trabalho e do trabalhador (que se realiza durante o dia) e também inter-agia com o ciclo de deslocamento (ir e voltar) da barca entre as margens do Taquari e com ciclos que ocorriam com os moradores da Rua, como o do período de repouso. O

trecho do entrevistado 5 também reafirma um dos ideais do Rio Taquari por qual, graças a sua navegabilidade, permite a superação das escalas locais e a possibilidade de crescimento e progresso ao ligar Estrela com o mundo. Não obstante, devemos considerar que o ciclo de distribuição de produtos (e outros que também se interligavam a ele, como o ir e o voltar da barca) constituía-se ritmicamente acelerado. As expressões “movimento” e “dava fila”, dos entrevistados, indicam que as atividades da Cervejaria ocorriam de maneira cada vez mais rápida e intensa.

Ao mencionarmos alguns trechos de relatos, como o das entrevistadas 1 e 2 e dos entrevistados 4 e 5 evidenciamos, além da crescente influência à materialização das paisagens na Rua da Praia (e que culminaria com o fechamento da Rua), intensificarem-se inter-relações entre a Cervejaria com cotidianidades da vida dos moradores e de suas famílias. Alguns entrevistados afirmam serem aceleradas certas temporalidades da Rua devido à presença de diversas empresas, embora tenham dado uma importância maior à Polar, o que podemos ratificar pelas descrições de suas vivências no local de estudo.

Talvez um dos melhores exemplos deste processo esteja presente no relato da entrevistada 2, quando este afirma que o intenso trabalho a que sua família estava dedicada (ao descrever que diariamente serviam mais 80 pratos completos aos funcionários da Polar) se devia à necessidade de alimentação dos trabalhadores da Cervejaria. Outros exemplos, que serão mais debatidos no capítulo próximo, se dão com a pensão do Petter que, conforme a entrevistada 1, era muito buscada para repouso pelos funcionários mais jovens da Polar e também com o gelo vendido diariamente pelo Tatico, fabricado pelas máquinas da Cervejaria. Isto corrobora com nossa discussão baseada em Ingold (1993), quando afirmamos que, pelo fato de os elementos constituírem paisagens, eles são entidades abertas (não sendo, por isso, objetos) e, portanto, ressoam uns nos outros ao se coisificarem na e como paisagem.

Ao refletirmos sobre os três exemplos acima, observamos que os ciclos de atividade de pausa para almoço da Polar (e hiato do trabalho) refletiam no ciclo e no ritmo do restaurante dos pais da entrevistada 2; a atividade de repouso dos empregados da Polar repercute nos ritmos da pensão do Petter e a atividade de produção de gelo da Cervejaria compunha um nó com as necessidades dos moradores de conservarem seus

alimentos. É a paisagem do trabalho que, ao construir-se como totalização, constitui tessituras e ligações que ecoam em cada um dos seus constituintes, o que faz com que carreguem consigo suas relações com os demais elementos (INGOLD, 1993). Isso significa, portanto, que as coisas são atravessadas pelas mais diversas (inter) ações que a paisagem pode conter. Em outras palavras, as tarefas do trabalho vasam para outras atividades.

No final da década de 1970, com a Cervejaria materializando suas atividades sobre toda a paisagem da área de estudo, a Rua da Praia passa a ser denominada popularmente, segundo entrevistado 5 e vivências do autor da pesquisa, a Rua da Polar. À luz de Dardel (2011), a paisagem é dotada de singularidades contidas em suas fisionomias e atividades. Esses aspectos, significados pelas próprias experiências humanas, convidam os indivíduos à produção de um nome, quer por processos subjetivos ou intersubjetivos, que permitem aos humanos o reviver de suas realidades geográficas imediatas.

Quando questionado a explicar o porquê da denominação “Rua da Praia”, o entrevistado 5 esclarece: “...por isso que a Rua tinha esse apelido, porque todo mundo pra sair de Estrela tinha que ir à Praia pegar o vapor para viajar...”. Sendo assim, o local era representado pela importância das atividades de deslocamento, circulação e ligação de Estrela com o mundo. O mesmo entrevistado esclarece mais tarde que “ela se tornou tão importante que tempos depois esta Rua não era mais chamada Rua da Praia, mas Rua da Polar.”. Este valor dado à Cervejaria é justificado tanto pela paulatina expansão da escala de exportação que, conforme o entrevistado “... [inicialmente] vendia pra todo o Rio Grande do Sul, depois Santa Catarina e depois começou até a exportar para outros países!” quanto pela primazia utilização de garrafas de cor âmbar para embalagem dos produtos. Assim, o termo praia, que inicialmente é representado pela importância da Rua para a circulação e o desenvolvimento da cidade desaparece com as transformações ocasionadas pela Polar. Com fisionomias e atividades alteradas, evoca-se a monopolização que a empresa causou na paisagem do local de estudo.

A valorização tão intensa da Cervejaria (vista no parágrafo acima), e de forma geral, das atividades laborais, provem do lugar social e histórico do indivíduo (JODELET, 2009) e de sua família, que inicia o relato da seguinte maneira:

A Rua da Praia foi uma consequência dum evolução do desenvolvimento do município de Estrela. Ela era a principal Rua de Estrela. Ali na Rua da Praia começou pela navegação, que foi criado um porto ali onde os vapores atracavam e dali saía mercadoria que ia dali para Porto Alegre, Bom Retiro [do Sul], Mariante, esses municípios aí. [...] Essa coisa [falando do progresso da cidade da Rua da Praia] toda quem começou foi o meu bisavô, Miguel Ruschel. Era um alemão que veio de Feliz [município do Rio Grande do Sul] pra cá e com mais irmãos...eles criaram um monte de progresso aqui, porque eles criaram uma navegação, na época em que o Taquari era o único caminho para ligar as cidades e para transportar as mercadorias produzidas, e também criaram o Hotel Ruschel a partir da compra de um prédio de Antônio Vítor de Sampaio Menna Barreto, na atual Rua Dr. Tostes. Aí o meu avô, Guilherme herdou aquilo ali e a navegação. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Neste segmento de relato, em que evidenciamos o desenvolvimento econômico da Rua da Praia ocorrer por sua constituição como fronteira entre a cidade e o Rio, o entrevistado 5, observamos, possui ligações muito fortes com suas ancestralidades de maneira que lhe estão imbuídas com próprio progresso da cidade. Lembrar de progresso e de trabalho na Rua da Praia é lembrar do pioneirismo e coragem de sua própria família; e é, portanto, lembrar de si mesmo e de seu passado. E essa coragem é preenchida por aventuras e por desafios, confirme relato do entrevistado 5:

Teve até uma vez que o meu bisavô, que tinha a navegação, explodiu uma pedra no Taquari. Logo mais para baixo da barca, tinha uma ilha gigantesca no leito, muito larga, e do lado dela tinha uma cachoeira que se formou por causa da enchente de 41, tal a força da água. Bem no meio do canal do Rio, pro lado de Cruzeiro [do Sul], tinha uma pedra grande dessa cachoeira que aflorava...chamavam ela de feiticeira. Muitos desses vapores furaram o casco por causa dela. Aí meu bisavô que era meio louco foi na secretaria para darem um jeito, não deram até que outro vapor dele furou por causa da pedra e ele explodiu com dinamite. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Mais adiante:

Era muito difícil conseguir movimentar as mercadorias, porque o Rio Taquari tinha umas encostas de paredão de às vezes 30 ou 40 metros, muito íngremes. Era com as maxambombas, que eram carrinhos que andavam sobre trilhos em queda que iam até a borda de onde o vapor encostaria e [eram puxados por] cabo de aço, que tinha uma roldana que enrolava esse... cabo, na parte superior da encosta, movimentado por mulas ou à energia elétrica. Os trilhos entravam no Rio, ficavam dentro da água, para carregar ou descarregar o vapor [...] (entrevistado 5). (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Os conflitos entre elementos humanos e não humanos evidenciam uma “paisagem de confrontos” que se caracterizava pelos desejos de superar distâncias, de se acelerar os

ritmos, trazido pela necessidade de circulação de coisas e de pessoas. Esses desejos, no entanto, deparavam-se com alguns desafios. Um deles é o canal do Rio que, a partir da grande enchente de 1941, torna-o assoreado. O resultado eram os frequentes encalhamentos das maiores embarcações que navegavam pelo Rio Taquari, os vapores (ver figura 30).

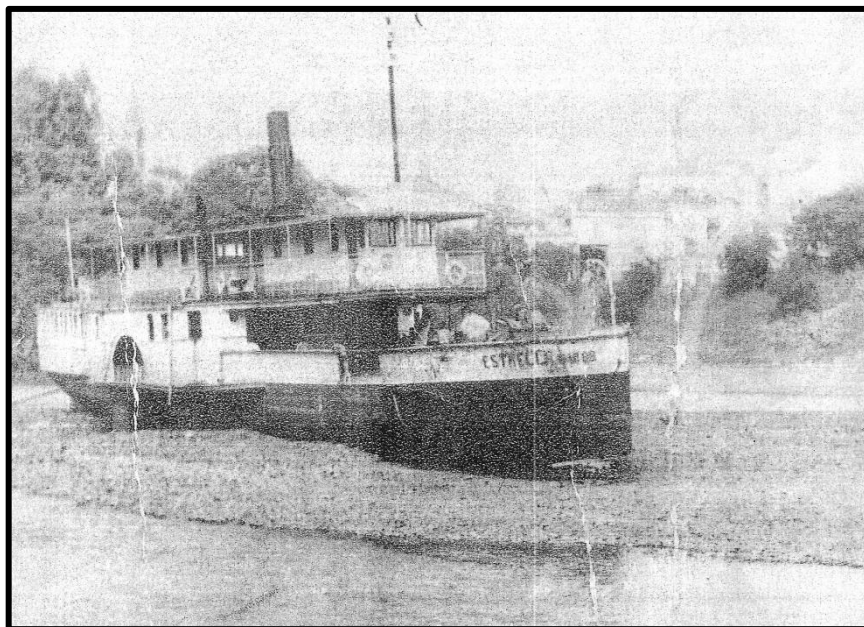


Figura 30: após a enchente de 1941 (em que o nível de água subiu 15 metros), houve grande transformação do leito do Rio Taquari que, tornado assoreado, causava muitos encalhes de embarcações maiores que tentavam percorrê-lo. Na fotografia está um dos vapores da Companhia Arnt, o “Estrela”, encalhado em uma cascalheira que ficava próximo do Buraco dos Cachorros.

O segundo obstáculo era a grande inclinação e profundidade das barrancas do Rio Taquari (cujo nome provem de Tebiquary, que significa “rio das barrancas profundas”, em guarani), que foi vencido pela técnica das famosas maxambombas. Conforme escreve Dardel (2011), é a partir do profetismo bíblico que a Terra foi dessacralizada. Ela não é mais origem e destino dos humanos porque ambos são nada mais do que obra de um deus onipresente, onipotente e onisciente. Se no pensamento mítico, por se constituir como presença e como destino, Terra e humanidade estavam ligadas de maneira orgânica, agora ambos se separam, surgindo então a ideia (sobre a qual já abordamos no referencial teórico-metodológico) de uma natureza externa. Constituindo-se como receptáculo das criações divinas, deus dotou os humanos de razão e de sentidos para que pudessem admirá-la e dela colher seus frutos (CORBIN, 1989, pp. 35 e 40). Nascia uma natureza com valor utilitário, a ser intensamente conquistada, explorada e consumida. E

observamos ser dessa concepção, presente em nossa sociedade moderna, que o Rio e suas barrancas possuem representações paradoxais: se por um lado permitiam o testemunho de materializações humanas como paisagem que se construía sob as atividades de circulação e de acumulação, por outro lado era o mesmo Rio e suas barrancas que limitavam estes processos, ao lhe impor seus ciclos de cheia e de vazante e suas profundas barrancas, travando verdadeira batalha com intencionalidades humanas. Os ritmos e os ciclos humanos, nestes casos, não coincidiam com os ritmos e os ciclos não humanos.

7.2 Paisagens da Moradia, suas centralidades e seus saudosismos.

Como vimos no subcapítulo anterior, os entrevistados davam importância ao mundo do trabalho e da propriedade, ao constituir seus relatos descrevendo empresas, propriedades e atividades laborais e de circulação. Isto incutia representar estas paisagens de maneira áurea e jubilosa, construída como fruto dos labores e dos desafios enfrentados. No entanto, os entrevistados também relatavam atividades relacionadas às dimensões da vizinhança e do mundo doméstico e familiar, expondo ciclos e ritmos de acontecimentos que constituem aquilo que denominamos paisagens da moradia⁹.

Anteriormente vimos que certas atividades do labor se sobrepujam aos ritmos cíclicos de atividades domésticas e familiares. O relato da entrevistada 2 ilustra que o movimento da padaria de sua família era muito influenciado pela quantidade de trabalhadores e seus ciclos de pausas para almoço e descanso da Polar. A entrevistada 1 se queixa dos caminhões que, estacionados na Rua da Praia, atravancavam a sua garagem durante o dia.

No entanto, certos ritmos cíclicos laborais não se sobrepujam, mas se compunham com paisagens da moradia. Assim era o caso do gelo comercializado na Rua da Praia por um de seus moradores (chamado popularmente de Tatico). Como resíduo do processo de refrigeração dos produtos da Cervejaria, a produção de gelo ocorria durante

⁹ Ao termo paisagens de moradia relacionamos atividades do dia-a-dia, emaranhadas pelas dimensões domésticas, familiares, de vizinhança e públicas. Mesmo que estas dimensões estejam ligadas a certas tarefas e atividades (como, por exemplo, pescar com o objetivo de posterior alimentação), elas não estão relacionadas a um mundo imediato do labor racional e racionalizante. Encontram-se mais vinculadas à consciência do entorno como paisagem *lugar e meio* da realização humana (DARDEL, 2011, p. 31)

o dia inteiro (durante todo o ciclo diário da Polar) em grande quantidade. No entanto, segundo o entrevistado 4, “...o gelo era entregue bem cedo de manhã pelo Tatico porque as mulheres logo cedo precisavam gelar as coisas que iam comprando durante o dia.”, o que nos faz observar uma composição mais definida pelos ritmos das atividades domésticas (que, neste caso, parecem ser mais intensos durante a manhã) daqueles laborais e empresariais.

O que também percebemos surgir, a partir do exposto pelas oralidades, são densos entrelaçamentos entre as mais diversas atividades relacionadas à moradia e sociabilidade (relações de amizade e vizinhança). A entrevistada 1, ao falar sobre a padaria (e o bar) da Praia, relata:

E aí tinha o bar de [referindo-se à entrevistada 2] ali [referindo-se à Rua da Praia]... Então tinha os meio... gostavam duma cachacinha, iam lá e ficavam tomando cachaça... iam lá tomar uma cachacinha e ficavam de papo pro ar conversando... (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

O entrevistado 6 parece confirmar que este estabelecimento também estava destinado a atividades banais e ociosas, ao afirmar que “muitas pessoas ficavam ‘fazendo hora’ no bar a fim de esperar a barca, conversando com uns que ‘tavam sempre lá[...]’”. Já a entrevistada 2 relata que, além de ser um atrativo por causa da torta de milfolhas, na padaria

“[...] às vezes tinha festa de noite. Se fazia peixe no forno, churrasco, galinhada, ovelha. Faziam as mesas compridas de banquete [...] e se faltasse farinha em alguma casa da Rua da Praia, as pessoas iam lá na padaria pegar.” (Entrevistada 2 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 76 min).

Estes fragmentos de relato nos permitem pensar que a padaria constituía-se como centralidade para moradores da área de estudo. No capítulo 3, vimos que o que define uma centralidade é que ela funciona como uma espécie de ímã. À luz de Ingold (1993, pp. 167-168), afirmamos que este estabelecimento puxa a paisagem para si, constituindo-se como lugar, sendo que a esse puxar estamos nos referindo às convergências e às combinações de uma gama de ritmos e ciclos que aí se reúnem cotidianamente. Ora, já havíamos dito, no subcapítulo anterior, que havia uma composição de ritmos entre a Cervejaria e a padaria pelo fato de que esta lhe respondia os ritmos através da produção

dos “mais de 80 pratos completos servidos para os trabalhadores da Polar” (entrevistada 2). Mas neste capítulo vimos que a este local estão mencionadas outras atividades. Conforme a entrevistada 1, algumas pessoas ficavam bebendo e conversando no local, práticas que poderíamos definir, conforme nos escreve Certeau (1994), de ociosas e ordinárias. Fugindo e resistindo a paisagens ordenadas por desígnios racionais (de rígidas temporalidades de produção e de circulação), os ritmos lentos de que estas atividades ordinárias estavam imbuídas produziam enfrentamentos (mormente silenciosos) a estas paisagens de trabalhos lógicos e racionalizantes, paulatinamente crescentes na Rua da Praia.

E, conforme observamos, esta atividade ordinária parecia não estar isolada. Ela encontrava suas possibilidades nos hiatos que o ciclo de vai-e-vem que a travessia da barca produzia. Estamos nos referindo aos indivíduos que, tendo que esperar a barca vir à margem estrelense do Taquari, ficavam na padaria conversando com os que estavam lá, talvez mesmo com aqueles que se dedicavam a beber e conversar (sendo que um bom indicativo disso é a frase da entrevistada 6: “... conversando com uns que ‘tavam sempre lá.”). Havia uma composição de ciclos que, embora fossem diferentes (porque um deles dependia do ciclo da barca e os outros eram mais autônomos e mais pareciam ressoar com a vontade individual dos frequentadores da padaria), conseguiam compor um ritmo ocioso semelhante durante certo tempo. A juntar-se neste parlamento de atividades que era a padaria, ainda havia as relatadas festas que ocorriam na Padaria da Praia. O segmento de relato da entrevistada 2 nos indica que elas ocorriam durante a noite e atrelavam prazeres hedônicos à abundância e variedade de comida. É também conveniente percebermos que a centralidade do local é reforçada por este ciclo que, embora não saibamos exatamente quem o produzia, ocorria durante a noite. Em suma, a padaria era um ímã tão intenso que poderíamos considerá-la como espécie de extensão da casa dos indivíduos. O trecho do relato da entrevistada 2 nos serve de salvaguarda: “[...] e se faltasse farinha em alguma casa da Rua da Praia, as pessoas iam lá na padaria pegar.”. Assim, esse fato codificava uma parte do afetivo mundo familiar que os indivíduos pareciam estender sobre sua vizinhança praiana.

De modo que afirmamos ter sido a padaria um local de convergências de práticas sociais entre as mais diversas atividades banais: relacionadas ao mundo familiar e da moradia, mas também à dimensão humana da ociosidade, do hedonismo e do ordinário. E por ter se constituído como um lugar que puxa a paisagem, este estabelecimento foi também um lugar de encontro e de convivência e, portanto, de práticas intersubjetivas, onde os indivíduos podiam pôr-se em comum e compartilhar, por meio de histórias, suas práticas e suas experiências subjetivas, assim como suas representações subjetivas e transubjetivas (construídas pelos meios de informação e o senso comum), tendo a possibilidade de ressignificá-las consensualmente (JODELET, 2009).

Os relatos dos entrevistados parecem corroborar a ideia de que a Padaria da Praia não era a única centralidade existente na Rua da Praia. Observamos que quase todos os entrevistados discorreram sobre o ziguezague. A entrevistada 1 refere-se a ele três vezes, durante a entrevista, para indicar que morava ao lado dele. Os entrevistados 1 e 5 lhe descrevem:

Era uma estradinha que tu ia e saía aqui na praça (da Matriz) era uma estradinha de chão, era assim ó: ziguezague, ziguezague (fazendo gestos com as mãos, indicando movimento ziguezague). (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Também tinha o ziguezague. A gente começava a descer lá de cima. Era uma ziguezague, para lá e para cá, que se descia do centro para ir à barca e para a Rua da Praia, né. Uma vez eu caí um tombo de bicicleta ali [risos]. Um vizinho meu propôs que ao invés de andar na Praça [da Matriz] a gente descesse o ziguezague. Ele ‘tava na metade do caminho do ziguezague, começou a embalar muito, ele me freou com tudo a roda dianteira e a gente caiu [...]. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

A representação semelhante que surge em ambos os trechos é o pitoresco contido na própria fisionomia deste elemento que liga um local (a Praça ou centro) a outro (a Rua da Praia e a barca), imbuído da ideia dos movimentos de subida ou descida atrelados às oscilações “para lá e para cá”, em ziguezague que os indivíduos realizavam. A entrevistada 6, depois de descrever a fisionomia do ziguezague e dizer que ele conectava o centro da cidade com a Rua da Praia, confirma o destaque dado a ele ao dizer que “era um atrativo na época”. Desta maneira, assentimos ter sido o ziguezague não somente uma materialização da ligação entre a Rua da Praia (e/ou a barca) com o centro, mas

também uma centralidade que se fundava em sua representação pitoresca inerente à própria fisionomia e aos movimentos dos indivíduos ao lhe percorrerem.

Não obstante, as paisagens da moradia por vezes adquiriam sentidos cômicos. Os entrevistados significavam-nas narrando diversos episódios relacionados a atividades grotescas e travessas. O entrevistado 4 narra as seguintes atividades do qual fazia parte:

Eu era conhecido pelos guris da Rua de Rei da Praia. Eles me chamavam assim porque a gente tinha uma turma e eu mal dava uma ideia pra gente fazer alguma coisa e eu já 'tava fazendo. Caçar passarinho, atravessar o Rio a nado, quebrar às vezes as luzes dos postes de luz ou as vidraças da Polar. A gente também pegava umas câmaras de pneu, entrava nelas e ia rodando até pelo caminho da barca até dentro do Taquari. A gente também montou um time de futebol só com os guris da Praia, que era rival do time do centro [de Estrela] e do de Lajeado. Quando dava briga a gente saía atrás dos guris de Lajeado tocando pedra neles [risos]. (Entrevistado 4 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 120 min).

Mais tarde, a entrevistada 1 afirma:

Às vezes tinha jogo no campo do Estrela [campo de futebol do Estrela Futebol Clube. Ficava próximo ao Buraco dos Cachorros] e dava briga feia entre os times de Lajeado e Estrela. Os guris de Estrela iam atirando pedra nos de Lajeado e eles fugiam atravessando o Rio a nado. A gente ficava olhando lá de casa e falava: ih, 'tá feia a coisa [risos]. (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Não obstante, relata o entrevistado 3:

Tinham uns guris mais valentes que se jogavam de um monte de pedras numa parte de encosta íngreme do Rio. Chamavam de Prainha do Englert, por causa do nome do edifício construído em cima destas pedras. Os guris se jogavam às vezes de 20 metros de altura e ficavam fazendo competição para ver quem se atirava mais alto. Mas as mães e os pais não podiam ficar sabendo. Tinha sempre aqueles que não se atiravam, mas ficavam olhando. (Entrevistado 3 [ago.2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 67 min).

Esses eventos relatados permitem observarmos alguns processos sociais e espaciais. Os três últimos trechos de relato acima nos instigam a pensar que as atividades descritas estavam estritamente circunscritas ao mundo masculino e juvenil, instituindo sua afirmação através da constituição de uma cena de coragem. Atividades citadas, como a caça a animais, a depredação de objetos, os jogos de futebol e as brigas físicas reforçavam o lugar social de liderança do entrevistado 4 frente ao grupo de garotos do qual fazia parte. Mas parecia não ser apenas a única intenção: relacionadas ao uso e ao enfrentamento do corpo frente a circunstâncias brutais (como a morte, a competição, o

perigo), estas atividades codificavam para a sociedade observadora e para o próprio grupo de garotos uma representação da juventude masculina ligada à rebeldia e à virilidade. Do último relato do entrevistado 3, a prática clandestina e violenta de se jogar dos íngremes rochedos para o Rio Taquari compilava em si mesmo atos de libertação frente às gerações anteriores, de camaradagem entre os participantes, de ousadia e temor frente ao desconhecido e autoafirmação frente aos seus camaradas e àqueles que, embora não participassem, tinham conhecimento desta prática.

Percebemos também que algumas das práticas descritas nos três últimos relatos, denominadas, à luz de Corbin (1989, p. 94), de “folguedos da juventude”, conseguiam formar seus próprios lugares de ocorrência. Assim é o caso da Prainha do Englert que, formada entre os fundos de um conjunto de prédios e as margens do Taquari, parecia existir graças à necessidade e possibilidade de ocultação dos meninos. Os jogos de futebol também se desenvolviam num local próprio (no campo do Estrela Futebol Clube) mas, diferentemente da Praia do Englert, sua criação destinou-se a uma intenção previamente determinada. Com isto afirmamos que, enquanto que o lugar Praia do Englert surgiu a partir do entrelaçamento dos elementos que lhe faziam parte e de suas disposições na paisagem em conjunto com o uso ocasional a que foi destinado, o lugar campo do Estrela Futebol Clube foi antes de tudo um planejamento: teve seus elementos e sua localização dispostos conforme desejos humanos.

Os jogos de futebol e o hábito de transformar as margens do Rio em trampolim para as águas do Taquari também consistiam em atos de experimentação das energias e dos vigores corporais, práticas a que Bachelard (1942, p. 224) apud Corbin (idem) denominou de “alegrias cenestésicas da violência”. Ultrapassando uma competição codificada através deste esporte, as alegrias cenestésicas da violência, segundo relato da entrevistada 1, estavam emaranhadas com uma rivalidade que se produzia entre os times de futebol de Lajeado e Estrela. Aqui, o Taquari não era utilizado como salvo-conduto a uma paisagem de confrontos nascida entre os indivíduos-recém-pulados-de-sua-margem e a força das águas Rio, mas sim como elemento que asseverava um limite na paisagem. Esta ideia é corroborada pelo seguimento de oralidade do entrevistado 4, quando relata

que os estabelecimentos lajeadenses geralmente não compravam os produtos da Cervejaria:

[Os funcionários da Polar] não conseguiam vender em Lajeado, que naquela época já tinha bairrismo e não queria comprar nada de Estrela. Queriam se isolar do outro lado do Rio. Então que ficassem do outro lado mesmo. (Entrevistado 4 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 120 min).

Utilizado como divisor de paisagens vividas e apropriadas no dia-a-dia, o Rio Taquari, simultaneamente, originava e representava um limite entre grupos que se faziam rivais. Como linha material da/na paisagem, o Taquari assegurava uma oposição espacial aqui-nós e lá-vocês. Neste caso, esta rivalidade permite a desapareição da oposição entre o centro e a Praia (que pode ser constatada pelo fato de que os times de futebol do centro da Praia são, segundo entrevistado 4, rivais).

Mas não somente de travessuras infantis e de cinestésias violentas constituíam-se paisagens da moradia. O entrevistado 5 relatara outra atividade que é tecida por uma densa rede de elementos:

Ali na Rua, logo do lado direito do porto tinha o Alfrido Arenhart, tinha um atacado de cereais e material de construção, que tinha uma maxambomba elétrica. Ali muitas vezes de tarde a gente aproveitava e íamos entre 8 e 9 gurus nessa firma pra ele baixar a maxambomba dentro da água, a gente botava os pés até a canela dentro da água e ficava pescando pintado, porque ali durante a tarde corria água dos tanques de cevada da Polar e não dava conta de tanto peixe. Não precisava nem de anzol, era só bater com o remo na água e eles já pulavam. A gente enchia latas de 20 litros em menos de duas horas. [...] A gente cortava em baixo, passava uma água e já fritava na beira do Rio mesmo, ali perto de onde a barca parava. Tinha a frigideira da mãe de um dos gurus que a gente ia buscar. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Esta prática, que compreendemos como combinação de diversos acontecimentos, nos elucidam o processo de totalização da paisagem. Não seria possível o ato de pescar se não houvesse o Rio como elemento que torna presente na paisagem o elemento aquático doce (DARDEL, 2011[1952]). Mas o Taquari carregava como singular identidade o peixe pintado, porque era típico do Rio a sua intensa presença. No entanto, a Cervejaria também se fazia presente por ser capaz de criar uma centralidade no lugar descrito pelo entrevistado 4, cuja existência ocorria devido à enorme fartura de peixes. Por último, e não menos importante, está a empresa Arenhart, responsável por facilitar a atividade de

pesca ao disponibilizar em uma paisagem do trabalho um período de abertura, constituído pela disponibilidade dos garotos de usarem as maxambombas. É igualmente mister refletirmos que, embora seja sensato conjecturar que a pescaria existisse antes da prática da Cervejaria de jogar seus restos de cevada no Rio Taquari, a centralidade deste local parecia estar pautada também pelos intensos ritmos com os quais a atividade de pescar era realizada. Neste sentido, o Taquari, conjunto de uma centralidade que auxiliou a criar, é representado como uma espécie de maná, dada a facilidade em pegar os peixes e a fartura de alimentos que permitia. O entrevistado 6 confirma esta imagem: “a gente feliz já trazia os peixes que os guris tinham pescado pra casa que aquele dia o almoço ia ser farto.”. O Rio garantia assim uma mesa bem servida. Seu prodígio estava relacionado ao simples hábito de fácil coleta de alimentos (CORBIN, 1989) e ao prazer e felicidade que tal fato propiciava.

Ainda ligado ao último relato do entrevistado 5, destacamos três observâncias. Se é correto ancorarmos uma representação de fartura à centralidade descrita, é igualmente apropriado ressaltarmos que outra finalidade estava codificada nestas atividades de pescaria. Somada aos prazeres de uma fusão com a água, dada pela declaração do entrevistado 4 (“...a gente botava os pés até a canela dentro da água...”), havia uma iniciante prática de preparação ao mundo dos homens que as atividades de pescaria conseguiam codificar. De fato, tanto o ato de pescar-ligado ao ato da caça- quanto o de cozinhar no próprio local de coleta estão tradicionalmente associados ao universo masculino, aos quais se vinculam situações de valentia e de rusticidade, inscritas no envolvimento do corpo frente a uma paisagem de riscos e de aventuras. À segunda observância nos referimos à sobreposição de ciclos presente no trecho descrito pelo entrevistado 5. Segundo sua oralidade, tanto o lançamento da cevada no Taquari quanto as pescarias ocorriam durante as tardes. Neste caso, evidenciamos ser o ciclo de pesca orientado pelo ciclo de derrame dos restos da Cervejaria no Rio pelo fato de que, no período em que tal ato ocorria, possivelmente aliciava maior quantidade de peixes na localidade. Isto quer dizer que, além de originar a localidade da centralidade, também influenciava no ciclo de pesca. Por último, não devemos esquecer que esta atividade era realizada a partir de relações coletivas e, portanto, possuía dimensão intersubjetiva: um

grupo jovem de garotos reunia-se com intencionalidades comuns e conseguia compartilhar e (re) significar saberes.

Certas vezes a prática da pescaria ressaltava também o mundo das mulheres. A entrevistada 6 esclarece: “[...] os guris pescavam bastante lá. A gente feliz já trazia os peixes pra casa pras mães cozinharem.”. Esta atividade reforçava a diferenciação social das atividades e tarefas das mulheres das tarefas dos homens. A estes cabia, na prática da pescaria, atividades relacionadas ao mundo externo, além da escala da casa e da família. Às mulheres pertencia atividades domésticas, como o cozinhar o alimento conseguido. Mas a entrevistada 6 relata um fato que alista ao mundo das mulheres a responsabilidade que possuem sobre a própria família:

Às vezes meu pai dizia para minha mãe: ai de ti se acontecer alguma coisa com as crianças. Por isso, minha mãe tinha que cuidar para a gente não ir sozinho para o Rio. (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

Compreendemos que a atividade delegada à mãe manifesta uma relação patriarcal, já provinha de uma ordem unilateral paterna, o que demonstra uma sociedade que se constituía (e se constitui) a partir da centralidade do papel dos homens. Isso nos leva a reforçar a ideia de entrelaçamento entre as dimensões intersubjetivas, transubjetivas e subjetivas (JODELET, 2009). Porque o patriarcalismo, como ideal transubjetivo, se fazendo existente através de conceitos e práticas que não se constituem nem são transmitidos necessariamente a partir da formação de grupos nos quais os indivíduos se comunicam, é conduzido e adsorvido por grupos sociais (no caso visto acima, a família) por meio do homem que, como indivíduo singular, ocupando um lugar social como pai-de-família, transmite a seu modo o ideal patriarcal a sua família.

Não obstante, se o Rio Taquari foi anteriormente representado como prodígio da fartura, ele surge neste trecho como um elemento presente na vida dos moradores que lhes pode trazer morte, desgraça e infelicidade. E é por este medo tão grande que a entrevistada 6 expõe em seu relato outra atividade a que as mulheres da Rua da Praia estavam destinadas: “as crianças não podiam ir sozinhas para o Rio. O que acontecia é que geralmente uma das mães das crianças acompanhava e cuidava das outras.”. Formou-se assim um grupo coletivo de ideais e práticas entre as mães que tinha como

intenção o cuidado de evitar que suas crianças ficassem em perigo. No entanto, essa não era a única prática que permitia intersubjetividades. Os relatos abaixo identificam algumas delas

De tarde, às vezes as mulheres se reuniam em uma casa da vizinhança pra conversar e tomar chimarrão. Aí a gente aproveitava e ia junto pra brincar com as outras crianças que iam com as mães. Às vezes a gente ia de uma casa pra outra dessas famílias brincar, muitas vezes vestidas com as roupas das mães. (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

Eu também fazia cuca muito boa, aí uma vizinha emprestava o forno, ela tinha forno de padaria, eu fazia cuca e vinha a mulherada em casa para tomar chimarrão. (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Observamos que esta atividade intersubjetiva praticada por mulheres da Rua da Praia, provavelmente estabelecida pelo costume de socializar informações e saberes com o grupo, estava integrada ao universo doméstico e familiar. Ora, a partir do que ambas as entrevistadas relataram, era habitual que o local de encontro do grupo de mulheres ocorresse na casa de uma de suas vizinhas. E esta prática, também é importante percebermos, era realizada de maneira simultânea com cuidado e a tutela aos filhos. Compreendemos, a partir do trecho de relato da entrevistada 6, que, assim como os garotos adentravam ao mundo dos homens a partir de determinadas atividades, estas reuniões de grupos de mulheres (e mães), unidas pelo desejo de troca de saberes, era uma maneira pela qual o universo feminino era transmitido às futuras mulheres e mães. Esse processo parecia ter sucesso, já que as meninas, conforme a entrevistada 6, divertiam-se umas com as outras se vestindo como espelho das mulheres sobre as quais estavam sob suas tutelas.

A partir da leitura dos últimos segmentos de relato, também verificamos que os hábitos de preparação da cuca pela entrevistada 1, de compartilhamento do chimarrão entre as mulheres, das brincadeiras em coletivo de suas filhas asseveravam seu espírito comunitário. A esse respeito, a entrevistada 1 diz com grande dose de emoção: “nós éramos uma família, uma família!!! ...Tu tinha que ver!”, dirigindo-se ao entrevistador. Alguns dos entrelaçamentos mais interessantes da área de estudo são relatados pela entrevistada 6. Ela afirma, quando questionada pelo entrevistador, que

...as mulheres geralmente se encontravam de tarde porque pela manhã elas faziam o serviço de casa e durante a noite ficavam em casa junto com o marido e as crianças. (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

Mais adiante na entrevista, a mesma entrevistada afirma que as crianças “[...] tinham que voltar pra casa quando dava o apito da Polar de tarde.”. Mais uma vez, nos fica evidente que os tempos da paisagem se constituem ressoando uns nos outros (INGOLD, 1993). O ciclo de rodas de conversa e chimarrão encontra possibilidade no turno vespertino devido à dedicação ao trabalho doméstico pela manhã e à família à noite, quando os homens, liberados do ciclo do labor, se podem fazer presentes em casa. E, finalmente, o fim cotidiano do expediente de trabalho da Cervejaria repercutia no fim diário das brincadeiras infantis e na volta das crianças para suas casas. Questionada pelo entrevistador a relatar por quais motivos o apito da Polar comandava o ciclo de lazer infantil, a entrevistada 6 respondeu que “...a gente podia ouvir o apito do barulho na Rua da Praia, e também era o momento em que os pais voltavam para a casa porque boa parte deles trabalhava ali.”, ficando assim evidente, neste caso, a sobreposição da paisagem de labores da Cervejaria sobre paisagens da moradia.

Os tempos lentos da Rua da Praia, no entanto, não eram apenas intrínsecos a estes encontros de mulheres, e que se produziam através de seus vagarosos momentos de escambo de representações. A entrevistada 6 comenta sobre a Rua da Praia:

Morar ali era bom porque era próximo do centro, né, então, passando 1 ou 2 quadras a gente estava já no centro da cidade... Mas assim, a gente podia ainda criar animais porque tinha pátios grandes. Alguns moradores criavam galinha, pato, pomba, cabra, peru...e plantavam verduras também! (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

Observamos, a partir do que já expressamos no trabalho, uma miscelânea do universo da cidade com o universo do campo. A circulação de mercadorias e de pessoas, as fábricas e os demais elementos materializados pelo ser humano, a intensa vida pública possibilitada pela rua (DARDEL, 2011, p.28) imprimem aos cidadãos da Rua da Praia a aceleração de seus ritmos, a dominância de obras e de temporalidades humanas sobre os outros componentes da paisagem, originando, certas vezes, representações de uma Rua da Praia áurea. No entanto, os afazeres e a presença material de urbanidades não

impossibilitavam a existência de hiatos de atividades rurais, exercidos a partir do plantio e da criação de animais. A possibilidade de praticar atividades relacionadas tanto ao mundo urbano quando o rural permitia uma representação idílica da Rua da Praia, para a entrevistada 6: se por um lado, havia a possibilidade de alcance da modernidade e dos serviços ofertados pelo centro da cidade, por outro também se podia contar com a segurança de um pátio grande para produzir o próprio alimento e de ritmos lentos para boas relações familiares e de vizinhança. As entrevistada 2 e 6 nos relatam:

Viver ali era bom porque assim...era um dar-se, um doar-se para os vizinhos. Se algum deles quisesse pegar alguma verdura que tivesse faltando em casa, pegar sem problemas. A gente também podia pegar coisas nos vizinhos. Acho que isso foi o que mais se perdeu quando saímos dali... (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

Uma das vizinhas tinha uma macieira e a gente ia lá pegar quando estavam maduras...ia com umas moedinhas comprar as maçãs que eram as mais doces que eu já comi...Mas a gente sentiu muito quando teve que sair daqui. (Entrevistada 2 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 76 min).

Torna-nos evidente que estas práticas de escambo entre moradores da Rua da Praia intensificava seus sentimentos de comunidade. Os cultivos compartilhados codificavam atos de afeição e partilha: produzidos pelo esforço dos indivíduos, parte deles destinava-se a servir como presente e doação a sua vizinhança.

É possível que a estas representações estejam ligados os saudosismos presentes nos relatos das entrevistadas 2 e 6 (e também da entrevistada 1, ao afirmar que os moradores da Rua eram uma família). Intensificados pela contraposição de atitudes mais individualistas da sociedade atual, estes saudosismos se ancoram em aprazíveis vivências que se tornaram passado e na própria consciência de envelhecimento dos indivíduos entrevistados. Assim, a idealização de um passado idílico está tanto ligada a uma áurea juventude dos indivíduos que, em suas vigorosas forças que permitiam ir corajosamente de encontro a um mundo que se apresentava como futuro, quanto pelo senso comunitário, em que certas atividades e tarefas garantiam relações intersubjetivas de confiança e de segurança. Conseguimos assim, verificar nossos escritos auxiliados por Pesavento (2006): a interpretação de um acontecimento não contém apenas o passado no qual ele ocorreu. Contem também suas vivências futuras, a partir das quais o

entrevistado pode re (significar) experiências acontecidas. Assim como a paisagem é totalidade, o tempo também o é, isto é, contém simultaneamente o passado e o futuro.

É mister percebermos que certas paisagens da moradia narradas pelos indivíduos foram colhidas a partir da experiência de saída ou remoção da Rua da Praia. E é possível que isso também tenha produzido uma representação ainda mais idílica de suas paisagens. A entrevistada 1 relata com uma grande dose de nostalgia:

Ai...era tão divertida aquela Rua da Praia... era só sair na Rua e a gente já tinha com quem conversar... Depois a Polar foi comprando tudo... que tristeza... A gente morava no meio da Polar até que eles fizeram a gente vender a nossa casa. Foram comprando de um por um. (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Nos trechos de narrativa das entrevistadas 2 e 6, presentes na folha anterior, as idílicas representações comunitárias também são intensificadas pelas rupturas a que atribuímos aos dolorosos processos de remoção, a que estavam ligados os antigos locais de moradia deixados e as relações intersubjetivas modificadas. No trecho acima, observamos a paulatina hegemonia de uma paisagem do labor que vai se materializando no local de estudo. E, às vezes, o desgosto e a tristeza sentidos por entrevistados são misturadas à ira. O entrevistado 4 relata:

[...] uma prepotência, arrogância...!, dizendo que iam fazer tudo pelo bem da cidade. E ainda tinha uns políticos que trocados por merda era caro...deu nisso aí. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Como vemos, os processos de rupturas nas paisagens da Rua da Praia envolveram uma gama de realidades que não estavam restritas apenas a escala da Rua. Mesmo entre os próprios moradores da Rua da Praia, há discordância frente ao processo de remoção de seus moradores. O entrevistado 5 afirma: “muitos queriam sair dali porque suas casas estavam muito velhas, ou por causa das enchentes.”. Isso nos leva a considerar nossos escritos sobre os relatos memorialísticos: as narrativas tem íntima trama com as subjetividades, na medida em que os lugares sociais ocupados e as representações colhidas com o mundo permitem a constituição de diversas significações dadas ao mesmo processo. Os narradores escolhem aquilo que vão falar a quem o ouve, em um processo que envolve seleção, recortes e exclusões de quem relata (PESAVENTO, 2006).

No entanto, mesmo com as intensificadas representações idílicas, os entrevistados também relatavam alguns inconvenientes sobre a vida cotidiana. É que, certas vezes, o ciclo de cheias do Rio Taquari causava alguns contratempos aos ciclos humanos. A respeito disso, relatam as entrevistadas 2 e 6:

Era bom viver ali, mas... tinham as enchentes. Às vezes eram grandes. Ela geralmente ia até a padaria e lá em casa ia até 1 metro pra dentro porque o pátio era mais baixo que a Rua. Às vezes também o pessoal ficava dias fora de casa e davam até 3 enchentes por ano. Teve um aniversário meu que não deu pra fazer porque a Rio subiu rápido. E uma vez eu quase fui com as águas do Taquari...eu e meu berço. (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

Os caminhões não conseguiam atravessar a barca porque o acesso a ela, que era por uma ruazinha, ficava interditado. O que acontecia é que tudo ficava parado. A padaria também se enchia de água. (Entrevistada 2 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 76 min).

Assim, percebemos que o ciclo de cheias do Rio Taquari que, segundo o entrevistado 4, acontecia de julho a setembro, impunha hiatos e interrupções aos ciclos e aos ritmos de algumas atividades laborais. A Padaria da Praia é destacada em ambos os últimos trechos de relato: no primeiro, como um ponto de referência ao nível das enchentes na paisagem; no segundo, como um dos elementos da paisagem do labor que sofria paralisação de suas atividades, em conjunto com os ciclos e ritmos de circulação de mercadorias e de pessoas, que eram suspendidas tanto na própria Rua como também no Rio Taquari, nos quais as navegações eram desativadas. Sobre isso, a entrevistada 1 confirma que: “às vezes o Rio estava cheio e a gente não podia ir ao colégio.”. Entretanto, observamos que as enchentes ecoavam também sobre as paisagens da moradia. A entrevistada 6 relata acontecimentos ligados a alterações na vida doméstica, na qual se inclui a invasão da casa pela água. Esta narradora e o entrevistado 5 relatam que os moradores ajudavam-se uns aos outros a salvarem seus pertences e tinham que procurar abrigo nas casas de parentes. Se antes certas ações comunitárias permitiam representações idílicas e saudosistas sobre a Rua da Praia, nas situações de cheia nem mesmo elas conseguem salvar a ameaça e o perigo do Rio Taquari sobre suas vidas e seus bens.

Às vezes, como inconveniente presença do seu ciclo de cheias e dos agitados ritmos de suas águas, o Rio Taquari acarretava perigo sobre as vidas dos moradores da

Rua da Praia. A entrevistada 6 relata sua experiência de quase afogamento e morte ao descrever que por pouco não foi, dentro de seu berço, com as águas do Rio Taquari. Não obstante, a entrevistada 1 descreve:

Eu tinha muito medo do Taquari por causa das enchentes. O Rio subia rápido demais e logo ‘tava tudo cheia da água! [...] Às vezes a gente escutava alguém sendo levado pelas águas... Ai!, era horrível!!! (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Neste trecho observamos um claustrofóbico medo da devoração pelas águas do Taquari que, sem pesar algum, aniquilava pertences, massacrava pessoas e transformava paisagens. Apesar disso, os residentes pareciam não desistir de suas moradas. O fim das enchentes era uma temporária declaração de cessar-fogo do Rio Taquari, e alguns entrevistados pareciam representar isso como um ciclo de retorno ao lar. A entrevistada 1 afirma: “a gente voltava porque tinha as coisas ali, né? Tinha o meu negócio e a Rua era muito movimentada...”. Entrementes, a entrevistada 2 relata:

Mas quando acabava a enchente a gente ia de novo. Nosso veraneio era no Rio Taquari e seus cascalhos. As pessoas lavavam roupa. As lavadeiras todo o dia desciam com aqueles fardos enormes de roupa na cabeça, naquela ruazinha que se pegava a barca, para lavar e quarar [aqui no sentido de estender] a roupa e também secar encima dos maricás. (Entrevistada 2 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 76 min).

Como percebemos, há vários motivos para se retornar ao local de moradia. À lógica da entrevistada 1, a razão são as paisagens do labor: as atividades laborais e a propriedade dos negócios e pertences refreiam os pavores das violentas enchentes. Outras vezes, o regresso se explica por pretextos mais idílicos, vinculados a paisagens do lazer ou a memórias mais cênicas e românticas, como no caso da entrevistada 2.

Mas o que compreendemos, sobretudo a partir dos trechos de relatos da folha acima, é que certas atividades e em certas representações a Rua da Praia parecem totalizar-se, se fechando sobre si mesmas e esquecendo o Rio Taquari, como é o caso dos afazeres e dos motivos apresentados pela entrevistada 1 para voltar à Rua. Talvez isso se evidencie com mais intensidade quando observamos que a frente das casas localizadas à margem do Taquari estavam voltadas para a Rua da Praia, e não para o Rio. No caso das atividades citadas pela entrevistada 2, no entanto, a Rua da Praia e o Rio Taquari se entrelaçam em uma só paisagem. Em alguns momentos, o Rio chega a dominar certos

ciclos humanos: no caso das enchentes, fazendo-se presença opressora à Rua da Praia, ao invadir e destruir materialidades construídas pelo ser humano. Em outros, como no caso das secas, o Taquari refreia atividades humanas pela ausência de suas águas: os ciclos de circulação de mercadorias e de pessoas ficam comprometidos, de forma que essas relações conflitantes se incorporam nas formas da paisagem (INGOLD, 1993).

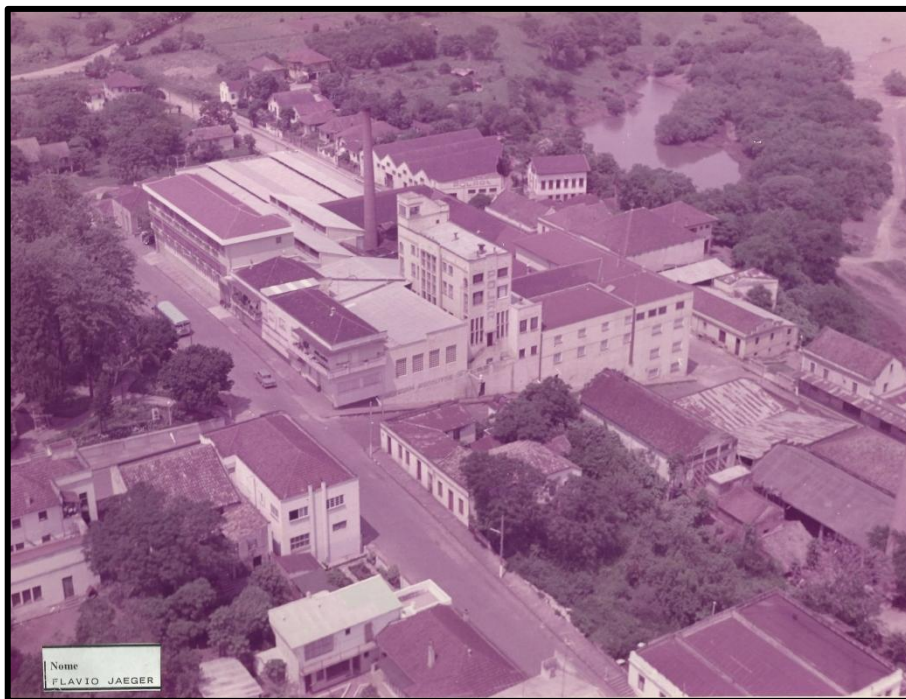


Figura 31: a fotografia, datada de 1962, ilustra a disposição dos imóveis situadas à margem do Rio Taquari e também a localização do Buraco dos Cachorros, o lago contornado por árvores que aparece na parte superior direita da foto. Fonte: arquivo de Flavio Jaeger.

No entanto, sem o Rio Taquari, a Rua da Praia não poderia desfrutar do realçado júbilo de progresso econômico a que a maior parte dos entrevistados descreveu, da fartura de peixes que ele propiciava e nem dos prazerosos banhos e atividades balneárias (assunto que será abordado no próximo subcapítulo). Como vimos, era graças ao Rio Taquari que as pessoas podiam se deslocar, que os produtos podiam ser escoados e que as novidades podiam chegar à cidade. Os caminhos e elementos que foram traçados na Rua da Praia, como o Porto de Estrela, o caminho para as barcas e demais trilhas existentes, testemunhavam a busca de vinculações entre o Rio Taquari e a cidade, permitindo à Rua da Praia imaginários de fronteira entre os elementos líquidos e os sólidos.

7.3 Entre os hiatos da moradia e do labor: harmonias com o Rio Taquari.

O termo praia evoca diversas representações sobre o imaginário da sociedade ocidental moderna. Em sua obra, Corbin (1989) elabora uma verdadeira genealogia dos usos e das significações que ela possui. A refutar imaginários cristãos que ligavam a praia ao caos e à lembrança do dilúvio, a beira-mar, entre o final do século XVII e início do século XVIII, torna-se espetáculo das admiráveis obras de deus pela físico-teologia. Posteriormente, são as próprias aristocracias que vão descobrindo e criando novos prazeres à beira-mar, inscritos em rígidos códigos de desfrute do litoral e tornando as práticas da beira-mar em um verdadeiro teatro social. Não obstante, a burguesia europeia, entre a última metade do século XVIII e a primeira metade do século XIX, apropria-se de costumes da aristocracia e racionalizara o ócio antigo, tornando-o um tempo de lazer cronometrado e destinado ao descanso (CORBIN, 1989). Em seguida, também as classes médias e populares adaptam e adquirem algumas dessas circunscritas atividades praianas, dedicando-se a frequentá-la entre sua família ou entre grupos maiores durante os hiatos de labor das férias ou dos finais de semana, nos períodos de verão.

Segundo Claussen (2013), são os imigrantes alemães que, chegando ao Rio Grande do Sul a partir da primeira metade do século XIX, trazem consigo hábitos da vilegiatura marítima. Já a esta época, diversos costumes de fruição da beira-mar estavam consolidados na Europa. A aristocracia, por volta de 1750, desejando-se curar do *spleen* (doença em moda àquela época), busca os mares frios da Europa Setentrional, capazes de- conforme a medicina do período- repor aos indivíduos suas energias vitais, revigorar sua constituição física e curar os desregramentos da mente e da alma (CORBIN, *ibid.*). Habitados a frequentar as frias águas dos mares do Norte ou Báltico por motivos medicinais, os imigrantes alemães e seus descendentes logo encontraram no Rio Grande do Sul condições de despertar práticas de vilegiatura marítima, já que as praias do estado são as mais frias do litoral brasileiro (CORREA, 2010). A vilegiatura marítima, no entanto, não estava restrita apenas a práticas terapêuticas. Paulatinamente, desenvolveu-se também a busca das zonas litorâneas no Rio Grande do Sul como local de atividades ociosas, de descanso e de entretenimento, principalmente a partir da segunda metade da década de 1950 entre as classes altas e médias, quando a zona costeira passou a ser utilizada como local de segunda residência (CLAUSSEN, 2013).

Observando esses processos de invenção de usos da beira-mar e a crescente importância do litoral como destino dos hiatos de trabalho, não fica difícil compreendermos porque alguns dos entrevistados afirmam que as próprias margens do Rio Taquari constituíam as suas praias. O entrevistado 5 afirma:

Ao lado esquerdo de onde encostava a barca começava uma cascalheira no Rio, que era um local amplo com um desnível pequeno que você andava 10 metros pra dentro [do Rio] e tinha água até o pescoço [...]. E ali era zona de banho. Ninguém precisava ir para praia. (Entrevistado 5 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 125 min).

Já os entrevistados 2 e 3 conferem um ciclo de atividades de banho no Rio Taquari, que ressoa aos ciclos de calor (verão) e aos intervalos de atividades laborais. O entrevistado 3 afirma:

No verão o pessoal da Rua da Praia ia quase todos os dias tomar banho na praia do Taquari. Os mais jovens saíam do serviço, às vezes pegavam o calção ou biquíni e iam direto para lá tomar banho [...] O pessoal da Rua da Praia se criou na beira do Rio, assim tomando banho. (Entrevistado 3 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 67 min).

Entrementes, a entrevistada 2 relata que “nosso veraneio era no Rio Taquari e seus cascalhos.”. Compreendemos que estes três últimos trechos de relato contêm diversas práticas e representações sobre paisagens do local de estudo. O relato do entrevistado 3, quando afirma que “o pessoal da Rua da Praia se criou na beira do Rio, assim tomando banho”, nos permite observar que havia processos de apropriação de paisagens balneárias que eram inerentes aos usos do Taquari e de suas margens às habituais atividades de lazer por parte dos moradores da Rua da Praia. Neste sentido também podemos, com base em Ingold (1993), afirmar que as paisagens balneárias, compostas pelos elementos do Rio e de suas margens, constituíam centralidades, tanto porque era a partir da presença destes elementos existentes na paisagem que houve a possibilidade da criação deste lugar quanto pelas significativas experiências ocorridas nele.

Não obstante, além das atividades de banho, o Rio reforçava representações de identidade entre os moradores da Rua da Praia, em virtude de que seu ciclo de prática durante o verão e após o trabalho, entre os jovens- era semelhante entre os moradores que a frequentavam, havendo assim uma associação destas práticas com a vilegiatura

marítima: conforme vimos nos capítulos anteriores, os veraneios à beira-mar eram atividades que estavam se tornando moda no Rio Grande do Sul entre alguns grupos sociais. Os últimos relatos dos entrevistados 2 e 5, ao afirmarem que as atividades de veraneio podiam ser praticadas no próprio Taquari, evidenciam uma representação de que o Rio era capaz de substituir os sonhados veraneios dos litorais aos quais, à época de juventude dos entrevistados (anos 1950 e 1960) ainda eram, ao ver da entrevistada 1, “[...] eram muito difíceis de chegar.”. À luz do último trecho de relato citado da entrevistada 2, ainda podemos assentir que a prática de veraneio estava emaranhada a uma cena de estirâncio, porque a narradora descreve a fronteira entre os elementos líquido e terrestre. No entanto, o estirâncio do Rio Taquari era diferente e denotava, para as entrevistadas 1 e 2, certa singularidade. Ambas dão destaque ao fato de que o elemento terrestre das margens não era de areia, mas sim de cascalho. A entrevistada 2 afirma que “a prainha, que os guris se juntavam para tomar banho de Rio, não era de areia, mas era uma cascalheira”, embora mais adiante ela relate certa repulsa pelos cascalhos, ao narrar que “[...] não ia muito [à praia], aqueles cascalhos machucavam os pés, era muito quente e pontudo”. No entanto, às paisagens balneares descritas sobressaem representações idílicas e algumas vezes também, burlescas.

A entrevistada 2 descreve algumas das brincadeiras que realizava quando tomava banho de Rio: “[...] a gente ficava horas dentro do Rio tomando banho. Mergulhava, nadava ou fingia que nadava... se atirava contra a corrente.”. Já os entrevistados 3 e 4 relatam que as margens do Rio Taquari, certas vezes, serviam de ponto de largada e de chegada a apostas porque, segundo eles, os rapazes da Rua faziam campeonato para ver quem chegava “do outro lado do Rio mais rápido.” (entrevistado 4). O entrevistado 3 explica que esta aposta era realizada ocultamente dos pais, embora revele que os jovens que a praticavam possuíam conhecimento da paisagem que experienciavam:

Tinha uma ilha no meio. A gente ia até um pedaço, depois tentava atravessar o outro, principalmente quando ele ficava mais seco. Daí enchia de ilhas e podia até caminhar. (Entrevistado 3 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 67 min).

O que podemos observar nos relatos deste parágrafo é um prazer nascido a partir de penetrabilidades e de engajamentos sensuais dos indivíduos com o elemento líquido,

autorizando frescores em um período em que o excesso de calor produz desconfortos. Essas penetrabilidades entre humanos com o Rio, permitida pelas suas imersões no meio aquático e relacionadas à arte da natação, também propiciava aquilo que Bachelard (1942) denomina de “desafio cósmico ao elemento líquido”, cujas práticas, narradas por alguns entrevistados demandavam, sobretudo, esforços corporais contra a submersão, atos que estavam imersos nos próprios desejos de experimentação das forças corporais. A convicção de que era necessário sobreviver à força das águas também autorizava a compor e a evidenciar cenas de coragem e virilidade aos indivíduos que atravessavam o Rio a nado. Tal modo como a atividade de atirar-se dos rochedos na Praia do Englert, a competição entre os rapazes está circunscrita em atos que aludem à rebeldia e à liberdade dos jovens frente aos mais velhos.

É importante ainda destacarmos o conhecimento experiencial que o entrevistado 3 demonstra em relação à disposição do elementos na paisagem do Rio. Constituídos a partir de suas jornadas nela realizadas (INGOLD, 1993), este conhecimento da paisagem organiza-se como tessitura entre caminhos e maneiras possíveis de se chegar aos lugares existentes na paisagem do Rio Taquari. Este juízo fica mais esclarecido quando o entrevistado 3 descreve os jeitos pelos quais era possível atravessar o Taquari. Uma ilha, localizada no leito do Rio, servia como parada dentre aqueles que queriam atravessar o seu leito. Em períodos de seca, a travessia entre a ilha até a margem oposta do Rio (onde ficava o município de Cruzeiro do Sul) podia ser feita a pé (e não a nado) porque o leito do Rio estava raso. O entrevistado 4 esboça uma tessitura constituída a partir de caminhos e do lugar de chegada com intenção balneária:

Se descia pelo caminho da barca e ia costeando a beira do Rio mais para baixo [no sentido jusante do Rio], que era cheia de cascalhos, até uma ilha, que de areia preta, que o pessoal chamava de prainha americana. (Entrevistado 4 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 120 min).

Desta maneira, considerando os últimos relatos dos entrevistados 3 e 4, alegamos que o delineamento e a consciência da paisagem relatada se dão tanto a partir da consciência do corpo quanto a partir das visões cambiantes que os indivíduos possuem ao nela se deslocarem, o que corrobora nossas ideias baseadas em Ingold (1993), quando afirmamos que a paisagem não é um objeto externo aos humanos experimentado como

onisciência, mas sim constituída e organizada de maneira inerente às nossas atividades e experiências nela. Além disso, devemos mencionar que estes trechos de relato evidenciam que a paisagem se compõe por meio de interações entre forças humanas e não humanas, ideia discutida no capítulo 2 deste trabalho. Ora, no último trecho do entrevistado 3, vimos que era possível atravessar caminhando o Rio nos tempos de seca. Já a entrevistada 1 justifica o receio que o Taquari lhe despertava:

Com a enchente, se criavam uns buracos grandes da ilha para o lado de Cruzeiro [do Sul]... Aí muita gente se afogava do meio para o lado de Cruzeiro. O Rio era muito traiçoeiro, por isso eu não tomava muito banho de Rio. (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Deste trecho, corroboramos que as atividades dos humanos na paisagem ressoam aos não humanos, assim como as atividades não humanas ressoam nos humanos. E, por mais que atividades não humanas possam despertar, em certos momentos e locais, ações e sentimentos de oposição e aversão nos humanos, estes não estão separados dos não humanos: oposição não quer dizer separação e/ou isolamento porque, se assim fosse, os períodos de cheia do Taquari ou os afogamentos nele ocorridos não causariam aborrecimentos aos moradores da Rua da Praia.

Mas não somente dos elementos aquático se constituíam-se os prazeres de paisagens balneares. O Rio Taquari permitia aos moradores da Rua da Praia diversos usos da crescente moda da vilegiatura marítima. É que, conforme a entrevistada 2, ainda havia a possibilidade dos banhos de sol. Aqui, novamente os cascalhos ajudam a compor a cena: “...a gente também ficava horas deitada nos cascalhos tomando banho de sol. A gente ficava preta e ficava comparando quem das moças ficava mais preta.”. Percebemos que o Rio Taquari reforça uma distinção de papéis entre o mundo dos homens e das mulheres. Se há competição entre os homens jovens (imersa no forjamento de cenas públicas de coragem e virilidade com intenção de despertar atenção feminina) para ver qual deles vence a aposta de travessia do Taquari, o estirâncio do Rio permite a competição entre as mulheres. Neste caso, esta prática não se relacionava diretamente a demonstrações de coragem ao perigo de enfrentamento do mundo ou dos elementos da “natureza”, mas sim, à luz de Corbin (1989, p. 89) da importância da aparência do corpo feminino como

elemento que é capaz de despertar atração e o prazer da conquista no mundo dos homens.

Talvez o caso mais significativo no qual este papel feminino esteja codificado seja o concurso denominado popularmente de “Miss Cascalho” e relatado pelo entrevistado 3 com riqueza de detalhes:

Todo o ano tinha os tais concursos de Rainha das Praias do Taquari, que a gente chamava rainha do cascalho, em Estrela. Aquilo fervilhava de gente. Vinha gente de todos os lugares do Taquari. Todos os municípios que eram banhados pelo Rio apresentavam alguma candidata. Os governos ajudavam no evento. Muitos desses concursos eram animados com diversas bandas de música, de rock instrumental, principalmente. A banda, as candidatas a miss e os avaliadores ficavam na ilha do Taquari, num palco. Os caras eram cheios de jeitos. Suas roupas brilhavam muito, eram de couro legítimo, a gente, que éramos novos, ficávamos admirados. E o público ficava olhando da margem, mas ela não era muito longe. Dai, entre a margem de Estrela e a ilha tinham duas passarelas muito enfeitadas, para que as misses pudessem desfilarem e ir e voltar da ilha. A gente, durante o concurso, ia de manhã e voltava só de noite para casa. Nós éramos uma torcida só para que a estrelense ganhasse. (Entrevistado 3 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 67 min).

O trecho acima nos permite chegar a importantes corolários. Certamente ressoando ao período de verão, o concurso de Miss Cascalho, por ser realizado às margens e no próprio Taquari, evidenciava a importância possuída pelo Rio que ultrapassava em muito a escala local da Rua da Praia. Neste caso, observamos, a Praia do Rio Taquari, em Estrela não se instituía apenas como centralidade local, mas também regional. Nos subcapítulos anteriores, havíamos visto, conforme testemunho dos relatores, o destaque dado ao Rio devido à possibilidade de usá-lo como meio de transporte de produtos e de pessoas tanto entre as localidades que o margeavam quanto destas com a Capital, permitindo-lhe uma significação ligada ao progresso. Fica-nos evidente, segundo o trecho de relato acima, que representações a respeito do Taquari compunham-se também pela dimensão transubjetiva (JODELET, 2009): o narrador descreve que os governos municipais auxiliavam na organização do evento, o que nos faz refletir sobre a influência do Estado como instituição capaz de organizar e reforçar um conjunto de significações dadas ao Rio.

Agindo como um grande ímã regional, é importante percebermos que este evento permitia que uma série de representações sobre o Rio Taquari pudessem ser criadas,

reelaboradas, vinculadas e difundidas, tanto através de intersubjetividades quanto de subjetividades. O narrador deixa claro que se permitia captar pelas práticas intersubjetivas que o evento suscitava: os entusiásticos companheirismos dos grupos que surgiam pelo objetivo comum de torcerem pela sua candidata conterrânea ocorriam simultaneamente com as enérgicas atitudes de rivalidade entre os grupos que torciam por candidatas diferentes. Estas práticas, aqui empregando o Rio Taquari mais como cenário idílico (ao ser atrelado a uma cena de praia), corroboravam para atrelá-lo a ideais de festividade, diversão e competição. Subjetivamente, o entrevistado, que contou ao entrevistador ter grande paixão pela música, demonstra a importância que lhe aludia o espetáculo musical que animava o evento, ao descrever a admiração que sentia pelo teatro social forjado pelos músicos. Se o desfile das candidatas parecia atrair grande quantidade de pessoas, como descreveu o narrador, o espetáculo das bandas de música parecia seduzir com maior intensidade os mais jovens, que também compareciam ao evento para observar e admirar as modernas malandragens que procediam de distantes localidades.

Indagamo-nos ainda sobre o que as atividades de competição entre as candidatas permitiam insinuar. Evidenciamos que o fato de cada uma das candidatas representar um município e a prática do concurso de escolher uma delas como vencedora codificava a disputa entre os municípios a partir da beleza de seus corpos que, neste caso, simulavam aos participantes as perfeições e as glórias de cada município envolvido no concurso. Os corpos das candidatas, desta forma, além de sugerirem a prática da observação e da conquista por parte do mundo dos homens, estavam imersos em uma codificada manifestação de disputa entre os municípios. Por último, não devemos esquecer a disposição dos lugares a que cabiam aos grupos que encenavam o evento: parece-nos que a disposição dos elementos humanos e não humanos na cena descrita pelo entrevistado 3 favoreciam a composição de uma paisagem que servia para tencionar a posição entre os grupos de torcedores (que ficavam em um mesmo lugar: na margem do Taquari, podendo tanto se comunicar para entrar em consenso ou discórdia) e intensificar o desejo e a admiração pelas candidatas, por meio de seus desfiles frente aos grupos de espectadores.

No entanto, certas atividades realizadas nas cascalheiras que compunham as margens do Rio Taquari não eram planejadas com tanto rigor e circunscrição. Os entrevistados 1 e 4 relatam uma atividade que moradores da Rua da Praia praticavam à beira do Rio

Quando eu era nova, eu ia na beira do Rio, me sentava, ficava de papo pro ar e cantava com os guris. Ali na prainha tinha uma lancheria. Se podia comprar galinhada e carreteiro. Mas a gente também cozinhava. Levava panelas, juntava uns cascalhos e lenha e fazia um fogo. (Entrevistada 1 [mar./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 91 min).

Entrementes, o entrevistado 4 relata que

Os moradores faziam muito churrasco na beira do Rio, mais no final de semana. Às vezes nós, os guris, ia assar um frango, coelho ou faziam galinhada na beira da praia ou num mato fechado que ficava perto do buraco dos cachorros. [...] Às vezes, a gente também bebia vinho com guaraná e saía bem tontos de lá. (Entrevistado 4 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 120 min).

As atividades descritas acima manifestavam não somente paisagens, mas também lugares carregados de significação e criados a partir de desejos hedônicos juvenis. As conversas, os cânticos, o preparo e o consumo das refeições e, por fim, as bebedeiras, possibilitadas nos hiatos das atividades laborais, autorizavam intersubjetividades e, portanto, permitiam a criação e o reforço de sociabilidades entre jovens indivíduos que futuramente deixariam a casa de suas famílias. A beira do Rio, local onde a entrevistada 1 socializava com seu grupo, insinuava um cenário de natureza idílica e sensual, de fronteiras incertas, onde os elementos terrestres e líquidos se tocavam. Dardel (2011, p. 23) nos escreve que o elemento aquático recusa todas as ideias rígidas. Essa disposição e relação entre os elementos não humanos sugeriam aos indivíduos o sonho e o devaneio, manifestados pelas práticas dos cânticos e do “papo para o ar”. Entretanto, a beira do Rio não apenas permitia fronteiras entre o devaneio e a realidade: era também transição entre as dimensões da família e do mundo porque, se simultaneamente permitia hiatos de independência frente a relações e a cuidados familiares, garantia, no entanto, a seguridade de sua proximidade. Já as ocupações desenvolvidas, segundo o entrevistado 4, “no mato fechado”, sugerem a tentativa de ocultar ainda mais certas práticas intersubjetivas do grupo de rapazes do restante da sociedade. As tarefas descritas pelo entrevistado 4, imersas em um engajamento e experimentação do corpo frente aos

elementos não humanos (aquilo que alguns denominam de “natureza”), eram responsáveis pela elaboração de uma sociabilidade viril e brutal (CORBIN, 1989, p. 102), autorizando a entrada de seu grupo ao mundo dos homens.

No entanto, segundo os entrevistados 3 e 4, durante os finais de semana, as paisagens da beira do Rio não pareciam ser de exclusividade dos mais jovens. O entrevistado 3 relata que

[...] no final de semana [a praia] ficava cheia. Ia todo mundo mesmo, inclusive os homens e outras pessoas da cidade. Tinha vários barzinhos com bebida e comida, né. Era o point da classe média. (Entrevistado 3 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 67 min).

Este relato manifesta características interessantes de composição de paisagens balneárias no local de estudo. Em primeiro momento, evidencia-nos que se acentuavam as centralidades da Praia de Estrela durante os finais de semana, durante o verão. Havia, desta forma, um ciclo de intensificação de frequências humanas à Praia que coincidia com a ociosidade moderna, praticada durante os finais de semana, na vacância que a interrupção das atividades laborais causa. A beira do Taquari, em Estrela, potencializava, nestes períodos, um espectro muito maior de intersubjetividades devido à maior “variedade” de pessoas que a frequentavam. Não devemos nos enganar, porém. O entrevistado 3 relata que a Praia do Taquari era, conforme sua expressão, o “point da classe média”. Tendo este grupo social maior exclusividade sobre a beira do Rio, inferimos que as atividades praticadas no local possuíam um modelo de fruição circunscrito aos seus desejos entre os quais, observamos, a busca por analogias com a vilegiatura marítima, através dos banhos de Rio e de sol, a competição entre os municípios que compunham o Vale do Taquari à época, codificada por meio dos concursos de “Miss Cascalho”, a procura, através de atividades hedônicas, de independência e sociabilidade entre os jovens moradores da Rua da Praia. Os estabelecimentos de venda de comida e bebida auxiliavam a reforçar o ideal e os ritmos lentos do ócio. Entretanto, conforme nos relatam os entrevistados 2, 3 e 6 havia a ocorrência de uma prática muito pitoresca no dito “mato fechado” que ficava às margens do Rio Taquari. A entrevistada 6 descreve:

Tinha um balneário no Rio Taquari, pra baixo da barca, que funcionava no verão. Diversas famílias tinham construção, tinham cabanas construídas de madeira

dentro da parte que tinha mais árvores. Muitas até cercavam com fitas no entorno de sua cabana, e ninguém passava. (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

Sobre esse hábito, a entrevistada 2 relata:

As famílias tinham refúgios junto às árvores e ali elas tinham cabanas. Era tipo um acampamento. Faziam fogo, churrasco, esquentavam água, descansavam. Era num lugar mais para baixo do lugar que os caminhões pegavam a barca. Ali o pessoal só faltava dormir, mas uns às vezes dormiam. (Entrevistada 2 [ago./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 76 min).

Em primeiro momento, observamos terem sido as cabanas as corporificações mais sólidas e duradouras de uma relação entre alguns humanos com o Rio que poderíamos definir de balneária. A partir destes dois trechos de relato, também ressaltamos a similaridade que havia entre a crescente busca das áreas litorâneas como local de segunda residência e a utilização das margens do Taquari como local de acampamento, aos quais estão inerentes os ritmos vagarosos de férias. De fato, evidenciamos essa semelhança tanto pela ocorrência de atividades domésticas nestas cabanas, dentre as quais estão citados o preparo das refeições e as atividades de repouso e descanso, quanto pelo convívio familiar por elas suscitado. A reforçar analogias entre os acampamentos e a vilegiatura marítima como local de segunda residência havia também as apropriações de pedaços destas paisagens balneárias que eram de exclusividade das famílias possuíam as cabanas. Interessa-nos ainda o fato de que estas privatizações de partes da margem do Rio, exercidas por algumas famílias, fossem reconhecidas pelos demais frequentadores, o que nos induz a pensar que os indivíduos reconheciam nesta prática o exercício da propriedade privada inerentes às paisagens da moradia.

Todas estas atividades, em que o Rio se fazia cúmplice dos desejos humanos, não impediam relatos nos quais, com exceção do entrevistado 4, descrevem suas forças que às vezes devoravam algumas vidas. A entrevistada 1 revela que não costumava tomar banho nas “águas traiçoeiras” do Rio Taquari porque, segundo ela, muitas pessoas se afogavam próximo às margens opostas à Rua da Praia. Não obstante, a entrevistada 2 relata uma família que perdeu suas duas filhas, uma tentando salvar a outra de se afogar. Já o entrevistado 5 afirma que sua mãe geralmente não o deixava tomar banho de Rio por medo dos afogamentos. O entrevistado 3, entretanto, justifica

Mas isso geralmente acontecia com gente que não nadava muito no Taquari e que ficavam em partes não de cascalho, mas de barranco e daí era fundo e não tinha noção. (Entrevistado 3 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo .mp3, 67 min).

Nos subcapítulos anteriores, vimos como, em certos períodos, o Taquari demonstrava que sua força não podia ser controlada pelos humanos. Ele atravancava o transporte das embarcações, impossibilitando-as de chegar aos seus destinos, impondo seus ciclos de cheia e de seca. Ele também oprimia as atividades relacionadas às paisagens da moradia, invadindo e destruindo seus bens e interrompendo suas atividades domésticas, entre os meses de julho a setembro. E no período de verão, ele causava mortes por afogamento àqueles que se aventuravam demais em suas águas. O entrevistado 3 foi o único que, estimulado a relatar vivências a partir do tópico inicial, relatou quase tão-somente suas experiências e atividades no Rio Taquari junto a seus familiares. É possível que essas vivências tenham-no estimulado a produzir maior guarida e idealização sobre o Rio Taquari, já que ele assegura, conforme observamos no trecho de relato acima, que a maior parte dos afogamentos ocorria devido à imperícia dos afogados frente à disposição dos elementos e a natureza das forças do Taquari.

No entanto, o que observamos ser mais frequente as oralidades ressaltarem são representações idílicas sobre as paisagens balneárias, embora menos saudosistas do que as paisagens da moradia, com exceção do entrevistado 3, como vimos no parágrafo anterior. É plausível que isso se dê pelo fato de que algumas vezes o Rio Taquari se fizesse presente por meio do desamparo (no caso dos períodos de seca) ou de forças sufocantes e destruidoras, ante as quais os humanos nada podiam fazer.

Devemos nos lembrar, mais uma vez, que essas paisagens se fazem presentes somente como memória, pois, como presença sólida das atividades humanas, ou elas não existem mais (no caso da maior parte dos elementos antes presentes na Rua da Praia) ou foram intensamente modificadas (no caso do Rio Taquari). A entrevistada 6 significa suas paisagens balneárias de maneira bastante saudosista. Ela afirma que

Era tão agradável... o Rio era extremamente limpo; e tu podia entrar na água até a cintura e enxergava os pés de tão limpo que era. Depois com a barragem em Bom Retiro aí ficou submersa essa área e não tinha mais como usar como balneário. (Entrevistada 6 [out./2014] Entrevistador: Lucas Schneider. Porto Alegre, 2015. 1 arquivo mp3, 72 min).

A água cristalina, associada à limpeza e aliada à perda do Rio como uso balneário intensifica o sentimento de nostalgia da entrevistada, embora possamos afiançar que as futuras transformações que ocorreriam com o elemento aquático após a instalação da barragem-eclusa em Bom Retiro do Sul auxiliaram a aumentar a idealização dos balneários do Rio. Aqui, citamos Pesavento (2006), que nos ampara na questão temporal da memória: as memórias balneares presentificam simultaneamente seus tempos passados- as experiências colhidas com as práticas que a balneabilidade do Rio Taquari permitia à entrevistada- e seus tempos futuros- os sentimentos relacionados à transformação da paisagem e à perda do balneário.

É ainda importante explicarmos que, embora tenhamos dedicado um subcapítulo especial a paisagens balneares, elas não estavam separadas ou afastadas da Rua da Praia. Não devemos nos esquecer de algumas falas de entrevistados que evidenciam, mesmo ao relatar suas práticas balneárias, a presença das representações de comunidade que havia entre os residentes da Rua. O entrevistado 3, lembremos, afirma que “o pessoal da Rua se criou na beira do Rio, tomando banho”. Assim, as lembranças das atividades balneares se entrelaçam a hábitos intersubjetivos que os moradores estabeleciam na Rua da Praia e reforçavam na beira do Rio. Devemos nos recordar que muitas das relações de vizinhança e amizade eram avigoradas por certas práticas intersubjetivas à beira do Rio: as atividades hedônicas, praticadas entre os jovens moradores da Rua ilustra esse processo, bem como o hábito, conforme nos escreve o entrevistado 4, do preparo do churrasco na beira do Rio pelos moradores da Rua da Praia, sugerem conectividades entre paisagens da moradia e paisagens balneares. Em suma, presentifica-se aqui a totalização da paisagem (INGOLD, 1993), em virtude de que relações existentes entre moradores da Rua refletiam-se de maneiras específicas em suas paisagens balneárias no Rio Taquari.

8. A TEIA

Esperamos que esta pesquisa tenha cumprido com sua principal intencionalidade: ter elucidado, a partir de memórias de vivências, a composição de paisagens antes das transformações da década de 1970 na Rua da Praia. Embora, no trabalho, tenhamos classificado inúmeras paisagens relatadas, de modo algum isso significa que elas estivessem separadas e isoladas umas das outras, de maneira que eram diversas atividades inerentes à sua formação que lhes faziam ressoar umas às outras. Algumas destas atividades eram humanas e outras, não humanas, lembrando aos seres humanos que residiam à beira do Rio que nem todas as forças não humanas são complacentes com seus desígnios.

Para que pudéssemos compreender as significações memoriais dadas à Rua da Praia, buscamos em Jodelet (2009) escritos sobre representação. Vimos que as próprias representações se constituem enquanto teia, uma vez que combinam três diferentes esferas para lhes comporem: a subjetiva, a intersubjetiva e a transubjetiva, em que experiências e vivências subjetivas são inseridas e compartilhadas com os outros em uma rede de sentido construída a partir da comunicação, mas também a partir da informação (transubjetividade).

Neste sentido, as paisagens que adotamos no capítulo 7 não se constituem enquanto unidade, mas sim enquanto categorias de significação da paisagem relatadas pelos indivíduos entrevistados. Por isso, adotamos um conceito de paisagem a partir de algumas ideias de Ingold (1993): que a paisagem não é um ente exterior aos humanos; suas atividades e seus tempos são testemunhados como e na paisagem, assim como a paisagem deixa impressa no corpo e na mente humanos tempos não humanos. Ao serem questionados sobre suas vivências na Rua da Praia, os indivíduos narravam representações a partir das experiências que haviam tido na paisagem. Por isso, precisávamos compreendê-la não como unidade de porção do espaço, mas sim como um agregado de aconteceres (que denominamos totalização) do qual, a partir de experiências, os indivíduos arrebatavam significações com a paisagem. No entanto, precisávamos entender melhor a questão de que estas significações possuem um tempo memorial. Buscamos em Pesavento (2006) a conceituação de que memória está além do verdadeiro

ou do falso, tanto porque um fato depende do lugar social do indivíduo que relata, quanto porque as narrativas trazem o passado sob a luz do indivíduo do presente. À luz de Pesavento (2006) e de Jovchelovitch & Bauer (2010), também pudemos compreender que as memórias narradas ao ouvinte pelos entrevistados dependiam daquilo que estes decidiam contar ao entrevistador, da interpretação que o ouvinte fazia de suas histórias e de sua bagagem teórica e, finalmente, de sua imersão ao posterior texto escrito e dos próprios limites da linguagem escrita. Foi a partir destes processos que decidimos categorizar os três eixos de paisagem do capítulo anterior: as paisagens do labor, da moradia e do lazer, que foram encontradas a partir da interpretação de paisagens narradas pelos entrevistados.

Pudemos, no capítulo 7, observar que a corporificação das formas é inerente à ocorrência das forças e das atividades realizadas por elementos humanos e não humanos, de maneira que as podemos observar como paisagem, como testemunha de tarefas sólidas e visíveis. O Porto, o caminho para a barca, as empresas e os inúmeros barcos mostravam alguns dos trabalhos movidos por projetos humanos: de acumular bens, de superar as escalas locais, de construir para si um horizonte geográfico artificial (Dardel, 2011). E é justamente no exercer destas atividades que a paisagem se fazia indivisível: como totalidade, vimos que as tarefas nunca se realizavam de maneira isolada porque elas estavam entrelaçadas aos diferentes ciclos e ritmos de outros elementos presentes na paisagem. Assim, se constatamos que os ciclos, os ritmos e as corporificações descritos pelos entrevistados eram inerentes à execução de suas tarefas e suas atividades, podemos afirmar que eles vazavam (INGOLD, 2012) para outras atividades. Ora, e não era isso que acontecia quando os indivíduos iam à Padaria para prosear com aqueles estavam ali para esperar a barca? E quando nos lembramos de que o apito da Cervejaria fazia as crianças voltarem às suas casas? E isso sem falarmos das ociosas atividades à beira do Rio durante os finais de semana, permitidas pelos hiatos do trabalho. Em suma, as paisagens da Rua da Praia eram compostas pelas mais diferentes atividades que, tecidas umas com as outras pelas suas interdependências requisitadas pelo habitar humano, compunham uma teia, ainda que cada um de seus fios tivesse suas especificidades. Era isso que ocorria com as atividades dos três eixos de significação dados às paisagens pelo autor.

Também devemos refletir sobre as significações que os indivíduos ligavam às paisagens relatadas. Elas se produziam devido às suas experiências subjetivas à beira do Rio embora, como sabemos, elas podiam ser também postas em comum e ressignificadas a partir de ocasiões que possibilitavam intersubjetividades. Nos subcapítulos anteriores, descrevemos atividades que estimulavam intercâmbios de representações, tal como era o caso das hedônicas atividades dos jovens moradores de Rua da Praia que, reunindo-se clandestinamente à beira do Rio, criavam e reforçavam comportamentos e ideais que lhes davam uma identidade e um lugar social (PESAVENTO, 2006). Também poderíamos mencionar os encontros vespertinos entre moradoras da Rua da Praia, animados por quitutes e chimarrão, que permitiam a troca de diversos saberes e informações. Finalmente, ainda devemos lembrar-nos da dimensão transubjetiva, presente, por exemplo, no caso do Concurso de “Miss Cascalho”, episódio em que a ação do Estado se fazia presente. Admitimos, no entanto, que mesmo as representações são, sobretudo, sociais, constituídas novamente pelo processo de totalização, porque as experiências e vivências individuais, mesmo que não fossem compartilhadas entre os indivíduos, inseriam-se numa rede de sentido intersubjetiva. Afinal, assim como as atividades não são herméticas, as representações também não o são, embora cada indivíduo produza as representações de um modo único e, portanto, subjetivo.

Ainda devemos considerar que as significações presentes nos relatos são memórias, já que elas, conforme escreve Pesavento (2006), presentificam ausências referentes às paisagens relatadas pelos moradores da Rua da Praia. Mas a autora também escreve que as memórias não são puras, porque dependem de intenções daqueles que relatam e porque os fatos e as representações relatadas estão imersos no tempo futuro das lembranças. Havíamos descrito no capítulo como boa parte das experiências colhidas com as paisagens da Rua são aprazíveis. No subcapítulo que aborda as atividades laborais, muitos dos antigos moradores da Praia significavam como áureos e abastados os períodos em que havia ritmos acelerados na Rua causados, segundo eles, pela presença de diversas empresas e pela navegabilidade do Taquari. No segundo subcapítulo, reconhecemos memórias deleitosas relacionadas aos prazeres das relações de amizade e confiança entre moradores da Rua da Praia, bem como à fartura de peixes que o Rio Taquari propiciava. Por fim, relatamos também as práticas balneares que eram

realizadas durante o verão à beira do Rio e o prazer que isso proporcionava aos moradores da Rua que tinham sua “própria praia”. Se questionarmos sobre o que há de semelhante entre os indivíduos que relataram suas vivências há dois aspectos: um deles é suas idades avançadas. O outro é as saídas indesejadas da Rua da Praia, causada pela privatização da área de estudo pela Polar. Estes aspectos possivelmente intensificaram os saudosismos dos entrevistados na época em que moraram na Rua da Praia.

Então, podemos assentir que, assim como as permeabilidades entre os elementos constituintes das paisagens e entre as próprias paisagens são intrínsecos à miscibilidade de forças e a atividades humanas e não humanas, assim como comunicações entre os indivíduos tornam sociais as representações, o suceder dos eventos, intrínseco aos seus próprios ciclos e ritmos permite tece permeabilidades entre tempos passados e futuros.

No entanto, se expomos que paisagem, representação e tempo são constituídos por permeabilidades, há também rompimentos. É que certas atividades humanas e não humanas causavam quebras a tessituras muito imprescindíveis entre os moradores da Rua da Praia. Vejamos o Rio Taquari: seus ciclos de cheia e de seca causavam embaraços nas atividades laborais e da moradia. Os barcos encalhados, as casas invadidas pelas águas do Rio e a conseqüente necessidade de egressão causavam grandes transtornos aos moradores da Rua da Praia: os ciclos de cheia não auxiliavam os indivíduos em seus projetos de vida.

É importante explanarmos ainda que, se em certas ocasiões o Rio Taquari, através de seu elemento líquido, unia locais distantes, permitindo a superação de escalas locais, o mesmo elemento líquido permitia também a separação, possibilitando uma oposição entre suas margens que autorizavam as paisagens a encontrarem seus limites. Em um trecho reconhecidamente belo de seu livro *O Homem e a Terra*, Dardel (2011, p. 22) escreve: “o mar une, e o mundo grego lhe deve a sua unidade. O mar divide: Gênova contra Veneza, Amsterdã contra Lisboa.”. Poderíamos, trocando o abstrato termo mar pelo Rio Taquari fazer essa afirmação: o Rio Taquari une, e os tempos áureos da Rua da Praia e de suas empresas lhes devem essa pujança. O Rio Taquari divide: Estrela contra Lajeado? Para parte dos entrevistados, sim.

Citamos, no entanto, dois trechos de oralidade dos entrevistados 4 e 5 que nos elucidam que quiçá a predileção do Rio Taquari fosse as conectividades e as permeabilidades que ele permitia. O entrevistado 5 afirma, como já havíamos descrito no capítulo 7, que “...a Rua tinha esse apelido [referindo-se ao termo Praia], porque todo mundo pra sair de Estrela tinha que ir à Praia pegar o vapor para viajar...”. O entrevistado 4 dá a sua significação ao nome: “o pessoal chamava assim porque era a última Rua do Centro antes do Rio, ficava na sua beira.”. Ao primeiro trecho, do entrevistado 4, a praia alude aos desígnios do deslocamento, das viagens e das aventuras humanas, enfim, à conectividade. Já a significação dada pelo entrevistado 4 acena para um espaço de contato entre os elementos líquido e terrestre, por isso, à permeabilidade. Entretanto, em ambas as significações, percebemos a existência do ideal de fronteira: um local de trocas e de encontros, de misturas, de chegadas e de saídas, enfim, de conexões, penetrabilidades, somente possíveis graças a existência do Taquari que, embora acolhesse os desejos humanos, não se tornava passivo por isso, mas sim vivo e vivificante, imerso em seus próprios ciclos e determinante de tantos outros ciclos e ritmos, não humanos ou humanos.

O processo de privatização ordenado pelo crescimento da Cervejaria Polar acabou por quebrar tantas dessas tessituras descritas nos capítulos 6 e 7. Induzindo os indivíduos a saírem de paisagens que ajudavam a compor, ciclos, ritmos e inclusive corporações estabelecidos no local deixaram de existir. A entrevistada 2 ilustra esse processo com uma frase emblemática: “...isso ali [referindo-se à Rua da Praia] ficou, isso se perdeu.”. Perderam-se paisagens como projetos do habitar o mundo e como testemunhas das atividades humanas e não humanas, causando vacuidades de significação ao local. Ficaram-se, no entanto, seus tempos, seus ciclos e seus ritmos, como memória humana.

Atualmente, como vimos no capítulo 6, há um projeto de revitalização da administração municipal em andamento, que pretende, segundo suas diretrizes, resgatar o relacionamento da cidade com o Rio, ilustrado pela figura 29. Nós observamos, através de 4 campos durante o processo de pesquisa, alguns usos a que indivíduos davam ao antigo Porto revitalizado e tornado ponto turístico: alguns sentavam e ficavam a observar o Rio, frequentemente levando outras pessoas consigo. Outros, desciam as escadarias do

Porto, aproximando-se mais do Taquari. Outros ainda, por meio de canoas, adentravam no Rio, fazendo passeios. No entanto, o que mais destacamos é a presença de uma comunidade no sítio do Facebook que se intitula “Quero meu Taquari de volta”. O interessante é que a maior parte dos indivíduos que fazem parte dela são jovens: prova de que os hiatos de rupturas estão encontrando resistências de permanecer por memórias de um passado idílico que quer se fazer presente. Uma teia tão densa é difícil de ser rompida.

REFERÊNCIAS

ABREU, Joaquim Marques de. **Meus oito anos**. In _____. **Primaveras**. Disponível em: < <http://www.velhosamigos.com.br/AutoresCelebres/CasemirodeAbreu/casemiro.html> > Acesso em 17 de novembro de 2014.

ABREU, Maurício. **Sobre a memória das cidades**. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; SOUZA, Marcelo Lopes de; SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão (orgs). A produção do espaço urbano: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

AEPAN ONG. **Dados sobre o Rio Taquari e a Rua da Praia**. Disponível em: < <http://aepan.blogspot.com.br/> > Acesso em 13 de setembro de 2014.

AMARAL, Ilídio. **Acerca de paisagem: apontamento para um debate**. Revista Finisterra, v. 36, n. 72, p. 75-81. Lisboa. 2001.

BAUER, Martin; AARTS, Bas. **A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

BERTRAND, Georges. **Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico**. Revista Raega, Curitiba, n. 8, p. 141-152, 2004.

CAPELATO, Maria Helena. **Propaganda política e construção da identidade nacional coletiva**. Revista Brasileira de História, v. 16, n. 31 e 32, p. 328-352, 1996.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CLAUSSEN, Miriam Raquel da Silva. **O processo de urbanização do município de Imbé, RS: dinâmicas socioespacial e socioambiental**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2013. 111f.

CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

CORREA, Sílvio Lauro. **Germanidade e banhos medicinais nos primórdios dos balneários do Rio Grande do Sul**. Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2010.

DARDEL, Eric. **O homem e a Terra: natureza da realidade geográfica**. São Paulo: Perspectiva, 2001.

FERNANDES, Diogo Lüders; HORODYSKI Graziela Scalise; FILIPPIM Marcos Luiz. **O uso de entrevistas narrativas na pesquisa geográfica: reflexões**. Reencuentro de Saberes Territoriales Latinoamericanos. Encuentro de Geógrafos de América Latina. Peru. 2013.

FERRI, Gino. **História do Rio Taquari-Antas**. Encantado: Grafen Gráfica, 1991.

GASKELL, George. **Entrevistas individuais e grupais**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

HESSEL, Lothar. **O município de Estrela: história e crônica**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 1983.

HETTNER, Alfred. **Die Geographie als chorologische Wissenschaft der Erdoberfläche**. In: _____(org). Die Geographie, ihre Geschichte, ihr Wesen und ihre Methoden. Breslau: Ferdinand Hirt, 1927.

HUMBOLDT, Alexander von. **Cosmos: ensaio de uma descrição física do mundo**. Tradução de MENDOZA, Josefina et al. (orgs). El pensamiento geográfico. Madri: Alianza, 1982.

HUSSERL, Edmund. **A idéia da fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1989.

INGOLD, Tim. **The Temporality of the Landscape**. World Archaeology, Aberdeen, v. 25, n. 2, p. 152-174, out. 1993. Disponível em: < http://api.ning.com/files/j71ggSZMV5hpaYjS62lyJL8I8Xju*SBfRkD7Kfym6l06nBpzWoeO*-GyGqXXAal5/ingold_temporalityoflandscape.pdf > Acesso em 28 de agosto de 2014.

_____. **Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais**. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, v. 55, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin. **Entrevista narrativa**. In: BAUER, Martin; GASKELL, George (orgs). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2010.

JODELET, Denise. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. Sociedade e Estado, Brasília, v. 24, n. 3, p. 679-712, set./dez. 2009.

LA BLACHE, Paul Vidal de. **Os gêneros de vida na geografia humana**. Anais de geografia, n. 111, 1911.

LINDÓN, Alicia. **Los imaginarios urbanos y el constructivismo geográfico: los hologramas espaciales**. Revista Eure, Santiago, v. 33, n. 99, p. 31-46, ago. 2007.

MONBEIG, Pierre. **Paisagem: espelho de uma civilização**. Ensaios de Geografia Humana. São Paulo: Livraria Martins, 1939.

MOREIRA, Ruy. **Para onde vai o pensamento geográfico? Por uma epistemologia crítica**. São Paulo: Contexto, 2006.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Palavras para crer: imaginários que falam do passado**. Nuevo Mundo Mundos Nuevos, jan. 2006. Disponível em: < <https://nuevomundo.revues.org/1499> > Acesso em 3 de novembro de 2014.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ESTRELA. **Album comemorativo do cinquentenario do município de Estrella**. Estrela. 1926.

SAMPAIO, Assis. **Nas barrancas**. Lajeado: Editora da Univates, 1998.

SANTOS, Milton. **A Natureza do espaço: técnica e tempo. Razão e emoção**. São Paulo: Edusp, 2011.

_____. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1992.

SARAMAGO, Lígia. **Como ponta de lança: o pensamento do Lugar em Heidegger**. In: MARANDOLA JR, Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia. Qual o Espaço do Lugar? São Paulo: Perspectiva, 2012.

SAUER, Carl. **A educação de um geógrafo**. Annals of the Association of American Geographers, v. 46, p. 287-299, 1956.

SCHIERHOLT, José Alfredo. **Estrela: ontem e Hoje**. Estrela: Edição do autor, 2002.

SCHNEIDER, Lucas Porfírio. **Memórias de uma ruptura de ritmos e símbolos e o Rio Taquari em Estrela/RS**. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia). Porto Alegre: IGEO/UFRGS, 2013. 97f.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço geográfico uno e múltiplo**. In SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes; BASSO, Luiz Alberto; VERDUM, Roberto. Ambiente e lugar no urbano/A grande Porto Alegre. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2001.

TRICART, Jean. **El análisis de sistemas y el estudio integrado del medio natural**. Anales de geografía, v. 88, p. 705-714, 1979.

TROLL, Carl. **Ecología da paisaje**. Anales de geografía, v. 34, p. 645-657, 1950.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Londrina: Eduel, 2012.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.